



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Geovanne Otavio Ursulino da Silva

GIORNO E NOTTE:
VIVÊNCIAS DE UM IMIGRANTE ITALIANO EM MACEIÓ - AL (1991-2016)

Maceió
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Geovanne Otavio Ursulino da Silva

GIORNO E NOTTE:
VIVÊNCIAS DE UM IMIGRANTE ITALIANO E MACEIÓ - AL (2016-1991)

Maceió
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586g Silva, Geovanne Otavio Ursulino da.
Giorno e Notte : vivências de um imigrante italiano em Maceió – AL (1991-2016) /
Geovanne Otavio Ursulino da Silva. – 2020.
132 f.

Orientadora: Lídia Baumgarten.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em
História. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 125-132.

1. Alagoas - História. 2. História contemporânea. 3. História oral. 4. Imigração italiana. I. Título.

CDU: 94(813.5): 314.742(450)

Folha de Aprovação

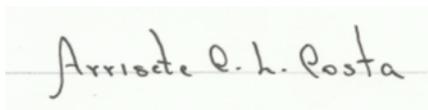
GEOVANNE OTAVIO URSULINO

Giorno e Notte: Vivências de um imigrante italiano em Maceió/AL (1991-2016)

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 17 de agosto de 2020.



Prof^a. Dr^a. Lidia Baumgarten (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Arrizete Cleide Lemos Costa (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Marcelo Goes Tavares (Examinador Externo)
Universidade Estadual de Alagoas

A **Riccardo Canesi**, por sua
vida e por compartilhá-la
comigo.

AGRADECIMENTOS

Há muitos a quem agradecer por suas contribuições à realização desta dissertação, Pois este processo foi feito com pesquisa, documentação, leituras, abraços e afagos nos momentos de turbulência.

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal de Alagoas, instituição que me abriu suas portas há dez anos, quando iniciei minha graduação em História, e sem a qual não teria acesso ao universo que só a universidade pode proporcionar. Por uma universidade pública, popular, gratuita e de qualidade!

Agradeço a Riccardo Canesi, por não apenas compartilhar suas memórias comigo, mas também por abrir sua casa para mim e me receber com sua família. Um abraço para Dagmar, Roberto e Formiga Canesi!

Agradeço a Ana Iris por ter estado comigo em todo processo que resultou nesta dissertação. Companheira no amor, na universidade e, principalmente, companheira na aventura da vida.

Agradeço a Luzinete Clementino, minha avó, que sempre me acolheu de braços abertos, por seu afeto incondicional, por acreditar em mim e por apostar em mim mesmo quando nem eu apostei. Sem ela, não estaria aqui.

Agradeço a Alberto Lins Caldas, professor, amigo e conselheiro, por acreditar em mim e me introduzir mais e mais fundo no amor pela História e pelas Humanidades. Pela confiança, pela atenção, pela paciência e, especialmente, por ter me pego pela mão quando meus passos andavam tão tortuosos.

Agradeço a Lídia Baumgarten, professora, orientadora e inspiração com o trato com a academia. Obrigado por acreditar em minhas propostas, acreditar em minha pesquisa, acreditar em mim, por fim. Pela orientação, pela paciência, pela força e por ter sido a melhor orientadora que eu poderia ter encontrado, pelo seu grande coração e por ter vencido a covid-19!

Agradeço à Banca Avaliadora, nas pessoas do professor Dr. Marcelo Góes e professora Dr^a. Arrizete Costa. Especialmente à professora Arrizete Costa, com quem tive a honra de ter aulas tanto na graduação quanto no mestrado – um exemplo de intelectual que trarei comigo pela vida, um exemplo de profissional e de humanidade.

Agradeço também aos amigos que estiveram ao meu lado nesses longos anos, especialmente Karol Pimentel, Renata Batista, Wellington Pereira, Jarisson Albuquerque, Victor Souza, Mácllem Luan, Léo Barth e Matheus Lima – por terem sido obrigados a me ouvir falar incontrolavelmente sobre a pesquisa nos últimos dois anos.

Agradeço ao corpo docente do Departamento de História da UFAL, professores que foram importantes para minha formação acadêmica e humana.

Por fim, quero agradecer ainda ao Pink Floyd, grupo que forneceu a trilha sonora para as muitas horas de leituras, pesquisas, reflexões e escrita para esta dissertação.

Escrever a história é, mais do que nunca na minha vida, um ato político!

**Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovia per una selva oscura,
ché lá diritta via era smarrita.**

Comédia
Inferno, Canto I, verso 1
Dante Alighieri

RESUMO

O deslocamento de pessoas na Península Itálica é um fenômeno que pode ser observado ainda na Baixa Idade Média. Deslocamento que conheceu seus índices mais elevados no século XIX e início do século XX. O Brasil foi um dos principais destinos desses imigrantes oitocentistas que partiam da Itália em busca de melhores condições de vida, fugindo da miséria e de perseguições políticas. Entretanto, nas últimas décadas do século passado, conforme observa Bertonha, há um novo perfil de imigrantes italianos, tanto na forma como essa imigração ocorre quanto nos motivos e nos destinos desse deslocamento. A investigação empreendida nesta dissertação toma como porto de partida nos relatos das memórias de Riccardo Canesi, italiano que vive em Maceió há mais de 25 anos. Busco inserir sua imigração nas condições observadas por Bertonha. Busco também discutir sobre os processos de representação realizados por Canesi e refletir sobre as maneiras que estas foram condicionantes às suas práticas e condicionantes na escolha da cidade de Maceió para viver.

Palavras-chave: História de Alagoas. História Contemporânea. História Oral. Imigração Italiana.

ABSTRACT

The displacement of people in the Italic Peninsula is a phenomenon that can be observed even in the Late Middle Ages. Displacement that reached its highest rates in the 19th and early 20th centuries. Brazil was one of the main destinations of these 19th century immigrants that left Italy in search of better living conditions, fleeing from poverty and political repression. However, in the last decades of the last century, as observes Bertonha, there is a new profile of Italian immigrants both in the way in which this migration occurs, as well as in the reasons and destinations of this displacement. The research undertaken in this dissertation takes as starting point the reports of the memories of Riccardo Canesi, an Italian who lives in Maceió for more than 25 years. I seek to insert his immigration in the conditions observed by Bertonha. I also seek to discuss the representation processes carried out by Canesi and reflect about the ways of how this representations conditioned his practices and his choice of the city of Maceió to live.

Keywords: History of Alagoas. Contemporary History. Oral History. Italian Immigration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DISCUSSÃO METODOLÓGICA	21
2.1 História Cultural	21
2.2 História Oral	25
2.3 O uso da Cápsula Narrativa na História Oral	28
2.4 Dos diálogos que foram possíveis	34
3 PRIMEIRA PARTE DA LEITURA	43
3.1 Axis mundil	43
3.2 Caule	49
3.3 Galho-infante	64
3.4 Galho-viagens	75
4 SEGUNDA PARTE DA LEITURA	88
4.1 Galho-ludens	88
4.2 Galho-labor	95
4.3 Galho-crime	104
4.4 Galho-ego	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

A imigração de italianos para o Brasil teve início, em números realmente consideráveis, no início da década de 1880. Esses imigrantes vindos, em sua grande maioria, do Sul da Itália, região menos abastada do país, somaram ao todo cerca de 7,7 milhões de pessoas entre 1881 e 1914, segundo dados da pesquisadora Lucia Luppi Oliveira (2006). O perfil desse imigrante, ainda de acordo com Oliveira, é o daquele indivíduo que sai de sua pátria em busca de melhorias em suas condições de vida:

Já foi dito que a emigração é uma expressão da liberdade de movimento, mas é também um produto da escassez, já que foi o novo arranjo industrial na Europa, com grande concentração populacional nas cidades, que produziu uma população excedente, aquela que vai procurar condições de vida em outras terras (OLIVEIRA, 2006, p. 11).

O imigrante desejado pelo Brasil era aquele que pudesse substituir a mão de obra escrava, que já estava prestes a ser abolida. Ou seja, agricultores, colonos e artesãos que estivessem dispostos a viver em colônias. No Nordeste do Brasil, segundo Vittorio Cappelli (2007, p. 20), o imigrante italiano:

[...] trata-se de artesãos e de pequenos comerciantes que, com frequência, começaram como empregados em oficinas e pequenas lojas, ou como mascates na zona rural. Foram inicialmente financiados pelos conterrâneos que lhes precederam e que os convidaram a emigrar. Numerosos eram os artesãos especializados no trabalho com metais, como caldeireiros, funileiros, fundidores, chamados a partir da multiplicação das usinas de açúcar; muitos também eram alfaiates e sapateiros; e não poucos foram aqueles que se tornaram industriais.

Mas o deslocamento de pessoas, tanto dentro da Península Itálica quanto para fora dela pode ser observado desde a Baixa Idade Média, sendo que suas Cidades-Estados foram as protagonistas no processo que ficou conhecido como Renascença. Alguns fatores foram determinantes para que, apesar de ser o berço renascentista, a Península não tenha se mantido na vanguarda do novo modo de vida que se desenvolveu desde então. A não unificação foi um dos principais. Enquanto Portugal e Espanha, por exemplo, constituíram inúmeras colônias além-mar, enquanto a Inglaterra e a França se destacaram, alguns séculos adiante, na Revolução Industrial –, é apenas no século XIX que a Península é unificada e se torna Itália, mais ou menos com os limites que conhecemos hoje.

O processo de unificação, imposto de cima para baixo, gerou uma série de conflitos e acabou por aprofundar diferenças sociais, especialmente entre as regiões Sul e Norte

daquela nova nação. E nesse contexto se deu as grandes migrações italianas, não só para o Brasil, mas para o mundo de um modo geral. Migração, inclusive, incentivada pelo próprio Estado italiano. E são essas pessoas que se enquadram no perfil do imigrante anteriormente destacado: jovens, pobres, fugindo da miséria, da fome e de perseguições políticas e da guerra. Desta feita, mais uma vez, o *Novo Mundo* se apresentou como um El Dourado possível, como uma oportunidade de transformação de vida, possibilidade de ser feliz.

Riccardo Canesi nasceu décadas depois do início dessas migrações para o Brasil. E veio para cá um século depois que seus conterrâneos. Sendo assim, as circunstâncias e as motivações para essa imigração são completamente diferentes. Embora esta dissertação trate também do processo imigratório desse italiano para Alagoas, sua experiência não pode ser enquadrada nos quadros oitocentistas, tendo em vista a especificidade do seu caso.

Canesi nasceu em plena Segunda Guerra Mundial, em 13 de julho de 1943, e veio ao Brasil pela primeira vez no ano de 1991. Filho de uma família, cuja tradição era os homens serem marinheiros mercantes, foi impedido pelo pai de manter o vínculo com esse legado, fazendo com que exercesse uma série de profissões ao longo da vida. Sem uma formação profissional e tendo abandonado a escola antes de concluir o Ensino Básico, trabalhou nos Correios, foi criador de animais para a confecção de casacos com suas peles, proprietário de uma casa de jogos eletrônicos, agenciador de encontros românticos (apesar de só ter conseguido efetivar um casamento), vendedor de obras de arte. Já no Brasil, foi proprietário de uma escola de capoeira, de uma casa de shows, de lojas de artesanato e mecenas de um escultor. Mais recentemente, abriu uma loja para venda de licores e produtos caseiros em conserva.

Ele também viajou por quase toda a Europa, de Leste a Oeste. Com exceção do Norte, por desgostar de temperaturas baixas. Viajou também pelo Norte da África, pelo Deserto do Saara. Sua narrativa sobre suas viagens à África são as que mais encontram destaque em seu relato, por se tratar de uma realidade avessa à sua e especialmente próximo, ainda mais para quem parte da Itália, que adentra o Mar Mediterrâneo.

Migrou para o Brasil em 1991, morando inicialmente no Bairro da Cruz das Almas, próximo ao mar. No ano seguinte foi para o Bairro do Pontal da Barra viver entre a Laguna Mundaú e o mar. Por aqui casou-se com Dagmar Ferreira Beatriz, feita Dagmar Beatriz Canesi após o casamento. Ela brasileira, da cidade de São Paulo. O casamento civil foi realizado na cidade de Porto Seguro, no dia 30 de abril de 1992, e o religioso na Paróquia de Nossa Senhora Achiropita, no Bairro da Bela Vista, em São Paulo, no dia 15 de maio do mesmo ano. Também adotou uma criança brasileira, maceioense – Roberto Canesi.

Em Maceió, frequentou um curso no Bairro do Farol para a conclusão do Ensino Médio, em 2009. No mesmo ano, prestou o já extinto Processo Seletivo Seriado (PSS) para ingressar na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E, aos 66 anos de idade, em 2010, iniciou o curso de Bacharelado em História pelo Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da UFAL. Recebeu o diploma de historiador em agosto de 2017.

E foi nos corredores do ICHCA que o conheci. Ingressei no curso de Licenciatura em História no mesmo ano que Canesi. Uma boa parte das disciplinas que cursei, o fiz nas turmas do Bacharelado, muitas das quais na sua turma. Acabei por ser, de certa forma, “adotado” por sua turma. De modo que os vínculos de amizade que trago ainda hoje da minha graduação são com pessoas dessa turma. E esses amigos em comum nos apresentaram. Embora o conheça desde 2010, nossa relação só se estreitou de fato quando do início desta pesquisa, em 2016. Tivemos em comum também o mesmo orientador de monografia, o professor Dr. Alberto Lins Caldas, de quem partiu a ideia deste trabalho.

No dia 25 de julho de 2016, 12 dias após seu aniversário de 73 anos, nos encontramos pela primeira vez. O encontro, assim como todos os demais, foi em sua residência no Bairro do Pontal. Apresentei a ele a ideia geral do projeto e na mesma oportunidade iniciamos os registros de suas memórias. Naquele dia gravamos cerca de 2h20min. Os registros se estenderam por mais duas oportunidades naquele mesmo ano: no dia 6 de setembro e no dia 20 de outubro; tendo por volta de 57min e 36min de áudios gravados, respectivamente. Somando, ao todo, cerca de 3h30min de gravações.

O processo de transcrição e correção durou um mês. Em horas corridas foram usadas cerca de 20 horas para as transcrições. Tempo que foi aumentado, em virtude de seu sotaque, apesar de ele dominar muito bem a língua portuguesa. As correções, por sua vez, foram feitas a quatro mãos. Dividi as transcrições em três partes, correspondentes aos três encontros, e as levei uma a uma para corrigir com ele. As correções no texto foram apenas pontuais, um processo de *pontuação*, que são pequenas correções que em sua grande maioria foram de ordem ortográfica, como pontos, vírgulas e o estabelecimento de parágrafos. Nada foi adicionado ou suprimido do que fora gravado. Esse momento do trabalho ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2017.

Em abril do mesmo ano iniciamos sua interpretação sobre as transcrições, por se tratar de uma ego-história. Entreguei as 30 páginas de transcrição impressas. Esse processo durou cerca de três meses e, por fim, foram escritas 15 páginas de interpretação por Canesi.

No final do ano submeti o projeto *Giorno e Notte: vivências de um migrante italiano* à seleção no Programa de Pós-graduação em História da UFAL. Projeto aprovado e que teve início no ano de 2018 sob a orientação da professora Dr^a. Lídia Baumgarten, resultando nesta dissertação. A realização desta pesquisa contou, ainda, com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas, a FAPEAL.

O trabalho está fundamentado na assertiva de João Fábio Bertonha (2018) que diz respeito a uma nova forma de migração italiana para o mundo a partir dos anos 1980 e 1990. Sendo esse deslocamento não mais relacionado com a fuga da miséria, nem com a consequente procura por melhores condições materiais de vida. Uma imigração que não constitui mais colônias nos lugares de destino, mas que é realizada individualmente por questões igualmente individuais.

Esse novo imigrante sai da Itália em busca de uma nova vida, normalmente tendo já vivido muitos anos em seu país de origem. A procura é por novas experiências, uma forma de reconfigurar sua própria vida, através da imigração na procura de experimentar novas vivências que sejam outras que não as ofertadas pela sociedade onde nasceu.

Busco, portanto, inserir Riccardo Canesi nessa nova imigração italiana. Uma nova imigração italiana para o Brasil que escapa do perfil daqueles imigrantes do século XIX e início do XX. Um imigrante europeu que não fixa morada nas regiões Sul ou Sudeste do país, destinos tradicionais dessas pessoas há muito tempo e onde está concentrada a grande maioria destes e de seus descendentes.

O projeto *Giorno e Notte: vivências de um migrante italiano*, que resultou nesta dissertação, é fruto da articulação, basicamente, de dois métodos: Cápsula Narrativa em História Oral e Ego-história. Tendo como narrador Riccardo Canesi, italiano que imigrou para o Brasil em 1991 se instalando em Maceió no ano seguinte, após buscar morada por outras cidades.

Procuro estabelecer uma relação entre a migração de Canesi e o fenômeno observado por Bertonha. Canesi chegou ao Brasil tendo vivido toda uma vida na Itália. Lá nasceu, estudou, trabalhou, casou-se, divorciou-se, viajou, aposentou-se. Veio para o Brasil já aos 48 anos de idade. Ele também não constituiu colônia por aqui: apesar de ter participado das atividades do Instituto Dante Alighieri em Maceió, não esteve muito inclinado a estabelecer laços mais profundos com os italianos viventes no local; majoritariamente seu círculo de amigos é constituído por brasileiros.

A escolha do destino para morar é também um fator determinante. Por se tratar de uma imigração individual, baseada em razões e propósitos pessoais, a escolha de Maceió é

deliberada, atendendo às necessidades próprias de Canesi e não a uma necessidade de trabalho, por exemplo, como era o caso de seus antepassados.

O período em que o narrador veio para o Brasil também pode ser enquadrado nas proposições de Bertonha. O ano foi 1991 e as razões foram específicas. A primeira delas foi o falecimento de sua ex-esposa. Para além da morte, que por si só já seria motivo suficiente para afetá-lo, as circunstâncias de sua morte foram agravantes: o avião em que ela era passageira caiu no Atlântico. Uma morte inesperada de uma pessoa ainda próxima, apesar do divórcio. Paralelo a isto, um grande amigo foi diagnosticado com câncer. E mais do que nunca, Canesi se viu diante da morte.

Esse encontro com a morte tão próxima a ele e o conseqüente luto em virtude desses episódios são apontados pelo narrador como o divisor de águas de sua vida; e, tomado pela ideia de que a vida, inclusive sua própria, é tão frágil podendo findar a qualquer momento por qualquer motivo, resolveu imigrar. E a escolha foi para um lugar distante de sua experiência europeia, no caso, o Brasil.

Por sua natureza tão pessoal, embora possa ser colocada dentro de processos muito mais amplos, o estudo deste caso de migração demandou o uso de categorias que buscassem lidar com a individualidade desse sujeito. Buscando não uma análise que parta dos fenômenos sociais para chegar ao indivíduo, mas sim a uma análise que, partindo de Canesi e de sua narrativa, possa investigar os muitos fenômenos sociais que o produziram e que são por ele produzidos, dando significado à sua própria existência.

As práticas da História Oral se mostraram as mais adequadas para esta investigação. Por se tratar de alguém vivo, o acesso ao próprio sujeito desta história foi possível, e como já observado, realizei os registros de memória em sua própria residência, em alguns encontros na companhia de sua esposa e de seu filho. E em todos na companhia de Formiga, gata de estimação da família, que vez ou outra tentou me tomar a caneta com a qual fazia minhas anotações. A História Oral possibilita uma experiência viva com o “objeto” de estudo, precisamente por se tratar de um ser humano vivo.

Fiz uso das noções da Cápsula Narrativa (CALDAS, 1998), que é um modo de se fazer História Oral. Em suas práticas está a procura por tornar a fala da pessoa que se propõe a conceder entrevista a mais livre possível. Deste modo, os registros que realizei com Canesi não foram baseados em uma lista de perguntas determinadas previamente. Pelo contrário, não houve qualquer pergunta da minha parte. Apenas apresentei de modo geral, a ideia do projeto e, feito isto, liguei o gravador e Canesi falou por três horas e meia.

Portanto, as transcrições que são o “texto base” desta dissertação foram produzidas como uma narrativa livre. Livre, mas não “pura” ou sem intenções. Não há a busca por uma pureza narrativa, pois este relato só surgiu através de minha proposição e de meu interesse. Mas livre, no sentido de que Canesi teve todo o espaço e tempo possível para criar sua estrutura narrativa, para estabelecer as imagens em sua narrativa, para selecionar as memórias que gostaria de relatar e a ordem na qual tudo isto foi narrado. E não sem intenções, pois a narrativa de Canesi é uma ressignificação de seu passado, significando suas vivências, até justificando determinadas escolhas e episódios por ele vivenciados. É uma maneira de conviver com o passado.

Por se tratar de um historiador diplomado, a categoria da ego-história (NORA, 1989) também está presente, mas não para tratar da relação de Canesi com Clio, como ocorre no caso dos *Ensaio de ego-história*, de Pierre Nora. Em primeiro lugar, sendo Canesi treinado nas disciplinas históricas, a própria narrativa por ele feita está atravessada por uma perspectiva histórica. Em segundo lugar, como já observado, ele realizou uma interpretação de sua narrativa, fazendo uso de categorias históricas. Portanto, é uma ego-história na qual um historiador faz um relato de sua vida enviesado pela História e empreende uma interpretação posterior deste relato. Mais uma vez acredito ser importante atestar a intencionalidade também nesta interpretação. Afinal, mesmo sendo um historiador e fazendo uso de categorias da História, essa sua leitura está permeada por seus interesses, as observações feitas por ele estão permeadas por seus interesses, a própria narrativa que é o “texto base” desta dissertação está permeada pelos interesses de Riccardo Canesi.

Proponho ainda um diálogo entre o estudo das mentalidades e a Psico-história, mais precisamente tomando como base a Psicanálise freudiana. Parto das proposições de Lucien Febvre (1985) e Peter Gay (1989), que observaram como que a mentalidade de um período histórico é determinante, também, na produção do psiquismo humano. Mais especificamente, faço uso da Psicanálise para investigar como o trabalho do luto foi determinante na imigração de Canesi por meio do processo conhecido como “transferência”.

As categorias da Psico-história são importantes, também, por se tratar de uma dissertação que toma como base um único sujeito e sua narrativa sobre suas vivências. Deste modo, são necessárias ferramentas de análise que partam da experiência do indivíduo, e a Psico-história se mostrou possuidora dessas ferramentas.

Procuro também fazer uma discussão sobre as relações possíveis entre as categorias já observadas e a memória coletiva (HALBWACHS, 2003), de modo a investigar como que

a narrativa de Canesi é uma atualização destas suas memórias tornando-as reais pela atividade da fala, e como que esta mesma narrativa evoca memórias que foram mantidas por meio de sua vinculação a determinados grupos.

Minha argumentação toma como fundamento a “identificação” (outra categoria tomada da Psicanálise), do Eu de Canesi com a imagem do humano neoliberal e as implicações desta para sua vida e para sua imigração. Parto da categoria de modernidade líquida de Bauman (2001) e sua crítica à cultura e à sociedade deste mundo em constante transformação e super individualizado.

Riccardo Canesi cresceu juntamente com a implementação do neoliberalismo na Europa e em um contexto de Guerra Fria no qual o oposto do humano capitalista era o comunista soviético do Leste: este oriental que, embora europeu, é outro. E nessa disputa ideológica pela hegemonia sobre o planeta e pela hegemonia sobre os corpos vivos sobre o planeta, Canesi se identifica com a imagem do homem neoliberal, e essa identificação é fundamental para o estudo de sua narrativa.

O título da dissertação, *Giorno e Notte*, faz referência às categorias do *animus* e da *anima* (BACHELARD, 2018). Por se tratar de um imigrante, o narrador faz uma distinção entre sua vida na Itália e sua vida no Brasil, opondo-as e classificando-as como duas vidas diferentes. Sendo assim, “giorno” (dia) é o ambiente do *animus* no qual se dedica às atividades da vida cotidiana, ao trabalho, ao estudo, à civilidade. Por outro lado, a “notte” (noite) é o domínio da *anima* na qual se dedica ao devaneio que está avesso ao mundo do trabalho, para além da vida cotidiana. O dia é, portanto, sua vida na Itália e a noite pode ser observada tanto em suas viagens pelo mundo, quanto em seus jogos nos cassinos, quanto em sua vida no Brasil. É importante observar que nem o dia nem a noite, para Bachelard, são estados fixos. De maneira que, embora alguns episódios sejam ambientados na Europa, como os jogos, por exemplo, o comportamento de Canesi é condicionado por outras formas de representação, pois ele está fora das normas da vida ordinária, do *animus*, e tomada pelo estado da *anima*.

A utopia do país da Cocanha é também uma das imagens evocadas para a reflexão sobre a narrativa de Canesi. Os poemas medievais tratam de um lugar no qual não há trabalho, não há doenças, há abundância de toda sorte – de comida, de bebida, de sexo, de riquezas – e no qual não se está submetido às mesmas regras da vida cotidiana. De modo que, quando chegou ao Brasil, no início dos anos 1990, sua aposentadoria, recebida em Euro, equivalia a 10 salários mínimos brasileiros. A Cocanha é a vitória do Carnaval sobre

a Quaresma. Sendo necessariamente um lugar material, não um paraíso metafísico, nenhum lugar mais apropriado para se vencer a Quaresma do que no “país do Carnaval”.

Ainda sobre a noção de Cocanha, os estudos de Hilário Franco Júnior (1998) são imprescindíveis para o trabalho com essa imagem que é muito importante para o desenvolvimento dos meus argumentos ao longo da dissertação. E destaco a insistência no termo *utopia* por se tratar de um lugar possível, de um lugar físico, que se pode ir a pé, a cavalo, de navio – sem que haja a necessidade de uma iluminação espiritual ou o auxílio de algum milagre ou qualquer outra interferência divina. A Cocanha é da ordem das coisas *sublunar*.

Empreendo uma reflexão que busca articular as categorias já mencionadas, assim como outras que aparecem ao longo das seções dedicadas à interpretação, para a investigação das formas de representação que permeiam o Eu de Riccardo Canesi. Essa busca pretende vislumbrar os processos responsáveis pela produção dessas representações, os processos de vinculações sociais, vinculações ideológicas, políticas e psíquicas que, embora por meio de episódios aleatórios, desaguaram na constituição do sujeito Riccardo Canesi e, por fim, em imigração.

Feito isto, procuro também elucidar como esse sujeito, sob os condicionamentos mencionados, representa a si e ao mundo. Desta maneira, acredito que seja uma contribuição possível para o estudo das múltiplas possibilidades de representações da sociedade alagoana, sendo que Maceió é o palco escolhido por Canesi para sua segunda vida. De quais formas a cidade é representada pelo narrador? Um sujeito não nascido em Maceió produz uma visão da cidade muito diferente da minha, nascido nela. As condições socioeconômicas deste sujeito, que são tão distantes das minhas, produz nele outro olhar sobre a cidade na qual vivi minha vida inteira e que, até a realização desta dissertação, desconhecia quase que completamente.

Para tanto, esta dissertação está dividida em cinco partes, a primeira delas é esta “Introdução”, na qual apresento de modo geral as principais discussões metodológicas e quais os caminhos traçados no decorrer do texto. Uma apresentação geral das ideias e de como as trabalho, uma apresentação do que foi encontrado em minhas investigações.

A segunda parte, *Seção 2: Discussão metodológica* compreende uma discussão mais extensa sobre minhas escolhas metodológicas. Ali apresento de quais formas empreendo diálogos entre categorias e autores de modo a se aproximar das problemáticas a serem trabalhadas nas seções seguintes. Assim, discuto as noções da Cápsula Narrativa e como estas noções são importantes para as investigações que me propus a realizar sobre a

narrativa de Canesi. Apresento por quais meios efetivei diálogos entre a História das Mentalidades, a Psico-história, a História Oral, Ego-história e por quais motivos acredito que estas categorias foram necessárias à realização da minha dissertação.

Nas seções 3 e 4, respectivamente, *Primeira parte da leitura* e *Segunda parte da leitura*, estão o que aqui é chamado de “leitura”. A leitura é a etapa da interpretação que toma como base a *poética* de Bachelard (2018) e a *crítica* de Benjamim (1987). Nestas seções, procuro, partindo de Canesi, observar as configurações sociais que produziram esse narrador e sua narrativa e de quais formas essas influências podem ser sublinhadas em seu relato. Ambas as seções são divididas em quatro subseções.

A *Primeira parte da leitura* inicia com a subseção *Axis-mundi*, que é uma introdução à interpretação. A segunda subseção é o *Caule*, seguido pelo *Galho-infante* e pelo *Galho-viagens*. A *Segunda parte da leitura* inicia com o *Galho-ludens*, seguido pelo *Galho-labor*, *Galho-crime* e *Galho-ego*, esse último é a interpretação feita por Canesi sobre sua narrativa. Em *Axis-mundi* discorro mais sobre esta categorização e faço uma apresentação geral do que é tratado em cada *galho* e os motivos por receberem essa nomenclatura. Por ora é preciso salientar que atribuo à narrativa de Canesi a estrutura de uma árvore tomando como base imagens evocadas pela própria narrativa. Por isso as subseções estão divididas em caule e galhos. Evitando me fazer repetitivo, já que aprofundarei a questão mais adiante, estas divisões foram estabelecidas pelo próprio narrador aos relatos de suas memórias, embora a imagem da árvore: raízes, caule e galhos seja minha.

No fim das reflexões estão as *Considerações finais*, na qual procuro sistematizar as principais questões trabalhadas na leitura e insiro um “novo” elemento à discussão para uma melhor sistematização das noções trabalhadas. Digo “novo” elemento, no sentido que procuro dar um pequeno novo enfoque à imigração de Canesi, que em linhas gerais já está dissolvido na interpretação. A intenção é, além de evitar repetições, imprimir uma melhor dinâmica a esta seção da dissertação que é tão importante.

Apesar de ser a última seção, não posso falar em conclusões, posto que a atividade da pesquisa é uma atividade que abre questionamentos, que abre possibilidades de reflexões, que abre possibilidades de interpretações da realidade histórica. E não acredito que minha dissertação, embora tenha me dedicado da melhor forma possível à sua escrita, seja capaz de esgotar quaisquer das reflexões que me propus a fazer. Até porque não acredito que o esgotamento de reflexões seja o propósito da existência desta dissertação.

Acredito que o resultado desta pesquisa possa ser uma contribuição possível ao estudo da realidade do estado de Alagoas. Mesmo sendo a segunda menor unidade federativa do Brasil, Alagoas e a sociedade que a cria possui multiplicidades que lhe são tão próprias. E minha investigação aqui é também sobre como ela pode ser representada no e pelo imaginário de um italiano que escolheu viver aqui. Uma investigação sobre as formas contemporâneas de migração e imigração humana e como e por quais motivos determinados destinos são escolhidos para esse deslocamento.

Alagoas não é uma Cocanha, Alagoas não é uma utopia, mas o é para Riccardo Canesi. E não é em um sentido imaginário, pois as coisas de ordem humana só são quando são enquanto práticas sociais produzidas, reproduzidas e representadas por agentes sociais, por indivíduos. Mas partindo da perspectiva da grande maioria da população alagoana, na qual me incluo, entre os muitos atributos da Cocanha um dos poucos que podem ser constatados diz respeito às exuberâncias naturais do estado. E ainda assim, apenas uma pequena fração da população nativa tem acesso a essas exuberâncias.

Mas para Canesi Alagoas não poderia ser outra coisa senão a materialização de seus devaneios juvenis pelo “excêntrico”, pelo calor, pelo mar, pelas praias, pelo movimento constante de uma vida no paraíso na terra. Devaneios que o acompanharam por toda sua vida. Alagoas, para Canesi, é o domínio da *anima* em todos os seus aspectos. Mas, como tudo em uma sociedade na qual todos são transformados em consumidores, é necessário ter certos atributos (não apenas de ordem financeira, apesar de ser um dos principais) para se consumir a mercadoria que é a Cocanha, que é Alagoas, que é Maceió.

2 DISCUSSÃO METODOLÓGICA

2.1 História Cultural

As reflexões envolvendo o estudo da cultura despertam interesse há muito tempo. Apesar desse interesse, apenas mais recentemente os historiadores empreendem estudos, pesquisas, discussões teórico-metodológicas que tomam as investigações acerca da cultura como prioritárias. Para a realização desta dissertação, a História Cultural é imprescindível.

Especialistas, amadores, antiquários foram, por muito tempo, os principais responsáveis pelos trabalhos envolvendo a cultura. Embora, ainda no século XIX, tenham surgido historiadores, como Jacob Burckhardt e Joahan Huizinga – o estudo desse último sobre o jogo tem importância primordial no *galho-ludens*, uma das subseções da minha interpretação –, somente a partir das décadas de 1960 e 1970 que a historiografia se aproxima mais da cultura.

Antes de discutir o que Peter Burke (2008) chama de retorno da História Cultural, é preciso atravessar a primeira metade do século XX. A historiografia da virada do século ainda estava muito alinhada com os propósitos do Estado-nação e sua produção de identidades nacionais. Os maiores expoentes desse intento eram os positivistas, também conhecidos como Escola Metódica. Essa historiografia positivista também representou o ponto máximo, de maior influência, de maior incentivo, de maior produção da História Política, dita, posteriormente, “tradicional” em oposição à “nova” História Política.

Ainda no século XIX surgiram perspectivas sobre a escrita da história que se opuseram ao programa positivista, como pode ser observado na obra de Karl Marx e Friedrich Nietzsche, por exemplo. Mas foi apenas a partir de 1929, com o surgimento da revista *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de história econômica e social), que o protagonismo da História Política começou a ser ameaçado.

A Escola dos Annales, como ficou conhecida, foi fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre e se estabeleceu com um programa anti-positivista (FALCON, 2002). Trazendo bandeiras que se tornaram marcas da escola, como interdisciplinaridade, história problema e longa duração, os Annales representaram “a Revolução Francesa da historiografia”, como assinala Burke (1997) no subtítulo do seu livro dedicado à *École*.

Ao longo do tempo, os quadros precisaram ser substituídos por novos personagens e, assim, surgiu a Segunda Geração dos Annales. Febvre abriu lugar para seu discípulo, Fernand Braudel, como líder daquele grupo de historiadores. Foi justamente essa geração,

conhecida como a “Era Braudel”, que desempenhou mais efetivamente o papel de jacobinos contra o “Antigo Regime da historiografia”, ainda usando a imagem evocada por Burke.

Assim, aqueles historiadores propuseram a produção de uma historiografia voltada para a afirmação da História enquanto ciência, com recortes de longa duração, métodos quantitativos, perspectivas estruturalistas, enfoques econômicos. Todos os elementos que não só deixavam de lado como combatiam o estudo do político, das pequenas insurgências, das biografias históricas, das investigações culturais. A proposta agora era inserir os historiadores entre os cientistas que realizavam grandes feitos com o conhecimento humano, como a divisão do átomo. De tal modo que o próprio Fernand Braudel foi cotado para o Nobel de Economia.

Os rumos da historiografia foram se transformando após o fim da Segunda Guerra Mundial. Naquele contexto, o mundo estava transformado pelos horrores da guerra e pelas tensões da Guerra Fria. Assim, houve uma grande demanda por respostas a questões que faziam parte da vida cotidiana das sociedades, respostas rápidas para questões do presente. E os Annales mudaram.

É partindo da Terceira Geração da Escola dos Annales que minha investigação sobre a narrativa de Riccardo Canesi parte. Minha dissertação tem como base as vivências de *um* italiano que, dentre outras coisas, imigrou para o Brasil. E busca compreender os mecanismos históricos, sociais, políticos, psíquicos que condicionaram o comportamento desse sujeito e como esses processos também condicionam suas representações sobre o mundo. Ou seja, é um trabalho de História Cultural.

Essa geração de historiadores franceses fez uma “refundação” do estudo de temas que não habitavam o centro do interesse da academia. Não por um acaso, esse movimento de retomada foi uma resposta necessária à chamada *crise* das Humanidades, período em que os sistemas estruturalistas aplicados pelas Ciências Humanas foram colocados em xeque. Os grandes modelos estruturalistas de análise já não davam conta de oferecer as respostas que a sociedade demandava, que àquele tempo demandava.

A famosa coleção, dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *Faire de l’histoire*, publicada no Brasil com o título “História”, foi um dos pontapés iniciais nesse movimento de renovação. É importante observar que, especialmente a partir da geração liderada por Braudel, a Escola dos Annales ficou conhecida como *La Nouvelle Histoire*, a Nova História. Portanto, a Terceira Geração propõe uma *nouvelle nouvelle histoire*. Essa “Nova Nova História” se fundamenta na inserção de novos objetos e novos procedimentos para a

pesquisa histórica, mas também a reinserção de objetos e procedimentos deixados de lado e combatidos ao longo do século.

A aproximação com a cultura se deu por meio da Antropologia. A *crise* das Humanidades – crise dos sistemas estruturalistas de explicação da condição humana – também teve reflexos nessa disciplina. Na verdade, um dos mais importantes desses sistemas estruturalistas foi erguido pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, sendo um dos principais referentes à Segunda Geração dos Annales.

A demanda por estudos sobre “cultura popular”, sobre sociedades fundadas sobre o colonialismo europeu, estudos sobre gênero, raça e outras formas de construção identitária foi responsável por uma reconfiguração na própria categoria de cultura. O antropólogo Cliford Geertz está no centro desse processo.

Seja em Burke (2008), seja em Hunt (2001), seja em Falcon (2002), Geertz é apontado como um dos principais influenciadores para o ressurgimento da História Cultural. Para o estudo da imigração de Canesi, as noções de Geertz se mostraram importantes. Propus uma investigação que refletisse sobre como e por quais motivos um italiano fez morada em Maceió, partindo desse indivíduo para compreender as formas de representações que envolvem esse processo de deslocamento no espaço.

Para tanto, foi necessária uma investigação sobre como as representações e práticas de Canesi são condicionadas pelas suas formações sociais, econômicas, políticas, históricas etc. Noutras palavras, como que a mentalidade europeia foi condicionante para a imigração para o Brasil. Sobre a relação do indivíduo com os muitos outros que lhes precedem e que lhes sucederão, Geertz (1997, p. 97) tem a dizer:

Fisicamente, os homens aparecem e desaparecem como coisas efêmeras que são, mas, socialmente, os números que os representam permanecem eternamente os mesmos, à medida que novos “primeiro-natos” ou “segundo-natos” emergem do mundo atemporal dos deuses para substituir aqueles que, ao morrer, dissolvem-se, uma vez mais naquele mundo.

A historiadora Lynn Hunt organizou, no fim do século passado, o livro *A Nova História Cultural* (2001). Nesse, que já é um clássico na área, os ensaios discutem os caminhos da História Cultural e as influências de vários autores nesses caminhos. Foucault, Thompson, Natalie Davis. Geertz, Chartier entre outros são apontados como grandes personagens no meio. Aqui, Hunt (2001, p. 16) aponta a função da História Cultural: “A decifração do significado, mais do que a interferência de leis causais de explicações, é assumida como a tarefa fundamental da história cultural”.

Esta busca pela “decifração do significado” precisa ser entendida partindo da influência de outros campos sobre os historiadores e, por consequência, de suas metáforas. Juntamente com a Antropologia, a Crítica e a Linguística também receberam grande espaço entre os estudos sobre a cultura. E desta forma, a cultura se tornou *legível* aos olhos dos historiadores.

A metáfora de que a História Cultural lê a cultura foi trazida da Linguística e da Crítica literária. A *crise* também foi motivo para um retorno a interesses da Primeira Geração dos Annales. A isto voltarei mais adiante. Por ora, é importante sublinhar que Lucien Febvre, no livro *Combates pela História* (1985), dedica metade do livro para a discussão do que ele chama de “alianças e apoios” para o historiador. Essas são duas, a primeira delas é a Linguística, sendo a outra a Psicologia – a quem, como dito, voltarei a tratar mais adiante.

Para esta tarefa de ler a cultura, a História Cultural se cercou de teorias, métodos, técnicas, propostas e enfoques dos mais variados possíveis para produzir respostas diante da crise, como meio para resolver esses novos problemas e aliviar a pressão da demanda social. O que Agnès Chauveau (1999) chama de simetria entre produção histórica e demanda social.

O historiador Roger Chartier vem dando contribuições importantes nesse empreendimento, com seu estudo sobre o livro e a leitura, com o estabelecimento de categorias como representações e práticas, que estão no âmago do debate sobre a cultura e que possuem fundamental importância para o estudo da imigração de Canesi. Assim também, como Walter Benjamin, filósofo, quem desenvolveu noções sobre a Crítica à História que são amplamente encontradas nas páginas desta dissertação.

Mantendo ainda a metáfora da leitura, a análise do discurso também se mostrou uma aliança importante, chegada à História via Linguística. O interesse pelo discurso chega aos historiadores da cultura como parte do processo de renovação. E é assim que a história passa a ser também entendida como uma narrativa, que possui interesses, produtores, significados que precisam ser lidos. As noções de “narrativa” e de “narrador” são também facilmente encontradas ao longo deste trabalho.

Portanto, a busca pela “decifração do significado” é a leitura da cultura, a leitura dos múltiplos sentidos que as práticas e as representações de um sujeito podem trazer consigo. Não por acaso as seções que dediquei à interpretação da narrativa de Canesi são intituladas de “leitura”. Pois procuro ler nas vivências desse italiano como os europeus estão “dissolvidos” no seu imaginário, como sua mentalidade é composta pela experiência de

tantos outros que chegaram a ele por meio da cultura, da memória, da história, da política, da economia, da religião, da educação, da língua.

Como visto, a História Cultural passou por um processo de reformulação causado pela crise das Humanidades. Sendo assim, suas formas de escrever e registrar a história também precisaram de reformulações que pudessem atender à demanda social. Foi também nesse processo que surgiu a História Oral, quem discutiremos na próxima subseção.

2.2 História Oral

Para as epistemologias genéticas a relação entre o “sujeito” e o “objeto” deve ser observada por intermédio de uma dinâmica progressiva, uma relação sempre em movimento onde um estabelece novas questões ao outro (JAPIASSU, 1979). É desta forma que a História Oral desponta como um método (uma técnica? Uma teoria?) que trabalha diretamente com o imediato do presente, focando na produção de um conhecimento histórico que tem como fonte os próprios produtores do real, uma historiografia sem mediação, imediata, em face às problemáticas nos apresentadas anteriormente. Sendo assim, esta subseção tem por intuito a discussão das possibilidades e desafios da História Oral para o estudo da cultura, conseqüentemente para esta dissertação.

Em princípio, a História Oral estava associada a entrevistas de personalidades da época, como artistas, políticos famosos e empresários de sucesso. Mas sua utilidade para enxergar questões do imediato do presente logo a levou a ser utilizada de outras variadas formas.

Coincidindo o seu surgimento com as lutas por direitos civis das comunidades negras estadunidense, não demorou em ser usada na produção de uma “história vista de baixo”. Desde então, a História Oral vem despertando o interesse da comunidade acadêmica, apesar de ainda encontrar resistência em alguns segmentos da academia, vem se mostrando eficaz para o estudo da cultura, para a produção de biografias históricas e para dar voz e significado a comunidades, a grupos e a indivíduos que estão à margem da historiografia.

Para Marieta de Moraes Ferreira (2002), pesquisadora e autora de obras sobre o tema, as constantes críticas que a História Oral sofreu e sofre por parte de muitos historiadores incentivam aqueles que com ela trabalham a produzir uma historiografia que se encontra em permanente estado de reflexão no que diz respeito ao seu modo de funcionamento. Ainda segundo Ferreira, não é difícil de detectar na História Oral “um

potencial de pesquisa extremamente rico” (FERREIRA, 2002, p. 327) e divide, de modo geral, o uso da História Oral por meio de duas linhas de trabalho.

A primeira delas faz uso dos procedimentos da História Oral para preencher vazios deixados pelas fontes de documentação escrita. Essa linha de trabalho foi largamente difundida, em especial, pelos Annales (AVELAR, 2010): a História Oral mantendo uma relação com a História que lembra a da substituta com a prima-dona – ópera na qual se a estrela (o documento escrito) por algum motivo se ausentar, sua substituta (a oralidade) assume o palco, usando a analogia de Gwyn Prins (1992).

A segunda linha de pesquisa apontada por Ferreira é a que concebe a História Oral como autônoma, possuidora de suas próprias problemáticas, métodos, discussões e “objetos” – essa linha, vejo com maior potencial para o estudo da cultura e para a realização de minhas investigações sobre a narrativa de Canesi. Defendendo a autonomia da História Oral, esses historiadores se debruçam em uma abordagem que “privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre história e memória, buscando realizar uma discussão mais refinada sobre o uso político do passado” (FERREIRA, 2002, p. 328).

Deslocando o “centro das atenções” para um narrador, por exemplo, a História Oral garante a integralidade da narrativa daquele indivíduo no que diz respeito à sua manifestação, garantindo que as suas experiências de vida sejam narradas com a menor interferência possível. É uma libertação da narrativa onde ela possa ser criada com sua própria lógica interna, sua própria temporalidade, suas próprias perspectivas – a perspectiva daquele que narra sua vida através de suas concepções de mundo e de suas concepções sobre sua própria vida.

Desse modo, o “objeto” da pesquisa assume a posição de sujeito da atenção do pesquisador. O propósito não é o de tornar o narrador apenas em um documento, apenas em um dado, apenas em um depoimento – mas de dar limpidez ao imediato do presente, que é a matéria-prima da História Oral, que é o tempo onde esse indivíduo pensa, cria e narra suas vivências; apreendendo, assim, de uma melhor forma, como desdobramos o nosso presente, como concebemos as relações que esse narrador faz entre si e o mundo que o cria e que, ao mesmo tempo, é criado por sua narrativa. Em outras palavras, garante uma determinada “anulação” do papel do historiador enquanto sujeito da ação, e garante também que aquele indivíduo seja visto enquanto a singularidade que é.

Mas como conceituar História Oral? Partindo de Jean-Pierre Wallot (2002 *apud* ABRAÃO, 2002, p. 23), História Oral é “um método de pesquisa baseado no registro de

depoimentos orais concedidos em entrevistas”. Sendo assim, História Oral seria uma ferramenta da História que possibilitaria estudos históricos que outros métodos não conseguiriam alcançar. Ferramenta que se sustenta no colhimento de depoimentos orais por meio de gravadores de áudio. O que se enquadraria na primeira linha de trabalho apresentada por Ferreira. Porém, não basta ser um método. Gwyn Prins (1992) atesta a importância da História Oral por sua força se firmar no fato dela ser “metodologicamente competente” assim como qualquer outra historiografia. Mas ainda é pouco.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, em seu livro *História Oral*, escrito juntamente com Fabíola Holanda, a História Oral “é um conjunto de procedimentos” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15). Mas não apenas um conjunto aleatório de procedimentos, nem de um ato único de procedimentos, não se trata somente da entrevista ou de outra fonte oral: é “um conjunto de procedimentos” previamente pensado, planejado e articulado em consonância, partindo da elaboração de um projeto de pesquisa e findando com, se possível, a publicação dos resultados obtidos. Meihy e Holanda enumeram quatro principais conceitos sobre História Oral:

1 – História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato [...] 2 – A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória coletivas [...] 3 – História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 19).

E, finalmente,

4 – História oral é um procedimento sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 19).

Meihy se preocupa com uma conceituação da História Oral através e a partir de si mesma. A História Oral tem, para Meihy, seus próprios problemas, suas próprias questões, seus próprios enfrentamentos, suas próprias causas, suas próprias finalidades. Não estando, necessariamente, interligados às causas da História. Mas, como parte desta, suas investigações, seus procedimentos e seus resultados são de inteira importância à historiografia.

Como todo método disciplinar, a História Oral tem, dentro de si, normas, conceitos, definições, maneiras de se fazer, de fazer funcionar, de criar, de pensar, de produzir. E tudo isto está em constante movimento, junto com a própria disciplina.

Partindo da enumeração dos quatro principais conceitos de História Oral apresentados por Meihy e Holanda, podemos afirmar que a História Oral se preocupa com a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos que dizem respeito ao “tempo presente”, à “história viva” de determinados indivíduos inseridos em seus grupos sociais e suas experiências com eles e com o mundo, com a vida, com o tempo. “História Oral é um recurso moderno”, com o qual se buscam respostas práticas a questões de utilidade social, de reflexão, de pensamento, e de forma imediata – ou seja, sem mediação.

2.3 O uso da Cápsula Narrativa na História Oral

Em junho de 1998, o Brasil recebeu o X Congresso Internacional de História Oral, organizado pela Associação Internacional de História Oral e teve como tema *História Oral: Desafios para o Século XXI*. Como um dos produtos do Congresso, foi publicado um livro homônimo ao tema, reunindo algumas das principais conferências, e que foi organizado pela já citada Marieta de Moraes Ferreira juntamente com Tania Maria Fernandes e Verena Alberti.

Para além da importância para brasileiros e sul-americanos de um modo geral, de receber um congresso desta importância por aqui, o primeiro fora do eixo Europa-EUA, destaco a palestra de Philippe Joutard, professor da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, na França, intitulada *Desafios à História Oral do Século XXI*, transcrita no livro.

Joutard enumera o que lhe aparece como os principais desafios à História Oral no novo século que já batia às portas, como a manutenção do interesse pela história dos “derrotados” ou o estudo de identidades de grupos para demonstrar como estas são historicamente construídas, evitando os purismos identitários que marcaram o século que findava.

Um desses desafios, e é o que interessa aqui, é o da coexistência entre as formas de se fazer História Oral e a necessidade de haver o máximo de diálogo possível entre elas, fazendo com que possam cooperar para seus respectivos interesses. Para ele, a diversidade de maneiras de se fazer História Oral só tem a contribuir ao estudo da história, proporcionando diversas abordagens e diversos resultados. “Todos os empreendimentos

têm sua utilidade e sua forma de legitimidade, mas todos têm interesse” e indicam uma condição, a de que “não se perca de vista essa diversidade” (JOUTARD, 2000, p. 38).

Como visto, há ressalvas e condições, como haveria de ter. É preciso sempre ter em mente que, apesar da História Oral constituir um campo com suas próprias questões, como é o caso da referida pluralidade de formas, é importante aos historiadores lembrar de aplicar os procedimentos históricos em suas análises, independente do uso que fizerem da História Oral, garantindo uma certa unidade ao campo, em torno da História.

Ele também elabora alguns princípios a esta proposta de boa convivência, dos quais destaco dois. O primeiro é evitar o choque entre estas maneiras, evitando disputas internas e rejeitando “excomunhões” recíprocas, o que proporcionaria o não esfacelamento da História Oral. O segundo princípio é o da apresentação e discussão dos caminhos utilizados para a realização dos trabalhos, de modo que outros pesquisadores ou interessados pela temática possam acessar o conteúdo e a forma como se chegou àqueles resultados, evitando purismos também dentro da disciplina. Nos termos de Joutard,

A partir do momento em que cada um explicitar claramente seus pressupostos, seus objetivos e seu método, sem que ninguém esteja convencido de que o seu é o único método que chega à verdade, será possível um diálogo e poder-se-ão utilizar os documentos recolhidos por outrem (JOUTARD, 2000, p. 38).

Uma das maneiras de fazer História Oral surgiu durante a década de 1990, como resultado de pesquisas, discussões e experiências na parceria entre o já citado José Carlos Sebe Bom Meihy, atualmente professor aposentado da Universidade de São Paulo e que dedicou décadas ao estudo da oralidade, e Alberto Lins Caldas, professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas e que igualmente dedicou décadas ao trabalho com a História Oral. A esta maneira foi dado o nome de Cápsula Narrativa e me proponho, nesta subseção, a apresentar e discutir seus procedimentos e concepções.

As práticas da Cápsula Narrativa se mostraram importantes para a execução desta dissertação por seu foco no sujeito histórico. Canesi, como já observado, é um ser humano vivo. E para um trabalho desta natureza, é necessária a aplicação de procedimentos que privilegiem esse sujeito. Como um dos meus principais objetivos é o de investigar as representações que esse italiano faz sobre si e sobre o mundo, busquei a produção de uma documentação que pudesse manifestar essas representações a partir da narrativa oral das memórias desse sujeito.

A noção de Cápsula Narrativa tem como fundamento a realização de investigações da realidade histórica por meio da análise de narrativas orais, concebendo a História Oral como um campo da disciplina histórica autônomo e não “apenas” um método que deva ser usado para preencher espaços vazios deixados por alguma eventual falta de documentação de outras naturezas, que não oral. Diante disto, Caldas apresenta uma série de procedimentos para a realização de um trabalho com a Cápsula Narrativa.

Fiz uso desses procedimentos em todas as etapas de minha pesquisa, estando presente, inclusive na estrutura de apresentação da dissertação, na disposição de suas seções e na maneira como eles foram trabalhados.

Como habitual, a investigação foi iniciada com a elaboração de um *projeto*. O projeto, *Giorno e Notte: vivências de um migrante italiano* foi o momento no qual estabeleci os interesses de minha futura pesquisa e os meios para a satisfação desses interesses. Mas o projeto é um norte à pesquisa, tendo em vista que a própria atividade da pesquisa tende a apresentar novas questões que não poderiam ter sido previstas ainda na elaboração do projeto, assim também como tende a demonstrar que algumas questões presentes no projeto não têm a importância prevista ou até não se aplicam àquela realidade.

Assim, o trabalho com Canesi demonstrou como essa assertiva é acertada. Embora os grandes objetos de meu interesse tenham, de modo geral, se mantidos ao longo da elaboração da dissertação, de maneira alguma se mantiveram de forma constante. Questões fundamentais, como o estudo de seu processo de imigração sofreram profundas transformações nos momentos de análise. Por exemplo, com a inserção das categorias da Psicanálise para investigar os impactos do trabalho do luto nessa imigração. Categorias que não estavam presentes quando da elaboração do projeto.

O contato com o que chamo de *narrador*, que é o foco principal da pesquisa, se deu por meio da apresentação de forma geral do interesse do meu trabalho, para evitar ao máximo minha interferência na narrativa. É assim que se chega à segunda etapa, a *entrevista*. Partindo dessa noção, não trabalhei com as perguntas e respostas tão comuns na entrevista, pois busquei que Canesi pudesse fazer sua narrativa o mais livremente possível. É o que Caldas (2013) chamará de “nascimento voluntário” da narrativa, na qual o narrador possa criar e imprimir na narrativa suas próprias perspectivas, suas próprias temporalidades, suas próprias concepções de início-meio-fim a partir de suas experiências de vida e de suas concepções de como essa vida deve ser narrada.

Ao termo “voluntário” é necessária ainda uma observação. Em primeiro lugar, não se trata de uma narrativa “pura”. Só por estar inscrita em uma pesquisa histórica já elimina

a possibilidade de uma pureza narrativa. Ela é uma narrativa “livre” no sentido de que não foi orientada por mim em seu desenvolvimento, em seu conteúdo nem na ordem como esse conteúdo é disposto ao longo do relato. E precisamente por isso é “voluntário”, pois surge de uma prerrogativa de Canesi para narrar. O que se evidencia em cerca de três horas e meia de gravações de áudio. É um nascimento voluntário, no sentido de que esse narrador, voluntariamente, a partir de minhas proposições a ele, aceitou a tarefa de narrar suas vivências. Como efetivamente o fez. Sem que eu direcionasse os caminhos que esse relato percorreria.

Após as gravações vem a terceira etapa, a *transcrição*. Todo áudio foi transcrito integralmente, respeitando os vícios de linguagem, “erros” quando comparados à norma formal da língua e até, como neste caso específico, o uso de expressões em língua estrangeira – tendo em vista que o narrador desta dissertação é italiano, em alguns momentos da narrativa ele emprega, propositalmente, palavras em sua língua materna. Este respeito ao que foi dito, busca produzir um texto que respeite a maneira como a narrativa se apresentou, pois mesmo os “erros” da língua são alvos do interesse do historiador.

Feita a transcrição, é o momento da *pontuação*. Meihy trabalha com o conceito de *textualização*, que propõe uma reorganização do texto para produzir certa coerência narrativa que atenda às necessidades da pesquisa. Ou, nas palavras dele, “faz parte do momento da textualização, a rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literariamente agradável” (MEIHY, 1991, p. 30).

A pontuação nega esta interferência tão profunda na estrutura do texto por atender exclusivamente aos interesses do historiador, da História, da Língua Portuguesa – colocando de lado os interesses próprios da narrativa e os interesses do narrador em manifestá-la daquela forma. Por isso, a pontuação é uma “textualização suave” (CALDAS, 2013, p. 108), porque não suprime do texto nenhuma voz, nenhuma palavra e não procura torná-lo “literariamente agradável”, já que compreende que a maneira como a narrativa foi apresentada é a maneira como ela deve ser lida, é a maneira como ela deve ser analisada.

A pontuação consiste, então, em, em alguns momentos do texto, interferir através de pontuações gráficas, produção de parágrafos e de alguma “correção” ortográfica que proporcione uma melhor apresentação e leitura do texto. Quando possível, é interessante que seja feita juntamente com o narrador, como foi o caso neste trabalho – apesar de a pontuação ter se resumido a poucas “correções” ortográficas e o estabelecimento de parágrafos.

Assim, surge o que se chama de *texto base*, que é o produto do processo de registro de memórias, transcrições e pontuações. É o texto base que servirá, como o nome já prevê, de base para a interpretação do historiador. Nesse momento, é possível falar do caráter “capsular” da noção proposta por Caldas. Entendendo a narrativa como o discurso de Michel Foucault, o texto base é visto como um conjunto de práticas discursivas que são referências de si mesmas. Para elucidar melhor essa noção, é preciso ir para “A ordem do discurso”, aula inaugural do filósofo francês quando da posse da cátedra no Collège de France, em dezembro de 1970. Nesta, Foucault apresenta quatro princípios do discurso que são imprescindíveis se se quiser estudá-lo, dos quais destaco dois: 1) princípio de *especificidade* e 2) princípio de *exterioridade*.

Antes, entretanto, é necessário apresentar o que o autor entende por discurso. Judith Revel, filósofa francesa especialista na obra de Foucault, descreve da seguinte forma o entendimento do francês quanto ao discurso: “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, as regras de funcionamento comuns” e acrescenta que “a ordem do discurso própria a um período particular possui, portanto, uma função narrativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p. 37).

Sabendo disto, o princípio de especificidade sublinha a noção de que o discurso não é uma narrativa sobre o real, porque “aquilo que é dito, pensado, lembrado ou sonhado é sempre uma narrativa, uma ficção e não o acontecido ou uma versão do acontecido” (CALDAS, 2013, p. 80). Para esse princípio, o real não é um ente, nem está passivo e imóvel aguardando ser assimilado por nossos sentidos, práticas sociais e culturais e destrinchado e catalogado por nossas práticas científicas. Por isso, “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos”, pois o real “não nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas; ele não é cúmplice do nosso conhecimento” (FOUCAULT, 2014, p. 50).

Dito de outro modo, a narrativa de Canesi, o texto base dessa análise histórica, é uma violência feita pelo narrador ao real, à história para “capturar”, significar conforme suas concepções próprias – por isso é preciso levar em consideração a especificidade do discurso de Canesi, daquela narrativa, daquele texto base.

O princípio da exterioridade argumenta que o discurso não deve ser entendido como portador de mistérios ocultos possuidor de significações próprias e naturais – o discurso é, sobretudo, histórico. Mas a exterioridade do discurso é, sobretudo, uma exterioridade que

pertence a ele. Segundo esse princípio, deve-se “a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses fundamentos e fixa sua fronteira” (FOUCAULT, 2014, p. 50).

Ou seja, o relato de Canesi, chamado texto base, deve ser entendido como produtor de significados, produção esta que é, ela mesma, produto das práticas sociais e culturais que possibilitaram sua manifestação. E para se compreender as relações de poder responsáveis pela existência desta narrativa não se pode buscar seus significados fora do discurso, mas a partir dele e buscar identificar nestas significações produzidas pelo discurso as práticas que o fizeram, que proporcionaram que ele se manifestasse com aquela forma que ele se manifesta. A exterioridade do discurso é interior ao discurso – é uma cápsula.

Esta é a razão porque àquele que diz “EU” deve continuamente aproximar-me dele para encontrar finalmente esse companheiro que não o acompanha ou ligar-se a ele com um laço suficientemente positivo como para poder pô-lo manifesto ao desatá-lo. Nenhum pacto os mantém atados e sem dúvida estão fortemente ligados graças a uma constante interrogação (descreva o que está vendo; o que está escrevendo agora?) e ao discurso ininterrupto que põe em evidência a impossibilidade de uma resposta. Como se nesta retirada, neste vazio que talvez não seja mais do que a irresistível erosão da pessoa que fala, se liberasse o espaço de uma linguagem neutra; entre o narrador e esse companheiro indissociável que não o acompanha, ao longo dessa linha fina que os separa como separa também o “Eu” que fala do “Ele” que ele é no seu ser falado, se precipita todo o relato, desenvolvendo um lugar sem lugar que é a parte exterior de toda a palavra e de toda a escrita, e que as faz aparecer, despossa-lhes, impõe-lhes sua lei, e manifesta no seu desenvolvimento infinito sua reverberação de um instante, sua fulgurante desaparecimento (FOUCAULT, 1990, p. 66).

O trabalho interpretativo é chamado de *leitura* (CALDAS, 2013). A leitura consiste na prática hermenêutica de “procurar” na narrativa as forças históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas, as mentalidades que produziram Canesi, suas formas de compreensão da realidade e, por consequência, sua narrativa, nos termos que vêm sendo e que serão ainda apresentados no decorrer da seção. Para que a leitura pudesse ser realizada, fiz uso da categoria de *hipertexto* (CALDAS, 2013). Surge dos trabalhos de Roland Barthes. Assim, busquei na narrativa de Canesi o *punctum* (BARTHES, 2015), ou seja, pontos essenciais para a compreensão da narrativa, de maneira que pudesse priorizar o que se apresentou como questões fundamentais para a compreensão do discurso de Canesi.

O uso da Cápsula Narrativa para o estudo do relato de Riccardo Canesi foi fundamental. Meus objetivos, como já expressos, não são os de atuar como um juiz que, ao analisar os depoimentos e os documentos anexos nos autos, profere uma sentença sobre a

pessoa que é o interesse da minha investigação. Na verdade, não busco provar nenhum dos relatos de Canesi. Pelo contrário, busquei compreender o sentido que aquelas memórias possuem para o narrador, de quais maneiras ele as experimentou mediante suas formações históricas e até por quais motivos ele as vivenciou, tendo em vista que se trata de um sujeito que teve/tem uma biografia não muito comum.

Assim, as práticas da Cápsula Narrativa me proporcionaram possibilidades de multiplicar a narrativa de Canesi inserindo-a em processos históricos que são relacionados a tantos outros documentos, como produções literárias, artísticas de um modo geral, com concepções morais, sociológicas, antropológicas, psicanalíticas dentre outras. Uma *abertura* para a cultura, que, ao parafrasear Benjamin (1987), é testemunha do horror. Esse horror está inscrito na produção do Eu de Canesi por meio da memória coletiva, por meio das representações coletivas, por meio das mentalidades, por meio da cultura, por meio da história, enfim.

Me propus, portanto, a empreender uma investigação na qual Riccardo Canesi e sua narrativa são o porto de partida. Mas, como porto, abre-se para um oceano hermenêutico no qual posso encontrar suas representações n' *A Comédia*, de Dante, no marinheiro mercante de Benjamin, no trabalho do luto de Freud, nas representações coletivas de Chartier, na modernidade líquida de Bauman, na memória coletiva de Halbwachs ou posso opor suas relações com o trabalho às relações com o trabalho do Paulo Honório de Graciliano Ramos. Uma análise densa que tem como objetivo evidenciar a multiplicidade dos processos aleatórios que se inscrevem e que posso inscrever na formação do Eu de Canesi e que condicionaram e, sendo ele vivo, ainda condicionam seu comportamento, suas representações e suas formas de significação do mundo.

2.4 Dos diálogos que foram possíveis

Para a realização de minha análise da narrativa de Canesi busquei empreender diálogos com o que nós historiadores nos habituamos a chamar de “disciplinas auxiliares”. A possibilidade dessa aproximação entre a História e outras ciências é uma das principais bandeiras da Escola dos Annales, a interdisciplinaridade. Embora seja um trabalho de História no qual a perspectiva histórica atravessa toda a análise, por se tratar de um sujeito, de um humano, acredito que o diálogo com outros campos disciplinares possam enriquecer o trabalho.

Portanto, lancei mão, ao longo de minha interpretação, de categorias da Filosofia, da Psicanálise, da Linguística, da Antropologia, da Sociologia, fiz uso também de obras literárias. O propósito é o de garantir uma maior multiplicidade para a análise desta narrativa que é múltipla, que foi produzida por um sujeito múltiplo.

É importante também salientar que a aproximação com essas disciplinas se deu em função da atividade da interpretação. Ou seja, foi partindo da narrativa de Canesi que acreditei necessário o diálogo com a Sociologia, por exemplo, para discutir o neoliberalismo por meio da modernidade líquida de Bauman. E para investigar como o ideal do humano neoliberal foi condicionante em sua vida recorri a um diálogo com a Psicanálise. E as contribuições da historiografia francesa são muito importantes neste processo de diálogo.

A divisão da Escola dos Annales em gerações é mais significativa do que somente o movimento de passar o bastão aos historiadores mais jovens a fim de continuar a carreira iniciada em 1929. As gerações da Escola possuem questões próprias e maneiras de investigar a história que também são próprias de cada uma. É possível encontrar as causas desta diferenciação na distinção das formações de vida e acadêmicas de seus sujeitos, nos seus centros de interesse, nos contextos históricos nos quais estão inseridos e que produzem “objetos”, desafios e demandas características de cada período.

Como já observado, os fundadores tiveram entre suas principais preocupações a crítica e a superação da História Política Tradicional, formando a primeira geração ao redor de Marc Bloch e Lucien Febvre. Com o fuzilamento de Bloch pelos nazistas em junho de 1944 – sendo ele judeu e tendo feito parte da resistência lionesa aos alemães – seu amigo Febvre ficou responsável pela consolidação e sucessão da Escola. Passando o bastão para Fernand Braudel, seu discípulo mais próximo, já foi observada a influência e a força desse historiador na historiografia francesa em que se caracterizou, em linhas bem gerais, pela colocada da economia e da longa duração no centro de interesse da investigação em sua geração – configurando a Segunda Geração.

Em 1972, Braudel, por sua vez, passa o bastão para Jacques Le Goff, abrindo a carreira da Terceira Geração. São os trabalhos desta que são mais importantes para esta subseção. Inseridos no contexto da *crise* das Humanidades caracterizada pelo colapso dos modelos estruturalistas tão propagados pela geração anterior, esses historiadores perceberam, em propostas de Febvre e Bloch, saídas para os desafios da historiografia do seu tempo.

Peter Burke, no seu já citado livro sobre os *Annales*, aponta a dificuldade em estabelecer o perfil da Terceira Geração pela multiplicidade dos seus interesses e pela ausência da figura de um líder, como foi Febvre e Braudel. E acrescenta que “a mudança de interesse [...] foi em parte uma reação contra Braudel. Como foi também, de outra parte, uma reação mais ampla contra qualquer espécie de determinismo” (BURKE, 1997, p. 81). E assim, Burke observa que o interesse pelo político, pela cultura, pela narrativa, pela história dos eventos, pela Psico-história, pela Antropologia, pela biografia e por tantas outras áreas de interesse para a História que haviam sido marginalizadas pela Era Braudel vão do “porão ao sótão”. É possível observar essas assertivas com a publicação, em 1974, da coleção *Feire l’histoire* em três volumes sob a direção do próprio Le Goff e de Pierre Nora. No Brasil, a coleção foi publicada com o título *História* e os três volumes, respectivamente, com os subtítulos *Novos Problemas*, *Novas Abordagens*, *Novos Objetos*, seguindo o original.

Um dos objetos da *Nova História* é apresentado no volume três da coleção *História – as mentalidades*. Mas que não é tão novo assim. Le Goff escreveu um capítulo para esse volume, intitulado *As mentalidades*, no qual identifica Lucien Febvre como o pioneiro no interesse pelas mentalidades. Coloca também o estudo das mentalidades como um ponto de interação entre a História e outras Ciências Humanas, em especial a Psicologia.

A interdisciplinaridade, a interação entre disciplinas, não é uma invenção dessa geração. Na verdade, é uma das principais características da Escola desde a fundação. Mas Braudel havia tomado o caminho das Ciências Sociais, da Economia e da Matemática, como já visto. A Terceira Geração, portanto, reclama a herança da Primeira, propondo não se fixar apenas em uma História Econômica. É a Nova História – que volta a Febvre e renova também o estudo da cultura sob o nome de *Nova História Cultural* como meio para responder às demandas sociais do seu tempo.

No livro *Combates pela História*, Lucien Febvre dedica uma grande parte ao que ele chama de “Alianças e Apoios”, que são a Linguística e a Psicologia. É nesta segunda aliança em que o autor trabalha suas concepções sobre mentalidades. Propõe a aproximação entre a História e Psicologia como meio de investigar como determinados grupos humanos, sob determinadas condições políticas, sociais, econômicas e geográficas produzem signos para se relacionar com o real. Observa que esses grupos humanos compartilham esses símbolos entre seus indivíduos de maneira a condicioná-los a determinadas práticas. O historiador, portanto, deve ser sensível a essas produções e seus engenhos, se quiser

escrever uma história que perceba o âmbito da mentalidade do seu “objeto” de estudo e estabelece o que ele chama de Psicologia:

A preocupação de relacionar, de ligar a todo o conjunto das condições de existência da sua época, o sentido que os homens dessa época davam às suas ideias. Porque essas condições tingem as ideias, como todas as coisas, com uma cor bem própria da época e da sociedade. Porque essas condições põem a sua marca sobre as ideias, do mesmo modo que sobre as instituições e o seu jogo. E, para o historiador, ideias, instituições, nunca são dados do Eterno; são manifestações históricas do gênio humano numa determinada época e sob a pressão de circunstâncias que nunca mais se reproduzem (FEBVRE, 1985, p. 225).

José D’Assunção Barros (2005) coloca a Psico-história como a principal ferramenta para o historiador das mentalidades por sua capacidade de dar a esses elementos contra anacronismos por causa da percepção de que cada período histórico tem suas próprias constituições psicológicas e a investigação dessas constituições proporciona uma alternativa de problematização em oposição ao que ele denomina como uma das principais tentações a essa historiografia – a descrição da imagem somente pela imagem, somente pela descrição.

Por sua vez, o psicólogo brasileiro Antônio Gomes Penna, no artigo *Psicologia e História*, atribui à História, também, um papel fundamental à Psicologia: o de inserir nas investigações psicológicas a ideia de temporalidade e conseqüentemente de processualidade histórica. A Psicologia, segundo o autor, acaba tendendo à elaboração de leis psicológicas universais e que podem ser responsáveis por leituras atemporais da realidade, leituras nas quais as constituições psicológicas dos grupos ou indivíduos não levam em consideração os processos históricos que a tornaram possível. Penna também estabelece oito características fundamentais da Psico-história, das quais destaco duas que estão alinhadas com os interesses das mentalidades trabalhadas aqui: 1) “a transitoriedade das leis psicológicas” e 2) “a valorização e, conseqüentemente, a relativização do homem de uma época, de um lugar e de um país” (PENNA, 1982, p. 94).

Essas semelhanças entre Psico-história e História das Mentalidades é observada por Penna ao afirmar que tudo o que se disser sobre uma também pode ser dito sobre a outra. É por isso que as propostas de Febvre, Duby, Le Goff, Mandrou se aproximam tanto da Psicologia, mais especificamente da Psicologia Social. Como discutido anteriormente esses historiadores da Escola dos Annales sabiam bem disso. Mas Penna faz algumas considerações que contribuem para melhorar essa compreensão. Para o autor “a história das mentalidades consiste numa psicologia social feita por historiadores” (PENNA, 1982, p.

93). É importante um psicólogo da envergadura de Antonio Gomes Penna atestar que historiadores podem atuar nos campos da Psicologia. Ainda mais se levada em consideração a resistência de psicólogos a essa atuação, sublinhada também pelo autor.

Penna vai além e finaliza o artigo com a seguinte assertiva: “a psicologia social nada mais é do que um segmento da história contemporânea” (PENNA, 1982, p. 95). É sem dúvida uma afirmação significativa para a aproximação entre os dois campos disciplinares. Penna não só aproxima como também insere a Psicologia Social nos domínios da História. Conquista que deve ser atribuída às décadas de trabalhos da historiografia francesa. Agora, é necessário compreender o que é a Psicologia Social e de quais maneiras ela se insere nas “alianças e apoios” à História.

Para a minha dissertação, essas aproximações são importantes pela natureza de minhas proposições, de meus objetivos, assim como pela natureza de minhas propostas de análise. Por tomar a biografia de um indivíduo como porto de partida à análise histórica, é imprescindível que categorias que trabalhem com individual estejam em primeiro plano. Assim, apesar de empreender uma investigação sobre os processos históricos, por meio das mentalidades, da memória coletiva e das representações coletivas, é imprescindível que categorias da Psicologia estejam inseridas nesse processo de análise.

Faço uso dessas categorias para estudar como que os processos nos quais Canesi está inserido são experimentados por seu Eu e como esse Eu é condicionado por esses processos. De outra forma acredito que seria muito mais difícil compreender, por exemplo, sua “identificação” (que já é uma categoria psicanalítica) com o perfil do humano neoliberal, que é uma das questões mais pertinentes na análise que empreendo, pois tem uma influência muito grande nas representações e no comportamento do narrador.

Uma assertiva de Michel Foucault evidencia a necessidade da inserção de categorias da Psicologia nas demais Humanidades, e a tomei como uma provocação para a escrita desta dissertação. No ensaio *Filosofia e Psicologia*, de 1965, o autor estabelece a criação do sistema psíquico, conforme o concebe a Psicanálise, como um divisor para as disciplinas do espírito. O desenvolvimento da categoria de *inconsciente*, por Sigmund Freud, cria uma série de novos desafios ao estudo do comportamento humano que, a partir de então, não pode mais ser investigado somente por um prisma fisiológico, sociológico, econômico ou histórico sem que haja a adição da influência do psiquismo nesse comportamento e de como essa influência é igualmente determinante.

Partindo disso, Foucault afirma que “a partir de Freud, todas as ciências humanas se tornaram, de um modo ou de outro, ciências da psyché” e, em favor desta afirmação,

argumenta que “nosso corpo faz parte de nossa psyché, ou faz parte de nossa experiência ao mesmo tempo consciente e inconsciente à qual a psicologia se endereça, de tal forma que, atualmente, no fundo, só há psicologia” (FOUCAULT, 1999, p. 202).

Apesar das muitas críticas proferidas por Foucault à Psicanálise, na citação que trago é possível compreender que o advento da categoria do inconsciente é um divisor de águas no estudo do ser humano. Embora concorde com as críticas do autor, especialmente suas críticas relacionadas ao caráter normativo e conservador, até reacionário, da prática psicanalítica, não há como negar que a inserção do psiquismo humano conforme estabelece essa disciplina tem um caráter fundamental para uma análise que se propõe a ser de Ciências Humanas. Longe de polemizar com Foucault sobre se, de fato, as Humanidades se tornaram Psicologia, acolhi a provocação e a inseri em minha análise por meio da já discutida aproximação entre mentalidades e psique.

Freud foi um neurologista e psiquiatra nascido no antigo Império Austríaco. Notabilizou-se mundialmente por criar a Psicanálise, o que Foucault chama de “sistema de interpretação”, que considera que “os símbolos escalonam-se num espaço mais diferenciado, partindo de uma dimensão do que poderíamos qualificar de profundidade, sempre que não a considerássemos como interioridade, antes pelo contrário, exterioridade” (FOUCAULT, 1997, p. 18). Ou seja, é um sistema de interpretação do comportamento humano baseado na existência de um sistema psíquico que, formado pela exterioridade, produz uma interioridade que condiciona as maneiras como o indivíduo lida com a realidade. Para Freud (1997, p. 11), “a divisão do psiquismo em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise”. Para ele, não é possível atribuir à consciência a “essência” do psiquismo humano, de modo que a própria consciência é uma das qualidades do psiquismo. Em *O Ego e o Id*, publicado em 1923, o autor elabora pela primeira vez de forma mais sistemática suas teorias sobre o psiquismo, suas divisões e suas funções.

Primeiramente, o “Ego”, ou “Eu”, seguindo as traduções mais recentes feitas diretamente do alemão, língua em que Freud escreveu, é responsável por abrigar “uma formação coerente de processos mentais” (FREUD, 1997, p. 15) e é ao Eu que a consciência se vincula. O Eu é responsável por lidar com as influências do mundo exterior, que chega a ele por meio do que Freud chama de “Supereu” e é também responsável por lidar com as influências “interiores”, o “Id” ou “Isso” – visto que “uma ação do eu é correta quando satisfaz ao mesmo tempo as exigências do isso, do supereu e da realidade, ou seja, quando consegue conciliar suas reivindicações entre si” (FREUD, 2018a, p. 50). No

ensaio *Neurose e Psicose*, de 1924, Freud explora causas e consequências das ações do Eu que não podem ser consideradas como “corretas”, gerando desequilíbrios quando as “reivindicações” não são conciliadas; onde “a neurose é o resultado de um conflito entre o Eu e seu Isso”, enquanto a “psicose é um resultado análogo de uma perturbação semelhante nas relações entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 2018b, p. 271).

O Isso “é a mais antiga dessas províncias ou instâncias psíquicas; seu conteúdo é tudo aquilo que é herdado, trazido com o nascimento, estabelecido constitucionalmente” (FREUD, 2018, p. 48). Já o Supereu “responde a tudo o que é esperado da mais alta nobreza do homem” (FREUD, 1997, p. 39). Em outras palavras, o Supereu abriga as projeções culturais do humano “modelo” e é responsável por impedir o afloramento das pulsões provenientes do Isso. Ao consciente e inconsciente é somado o *pré-consciente*, instância latente que pode sair do inconsciente e se manifestar no Eu. O Supereu tem a função de reprimir essas pulsões por meio do processo de repressão, ou recalçamento e “obtemos assim nosso conceito de inconsciente a partir da teoria do recalçamento. O reprimido é, para nós, o protótipo do inconsciente” (FREUD, 1997, p. 13). Assim, é possível concluir que o inconsciente é a instância do psiquismo habitada pelas pulsões do indivíduo, associadas ao Isso, que são reprimidas, jamais extintas, por um esforço diuturno do Supereu.

É justamente pelo caráter determinante do sistema psíquico no comportamento do indivíduo, muitas vezes imperceptível a ele, que Michel Foucault assinala o quanto se tornou imprescindível às Ciências Humanas a inserção das categorias freudianas em seu conjunto de técnicas, teorias e métodos para o estudo da realidade humana.

Desse modo, é possível compreender determinados comportamentos de Canesi a partir de uma perspectiva da Psico-história. Por exemplo, só pela identificação do seu Supereu com a imagem do humano neoliberal que é possível a Canesi representar o mundo como um grande palco no qual ele pode se deslocar e vivenciar episódios que lhe seriam impossíveis na Itália. É a identificação do seu Supereu com a imagem do marinheiro, tão marcante em sua família, que se alia ao mundo neoliberal para estimular esse sujeito a viajar pelo mundo e, por fim, para imigrar ao Brasil.

Freud elenca uma série de mecanismos que produzem o Eu, dos quais privilegiarei o mecanismo da *identificação*. A identificação é o mecanismo responsável pela formação do Supereu, por razão do surgimento do Complexo de Édipo. Nesse período, a criança começa a ver nos pais o modelo de comportamento social que, muito provavelmente, terá que

seguir pelo resto de sua vida. Posteriormente, a identificação extrapola os limites da família e se liga a outras figuras.

Para Laplanche e Pontalis, a identificação assumiu, nos trabalhos de Freud, “o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o indivíduo humano se constitui” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 296). Para os autores, o Supereu desempenha funções de juiz e censor visando impedir que as pulsões alcancem a consciência. Por isso é importante destacar que a “identificação constitutiva do superego [supereu] não deve ser entendida como uma identificação com pessoas” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 646). Para além de uma identificação com os pais, por exemplo, o surgimento do Supereu está, sobretudo, ligado à instituição da família nuclear. Posteriormente, ao se identificar com professores, estará, sobretudo, se ligando à educação, e assim por diante. Não é preciso seguir muito mais para observar que o processo de constituição do Supereu é dinâmico tanto por seu caráter social quanto pela multiplicidade de grupos aos quais ele pode se identificar. Freud, em *Psicologia das massas e análise do Eu*, de 1921, coloca os seguintes termos:

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e constitui seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade¹ (FREUD, 2011, p. 92).

As “singularidades interiores” são, portanto, muito mais constituições históricas sobre o indivíduo do que, de fato, exclusivamente interiores. É assim que Caldas destaca que, em um trabalho de aproximação entre as categorias da História e da Psicanálise, “o diálogo não é somente entre pessoas, mas entre tempos, imaginários, ideias, corpos, experiências, vozes, imagens, choques normalmente, diferentes, onde o presente se desdobra” (CALDAS, 1998, p. 27). Assim, é possível pensar em uma investigação da realidade histórica (a realidade é a história) através de uma Psico-história. Peter Gay (1989), historiador alemão radicado nos Estados Unidos, propõe o diálogo entre a História e a Psicanálise e destaca essa relação tão íntima entre a formação da individualidade com o mundo sensível, com a realidade exterior, em *Freud para historiadores*:

¹ A distinção entre Supereu e ideal do Eu é delicada. Em *O Ego e o Id*, Freud inaugura a categoria de Supereu, o qual é sinônimo de ideal do Eu. Em outros trabalhos, o ideal do Eu surge como uma espécie de instância do Supereu. Normalmente, como salienta Laplanche e Pontalis, trabalha-se com a similitude entre Supereu e ideal do Eu (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 290) e, assim, siga a noção de que Supereu e ideal do Eu são sinônimos.

Freud também viu um movimento recíproco, da realidade para a mente. Os estímulos físicos que penetram na psique, as injúrias emocionais feitas pelas figuras amadas, os problemas não resolvidos postos pela sociedade, todos apresentam-se e devem ser dominados, sujeitos a compromissos, adaptados ou negados. Estas forças externas, em cooperação ou em conflito com os impulsos internos, modelam os estilos fundamentais eróticos e agressivos do indivíduo, suas escolhas críticas, estratégias e fugas no amor, nos negócios e na guerra [...] Do mesmo modo que a mente procura a realidade, a realidade invade a mente (GAY, 1989, p. 105).

Desse modo, concluo que o indivíduo é um sujeito histórico, pois é ele em sua atividade, em sua *práxis* social, quem cria a realidade, quem cria a sociedade, quem cria a história; mas também esse mesmo indivíduo, e até a categoria de individualidade, é histórico, é produto da *práxis* social que é realizada em conjuntos de relações sociais e culturais que estabelecem as condições de existência desse indivíduo. Dito de outra maneira, a constituição e a existência do indivíduo são humanas: “não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem” (MARX, 2010, p. 98).

3 PRIMEIRA PARTE DA LEITURA

3.1 Axis mundi

O século XIX foi marcado, entre tantas outras coisas, pelas formações das identidades nacionais, em função do estabelecimento do Estado-nação em muitos lugares do Ocidente. No Brasil não foi diferente. Especialmente no período político da história brasileira denominado de Primeiro Reinado, a produção de uma identidade para a colônia que ascendeu recentemente ao posto de império independente parecia ser de suma importância para distinguir as pessoas que aqui viviam do que era lusitano. Quando da constituição dos nossos símbolos nacionais, que muitos deles perduram até hoje, foi omitido algo que trazemos no próprio nome – o Brasil surgiu diretamente do interesse europeu por um vegetal.

Nos termos de Freud, a omissão é uma forma de negação (FREUD, 2018). Desse modo, foram negadas ao Brasil as suas raízes fincadas na exploração do pau-brasil, de tal forma que nos símbolos deste país não há qualquer referência ao que posso pensar como nossa “árvore fundadora”, sendo a “cor-de-brasa” substituída pelo “verde-amarelo” das famílias europeias que invadiram, dominaram e multiplicaram suas riquezas através da exploração dessas terras e desta população que ficou conhecida pela sua profissão, brasileiro.

A árvore é um vegetal que habita o imaginário humano de diversas formas, como observa Mircea Eliade (1992). Seguindo os apontamentos do autor, os símbolos recebem toda a sua simbologia por decorrência de suas constituições e pela maneira como se apresentam às necessidades humanas e como são inseridos nos contextos sociais e culturais que deles fazem uso. Se penso, então, nos termos de Marx, “a natureza é o corpo inorgânico do homem” (MARX, 2010, p. 84). Em outras palavras, o humano, que é um ser genérico, se apropria da natureza, se estendendo a ela pelo trabalho. O trabalho, segundo Marx, não se distingue em nada do corpo humano, sendo ele o meio como nos relacionamos com o mundo “exterior”, produzindo, assim, a realidade.

Dito de outra forma, nossa práxis social e nossa cultura se apropriam da natureza dando a ela significados que são humanos. É assim que Eliade desenvolve toda uma discussão em torno da simbologia da árvore, no seu *Tratado de História das Religiões*. E faço uso desses significados que orbitam esse vegetal na busca de articular uma forma à

narrativa de Riccardo Canesi – identifico a narrativa como a “árvore cósmica”, o *axis mundi* que é próprio desta narrativa.

A narrativa de Canesi se apresenta dividida em partes que possuem autonomia entre si, podendo ser lidas separadamente, mas que estão vinculadas à primeira destas partes. Nesta primeira parte, que nomeio de *caule*, está a apresentação do sujeito que profere a narrativa e uma espécie de introdução do que será narrado posteriormente. As demais partes nomeio de *galhos*.

Eliade (1992, p. 323) afirma que “o cosmo é visto sob a forma de uma árvore gigante”. Ele aponta vários povos que produziram significados em torno desse vegetal. Desde o conhecido mito hebreu do Jardim do Éden, que tinha em seu centro a *árvore da vida*, até mitologias menos difundidas no imaginário ocidental como a Açvatha hindu, que pode representar poderes divinos. Mas o símbolo em que mais se encaixa na narrativa de Canesi é o que Eliade chama de “árvore cósmica”, porque “a árvore acabou por exprimir, por si só, o cosmos, incorporando, sob uma forma aparentemente estática, a ‘força’ deste, a sua vida e a sua capacidade de renovação periódica” (ELIADE, 1990, p. 330).

Canesi inicia sua narrativa com uma apresentação:

Meu nome é Riccardo Canesi, sou italiano de *nascita*, de nascimento, e vivo no Brasil faz 25 anos. Hoje tenho 73 anos. E este fato de ter 73 anos é que, na minha visão, me qualifica suficientemente para tentar falar de uma vida que considero bastante plena, não é limitada a um período curto, no sentido geral do que se considera de uma *vita*, de uma vida, como poderia ser um rapaz de 20 anos que ainda está na fase inicial da sua vida.

Essa identificação é o que distingue aquele narrador dos outros bilhões de humanos que compartilham esse espaço-tempo com ele e apresenta uma série de categorias que as colocou no que nomeio de *raízes* da narrativa.

As raízes são categorias que fundamentam toda a narrativa e que, mesmo que não enunciadas, são responsáveis pela produção de significados pela narrativa, significados esses que se enraízam em outros significados, ações, acontecimentos, de outros em um fluxo historicizante que deixam suas marcas nos corpos e nas mentes, nas instituições e nas ideias. No fragmento anterior, por exemplo, posso identificar que a narrativa parte dos fundamentos “italiano”, “europeu”, “homem”, “imigrante”, “idoso”, que são determinantes para que a narrativa se apresente da maneira como se apresenta.

Assim, a narrativa se distingue dos demais com o estabelecimento de um Eu que é enunciator daquela realidade: se distingue, em primeiro lugar, de mim, que sou o receptor

direto daquela narrativa, enquanto historiador interessado em fazer uma análise histórica desse discurso. Estabelecendo os pronomes “eu” (Canesi), “tu” (Ursulino) e “ele” (o real).

Por isso posso ver na narrativa de Canesi a *árvore cósmica*. Pois se o discurso é, como propõe o filósofo Michel Foucault, autorreferente, ele é portador do que o francês chama de “exterioridade” (FOUCAULT, 2014). A exterioridade do discurso é sua interioridade; o mundo exterior é interno ao discurso. E só através do que Foucault chama de “princípio de exterioridade” que é possível fazer sua análise. Donde a narrativa de Canesi é uma árvore cósmica nos termos de que “esta árvore cósmica assemelha-se ao ‘Pilar’, sustentáculo do mundo, ‘eixo do universo’ (Axis Mundi) [...] A árvore, segundo esses mitos, exprime a realidade absoluta no seu aspecto de norma, de ponto fixo, sustentáculo do cosmos. É o ponto de apoio, por excelência” (ELIADE, 1992, p. 361).

Embora produza suas categorias da realidade e contenha dentro de si seu próprio exterior, a narrativa não é de modo algum “pura”. O discurso precisa ser entendido também como produto e produtor de relações de poder que se estabelecem sobre ele e que são reproduzidas através dele. E, no caso da narrativa aqui lida, coloco essas práticas sociais e culturais nas *raízes* da narrativa. Para vislumbrar as produções sociais que possibilitaram a existência do discurso e condicionaram sua forma, é preciso, portanto, ser *radical*.

Para a Psicanálise, a formação do que ela chama de Eu é resultado da constante influência das outras duas instâncias do psiquismo sobre aquele – o “Isso” e o “Supereu”. Onde o Isso é “a antiga dessas províncias ou instâncias psíquicas; seu conteúdo é tudo aquilo que é herdado, trazido com o nascimento, estabelecido constitucionalmente” (FREUD, 2018, p. 48), enquanto o Supereu “responde a tudo aquilo que é esperado da mais alta nobreza do homem” (FREUD, 1997, p. 39).

Dito de outra forma, as duas instâncias concorrem entre si pelo domínio sobre o comportamento do Eu, de modo que o Supereu é constituído pelos condicionamentos que as sociedades produzem sobre seus corpos e têm como função recalcar as pulsões “animalescas” do Isso. Sendo assim, é possível pensar que a constituição da subjetividade do sujeito está diretamente ligada à constituição da ideologia dominante na sociedade em que ele está inserido. É assim que Freud atesta a multiplicidade de influências sobre a produção do Eu, atestando também a multiplicidade desse Eu.

Para a linguista brasileira Maria Aparecida Baccega (1995), essas influências se dão por meio do discurso, o discurso como produto e produtor da realidade social na qual se manifesta. Esses discursos são permeados por interesses ideológicos que visam o

condicionamento dos indivíduos a determinadas práticas sociais e culturais. A autora estabelece duas categorias: a de “enunciação” e a de “enunciado”.

A primeira é o conjunto linguístico que está à disposição do indivíduo para que ele organize suas ideias e signifique o mundo; a segunda é a manifestação dos discursos responsáveis pela produção da enunciação. Assim, a linguista argumenta que a “enunciação se relaciona com a formação ideológica” (BACCEGA, 1995, p. 53). Por isso a autora afirma que o discurso produz algo como uma “refração” da realidade através da formação ideológica que se sobrepôs ao indivíduo.

Foucault (2014, p. 50), por sua vez, afirma que “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos”. A partir desta perspectiva, Canesi assume todo um conjunto de formações discursivas que produziram seu entendimento sobre sua subjetividade, em relação às maneiras como ele deve compreender a realidade:

Cada discurso constitui-se a partir de uma multiplicidade de outros discursos que originam e configuram a unidade dele próprio. O indivíduo/sujeito que o assume é, portanto, porta-voz dessa multiplicidade: ele é enunciador/enunciatório de todos os discursos em constante embate na sociedade. No momento em que elabora seu próprio, ele se constitui como mediador desses discursos (BACCEGA, 1995, p. 58).

A narrativa de Riccardo Canesi é seu *axis mundi*, o centro do cosmos que ela produz orbitando e existindo pela atividade desse orbitar. Apresenta-se com seu caule introdutor de suas principais categorias e reflexões, produzindo seus modos de compreensão da realidade em seus galhos que narram “uma vida plena”. Em suas raízes encontro toda a multiplicidade das formações sociais, históricas, religiosas, econômicas, psíquicas, culturais que produziram a individualidade que atende pelo nome de Riccardo Canesi e que passam à existência por intermédio do próprio ato de narrar.

É importante observar, ainda, que a imagem da árvore foi tirada da própria narrativa, das escolhas de imagens feitas pelo próprio narrador. Em momento algum induzi ou indiquei a ele que dividisse seu relato ou que o imaginasse como árvore. Por escolha própria ele inicia muitas de suas narrativas com “como galho da mesma árvore”, de onde tirei a imagem aqui discutida. Ressaltando mais uma vez, procurei ter uma interferência mínima sobre o relato de Canesi: seja sobre o tempo gasto neste relato, seja quanto ao tema, seja quanto à ordem que estes temas são dispostos ou mesmo sobre a estrutura que ele

empregou em seu relato. Sendo que a imagem da árvore foi retirada da própria árvore, por assim dizer.

As duas seções que compreendem a interpretação da narrativa de Canesi, “Primeira parte da Leitura” e “Segunda parte da Leitura”, respectivamente, são divididas em quatro subseções cada. E as subseções são divididas em tópicos enumerados em algarismos romanos (afinal, é a narrativa de um italiano). Tratarei um pouco sobre cada um destas oito subseções que constituem a interpretação da árvore narrativa aqui estudada.

A “Primeira parte da Leitura” é aberta pelo *Axis mundi*, que é esta parte do texto. Aqui argumento sobre os motivos que me levaram a identificar esta narrativa com uma árvore e quais as implicações desta identificação. Apresento de modo geral as divisões da interpretação, de modo que sirva de introdução à Leitura.

A segunda subseção é o *caule*. Nesta parte se encontra uma introdução, feita pelo narrador, sobre as principais coisas que serão abordadas ao longo de sua narrativa. Muitas das características que identifiquei como parte das *raízes* da narrativa são apresentadas logo neste primeiro momento. É no *caule* que a imigração para o Brasil aparece e suas motivações. Mais adiante apresentarei as raízes mais sistematicamente.

A terceira subseção é o primeiro galho, o *galho-infante*. Neste, o narrador faz um relato partindo de sua infância até seu primeiro emprego, em um serviço particular de envio de encomendas. O termo *infante* também foi retirado da narrativa, pois ele se refere a si, em alguns instantes, como infante. Aqui são abordadas algumas questões que podem ser inseridas em um contexto histórico muito maior, seja na perspectiva da Itália, como o pós-guerra naquele país, seja em uma perspectiva mundial, como a Guerra Fria.

Assim, Canesi narra sua experiência vivida dentro desses contextos e procuro refletir como essas experiências foram vividas pelo narrador e quais as influências destas sobre a constituição do seu Eu. É aqui também que há o relato sobre seu impedimento de manter a tradição familiar de seguir a profissão de marinheiro, que é determinante para a sua vida.

A quarta subseção é o *galho-viagens*. Este recebe um afeto especial por parte do narrador. Especialmente suas viagens à África que constituem uma das experiências mais marcantes em sua vida por se tratar de um lugar que está completamente fora de suas vivências como um europeu. Aqui procuro argumentar como que essas viagens são produtos de sua identificação com a imagem do sujeito neoliberal e que podem também serem lidas como ensaios à sua posterior partida definitiva da Península Itálica rumo ao Brasil, país que ele nunca havia visitado. Este galho estabelece também algumas categorias

que são fundamentais para a compreensão da visão do narrador sobre o mundo, sobre a civilização, sobre a barbárie com a qual ele mais se identifica.

Aqui tem início a segunda seção da interpretação, a “Segunda parte da Leitura”. É aberta pelo *galho-ludens*. Neste há o relato das idas do narrador a cassinos por várias partes da Europa e do mundo. Relatos sobre jogos, sobre o interesse por esses jogos, sobre vitórias e ganhos e sobre derrotas e perdas de todo o dinheiro que poderia ser perdido e mais ainda. Procuo observar como o jogo tem uma função muito específica para o narrador – a de escape da realidade da vida cotidiana. De maneira que é possível pensar também no jogo como um ensaio, de certa forma, à sua mudança radical de vida vinda a cabo por meio de sua imigração.

A segunda subseção é o *galho-labor*. Junto com o *caule* e o *galho-viagens* são as três maiores partes desta narrativa. O que nos quer dizer algo, pois são a introdução à narrativa, o relato das viagens que são especiais ao narrador e, por fim, o relato de suas atividades laborais. Aqui ele fala sobre seus muitos trabalhos, trabalhos que, segundo ele, precisaram ser “inventados”. Alinho essa possibilidade de “inventar” trabalhos à sua identificação com o mundo neoliberal, no qual o sujeito não só não está sujeito mais a permanecer a vida inteira na mesma profissão e na mesma empresa, como é amplamente incentivado a não fazer.

A “copa” da árvore ou, nas palavras do narrador, “a cereja do bolo” é seu relato sobre crimes cometidos por ele na década de 1980 ainda na Itália. Aqui há um entusiasmado relato sobre esses crimes que são precedidos por uma justificação moral partindo da distinção entre a *honestidade relativa* e a *honestidade total*. Canesi se inclui na primeira, tendo em vista sua infração às leis do seu país. Procuo refletir como que só em uma sociedade de relações fluidas é possível que uma *honestidade relativa* possa ser entendida como uma honestidade, uma relativização das leis e das obrigações civis que só podem ser observadas dessa maneira em um mundo de vínculos frouxos com qualquer categoria que se pretenda estável.

A última subseção, o *galho-ego*, é onde se encontra a interpretação de Canesi sobre sua narrativa. Neste propus ao narrador que utilizasse sobre seu relato as práticas históricas com as quais foi treinado durante sua graduação, sendo ele um bacharel em História. A opção por colocar este galho por último foi por já se ter posto minha interpretação sobre ela. O *galho-ego* é o que Canesi tem a dizer sobre o que ele mesmo narrou.

Dessa forma, estruturei a árvore cósmica narrativa de Canesi da seguinte maneira:

- 1) Raízes: europeu, italiano, homem, branco, velho, marinheiro, neoliberalismo, imigrante, narrador;
- 2) Caule: introdução de Canesi à sua narrativa;
- 3) Galhos: galho-infante, galho-viagens, galho-ludens, galho-labor, galho-crime, galho-ego.

3.2 Caule

I

O caule de uma árvore tem por finalidade, entre outras, elevar-se à cima do solo em busca de Sol para seu processo de fotossíntese, mas também ligar-se ao solo, por meio das raízes, para o uso dos nutrientes que o solo pode oferecer. Fazendo do caule uma parte do vegetal como que intermediária entre o solo que o fixa e o sol que o ilumina e aquece.

Na árvore que é esta narrativa, o caule possui propósitos semelhantes: fixa a narrativa ao solo por meio das raízes do narrador assim como intermedia essas raízes, que são históricas, distribuindo os nutrientes, que são fundamentações históricas que produziram o narrador, produziram seu Eu, aos galhos que são condicionados pelas perspectivas do narrador. É a imagem de um *axis mundi*, o centro do mundo, orgânico fundamentalmente humano. E, como tal, histórico.

Desta forma, a narrativa se inicia com a apresentação das raízes que a fixam a um solo: “meu nome é Riccardo Canesi”, “sou italiano de *nascita*”, “vivo no Brasil há 25 anos”. Apresentando, em primeiro lugar, quem é o narrador, Riccardo Canesi; sua identidade nacional, “italiano de *nascita*”; e sua condição, “vivo no Brasil há 25 anos”, ou seja, imigrante. Além disso tudo, “hoje tenho 73 anos”. O narrador também é velho. Características indispensáveis para se compreender a narrativa.

Esta indicação distingue Canesi dos bilhões de humanos que compartilham o mesmo espaço-tempo que ele. Estabelecendo um Eu enunciador daquela realidade. Esta distinção é uma distinção também, e em primeiro lugar, em relação a mim, historiador, que sou o receptor direto daquela narrativa. Estabelecendo os pronomes “eu” (Canesi), “tu” (Ursulino) e “ele” (o real).

No desenvolvimento da narrativa, a relação entre esses pronomes está por toda parte. De modo que eu, o historiador, também desempenho um papel nela – o daquele que está diretamente oposto àquelas experiências. Pois é a interação com o outro quem faz o Eu estabelecer seus limites (FREUD, 2011). E mais, a narrativa se direciona a mim, de modo

que sem minha presença, sem minha proposição de realização dos registros de suas memórias para um trabalho de História, não existiria tal narrativa da maneira como foi realizada.

O estabelecimento que uma narrativa faz do que é o Eu, o tu e o ele é observado por Philippe Lejeune em *O pacto autobiográfico* como uma maneira de criar seus espaços e suas respectivas identidades. O autor afirma ainda que “o conceito de ‘eu’ não existe” e mais “o conceito de ‘ele’ também não existe” (LEJEUNE, 2008, p. 21). O que quer dizer que essas categorias são próprias daquela narrativa, fazem parte dos seus mecanismos discursivos de produção da realidade, são categorias que não existem para além do discurso, mas se existem, existem pela existência do discurso: “os pronomes pessoais (eu/tu) só possuem referencial atual dentro do discurso, no próprio ato de enunciação” (LEJEUNE, 2008, p. 19).

Estas questões são ideias que fazem parte do fazer historiográfico, do tratamento dos documentos, do trabalho com os narradores dos documentos, das interligações entre narradores e fluxo histórico. As questões do narrador são também centrais para o fazer historiográfico e não apenas para a História Oral, aqui tomada como um dos suportes da História.

Ao opor a tragédia de Shakespeare à tragédia feita na antiguidade grega, Goethe (2000) coloca o trabalho daquele na gênese da Modernidade, porque, entre outros motivos, nas peças de Shakespeare “tudo é dito” para Goethe, na Modernidade (logo, nas peças de Shakespeare).

[...] todo homem é orador e falante. Pronto, o mistério precisa vir à tona [...] Mesmo os mortos são impelidos a isso, tudo que aparece em segundo plano também fala, os elementos, fenômenos do céu, da terra e do mar, trovão e relâmpago, animais selvagens levantam sua voz, pode ser que se trate de uma parábola, mas sempre agindo com todo o resto (GOETHE, 2000, p. 39).

A Modernidade inaugura o humano que existe porque fala, e a sua existência é produzida justamente por essa fala. Quando Hamlet, à espreita do tio, reflete sobre o quanto aquele momento é ideal para vingar seu pai assassinado, toda a reflexão é dita, é exposta: “Eu devo é agir agora; ele agora está rezando. Eu vou agir agora – e assim ele vai pro céu. E assim estou vingado – isso merece exame”. Assim como suas intenções são enunciadas, em “segredo”, todo o exame posterior relacionado a seu intento é igualmente enunciado.

Ou seja, só existe em Hamlet o desejo da vingança porque esse é dito, porque sua existência é percebida pela enunciação. A própria existência do jovem príncipe da

Dinamarca, tomado pelo desejo de vingança, é produto da sua enunciação. Tanto o Eu de Canesi quanto o de Hamlet são um Eu que se manifesta nos discursos dos quais fazem parte. Distintos pelo gênero de suas narrativas: enquanto a existência narrativa de Hamlet é a do teatro e sua linguagem, a do Eu de Canesi, aqui, é a da História e suas práticas.

Essa existência não faz referência a um Eu externo, “puro” habitando em alguma substancialidade que paira sobre algum oceano primordial: “Nenhum pronome pessoal, possessivo, demonstrativo etc. remete a um conceito, mas exerce simplesmente uma função, que consiste em remeter a um nome, ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome” (LEJEUNE, 2008, p. 21). E este nome, no contexto deste trabalho, é Riccardo Canesi.

II

Em suas quase três décadas vivendo no Brasil, Canesi aprendeu bem a Língua Portuguesa. Quando chegou aqui pela primeira vez, na cidade de São Paulo, em 17 de dezembro de 1991, o narrador não falava ou entendia uma palavra sequer da língua. Hoje, entretanto, por mais de uma vez já me corrigiu tanto na pronúncia quanto na escrita de minha língua materna. O que faz da escolha de palavras em italiano, que uma vez ou outra aparecem ao longo da narrativa, sintomática? Observo duas finalidades para o uso de palavras em italiano na narrativa que, por fim, são finalidades que dialogam.

Em primeiro lugar, a escolha de *nascita* para anunciar seu lugar de nascimento. Demonstrando que ele não é um italiano de *nascimento*, mas um italiano de *nascita*. Nascido na cidade balneária de Ceva, no Norte da Itália.

Lúcia Lippi Oliveira (2006), pesquisadora de processos migratórios para o Brasil, assinala que a língua, aos migrantes, é uma ferramenta de identificação. Portanto, o uso da língua de Dante é uma maneira de se vincular a uma identidade nacional que por muitos séculos foi incerta ou até mesmo inexistente entre os nascidos na Península Itálica.

A constituição da identidade nacional italiana surge através de uma unificação tardia e envolvida nos ideais do Estado-nação (BERTONHA, 2018). O que quer dizer que não é a ideia de nacionalidade das antigas monarquias nacionais, que faziam com que grupos muitas vezes distintos entre si carregassem a mesma identidade nacional por serem súditos do mesmo monarca, habitando as mesmas fronteiras.

O sujeito italiano surge não como aquele que nasceu e/ou vive na Península, como era, com atribuições diferentes, em alguns períodos do Império Romano. Surgiu como “um nacionalismo de base étnico-linguística, que identificava nação como homogeneidade

étnica e cultural” (BERTONHA, 2018, p. 45). Desse modo, ser um italiano de *nascita* não se limita a ter nascido em Ceva. Ser um italiano de *nascita* vincula Canesi a toda uma imagem de o que é ser italiano. Além de colocá-lo, na condição de imigrante, noutra *status* que não o de nascido *aqui*, que não o de brasileiro, alagoano, maceioense.

O vínculo a esse lugar é também um vínculo à memória produzida pelos grupos humanos que habitam e habitaram esse lugar. Grupos humanos com os quais Canesi teve contato direto e com grupos que se extinguíram, seja no tempo ou no espaço, mas que o convívio social possibilitou o acesso do narrador a essa memória. E é assim que ser um italiano de *nascita* diz de ser um indivíduo que compartilha uma memória coletiva e uma mentalidade que não é a minha, o pronome *tu*, nem a de qualquer outro *tu* que ouça ou leia sua narrativa.

A referência a seu idioma materno é uma maneira de distinção. Foi a língua de Dante que ele falou desde suas primeiras palavras, não a de Camões ou a de Vieira. Há o estabelecimento de uma hierarquia, um “regresso” à sua língua como forma de demonstrar que apesar de estar aqui, ele não é daqui. São limites discursivos produzidos pela narrativa, limites entre Canesi (eu) e Ursulino (tu). De maneira que eu, enquanto *daqui*, sou o primeiro na linha de frente dessa oposição, dessa especificação, dessa distinção, dessa hierarquização.

Ser italiano de *nascita* diz de seu lugar de memória, pois é no espaço que os humanos vivem e o “nosso ambiente material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros” (HALBWACHS, 2003, p. 157). Esses “outros” a quem Halbwachs se refere são outros que compartilham conosco determinados grupos que produzem uma memória específica a eles e suas experiências. Mas esses grupos são múltiplos em suas constituições e durações e diversos em seus números e nas maneiras e graus de filiação que o indivíduo pode ter com eles.

Embora a identidade nacional seja o mais ambicioso anseio de construção de uma memória coletiva (DOSSE, 2001), Canesi está, em primeiro lugar, vinculado à sua família e posteriormente à escola, os ambientes, respectivamente, primário e secundário de socialização durkheimiano, já que Halbwachs seguia seu pensamento. Mas Canesi também está vinculado a tantos outros grupos. Na sala de aula é possível a existência de pequenos grupos dos quais ele participa. Grupos de amigos, grupos de amigos para acompanhar e discutir futebol, grupos de trabalho e no trabalho grupos menores nos quais ele pode se inserir.

Sendo assim, de *nascita* é também compartilhar da memória dos diversos grupos com quem viveu naquelas ruas, naquele mar, naquela escola, naquela vida. Pois aqueles grupos só e somente só podem ter existido sob aquelas condições, naquele espaço, naquele tempo, naquele clima. É a relação entre a produção de uma memória coletiva e o espaço habitado pelos grupos que a produzem. Uma relação dialética na qual os grupos significam o espaço através de sua atividade viva nele e que, por contrapartida, essa mesma atividade viva é condicionada pela materialidade do espaço no qual é praticada.

O parágrafo seguinte transcreve a narrativa da curiosa solução que um amigo seu encontrou para que eles pudessem conversar:

[...] eu tinha um amigo, com o qual a gente se encontrava e conversava aquela filosofia de botequim. Eu me considero verborrágico. Eu gosto de falar e ele também. Então a gente tinha dificuldade na nossa conversa, porque muitas vezes a vontade de intervir na fala do outro criava problemas nesse sentido. Aí um dia ele chegou com um pacotinho e disse: ‘Eu trouxe um presente pra nós’ – ‘Que que é isso?’. Aí ele me deu uma *clessidra*. Em italiano é assim. Aqui a tradução é uma ampulheta.

Aqui também é possível observar o uso da palavra *clessidra*, para nomear o instrumento que determinou o início e o fim de sua fala várias vezes em conversas de “filosofia de botequim” com seu amigo. De imediato, assim como em *nascita*, Canesi faz questão de afirmar que “em italiano é assim, aqui a tradução é uma ampulheta”. Se ele conhecia a tradução, qual o motivo de ter escolhido a palavra em italiano? Quero destacar, agora, o segundo uso das palavras em italiano no texto. Enquanto *nascita* tem a função de estabelecer um espaço geográfico com fronteiras bem definidas e uma cultura genericamente identificável, a Itália, onde vive seu grupo de origem, *clessidra* é um objeto, um instrumento.

Seu amigo não presenteou a amizade deles com uma ampulheta, mas sim com uma *clessidra*. Essa vertida em ampulheta por uma série de episódios aleatórios: foi necessária uma migração para um lugar de fala portuguesa com todas as motivações e implicações desta, foi necessária a existência da proposição deste trabalho com suas características de deixá-lo falar livre de interrupções e o surgimento de uma narrativa em decorrência da proposição. Em outras palavras, só se *tornou* uma ampulheta 25 anos após sua imigração ao Brasil.

Portanto, a *clessidra* não é um lugar de memória como *nascita*, mas sim um objeto de memória. Pois “o passado se aloja nos objetos da vida cotidiana, nas sensações que eles despertam e que lhes servem de suporte” (DODEBEI, 2016, p. 224). E a experiência de

Canesi com aquele objeto não foi com uma ampulheta, de maneira que ela nada diz para a *clessidra*.

A tradução é uma “forma própria” (BENJAMIN, 2013). A palavra original está tomada por significados que são próprios dos grupos que a utilizam em sua língua materna, próprias às funções que os grupos que dela fazem uso se utilizam e, no caso de Canesi, à experiência própria com seu amigo, que constitui um pequeno grupo. É dessa forma que ampulheta não consegue exprimir a experiência que foi vivida completamente fora da língua a quem faz parte. Sendo assim uma forma própria.

É sintomático o acesso a essa memória de Canesi ser em italiano, pois é a língua na qual ele estava submerso enquanto a experimentou, a língua que mediou a relação de seu espírito com aquele objeto do mundo exterior dando a ele um sentido específico, atribuindo a ele um lugar em sua memória. De tal forma que, quando houve a necessidade de narrar essa memória como ilustração para seu contentamento em, agora, poder falar livremente a um interlocutor que o ouvirá o quanto for necessário – o instrumento, esse objeto de memória, que estabelecia limites a sua pulsão em falar foi enunciado em italiano, por acionar uma memória afetiva que foi vivenciada naquela língua.

E a importância desse objeto em suas memórias, ao ponto de ser narrada e posta nesse contexto, é o de ter representado a Canesi um objeto de recalamento. Ora, tanto ele quanto seu amigo compartilhava o mesmo ímpeto pelo dizer, eram verborrágicos, em sua definição. Foi necessária a introdução de um objeto exterior ao grupo para que houvesse o estabelecimento de uma ordem que, por meio do respeito às significações atribuídas ao objeto, se houvesse um respeito ao momento do outro de falar – um recalamento por meio da ordem e, conseqüentemente, por meio da repetição. Pois a ordem é uma compulsão à repetição (FREUD, 2011).

E antes de voltar à questão da tradução, quero salientar a satisfação experimentada pelo narrador por poder falar livremente, sem que haja entre os pronomes *eu* e *tu* qualquer instrumento de qualquer natureza que recalcaria sua fala temporalmente. Embora evidentemente haja silêncios na narrativa de Canesi, alguns desses até enunciados a mim quando o gravador estava desligado, procurei não ser de maneira alguma nem um objeto nem o representante de algum mecanismo de recalamento de sua narrativa: seja temporal, moral ou mesmo condicionando a narrativa aos meus interesses. Mas isto retomarei adiante com mais profundidade.

A relação entre *clessidra* e ampulheta é, portanto, a relação do autor com seu tradutor. Só que com a especificidade de que são o mesmo, buscando verter suas memórias

a uma língua na qual ele não as vivenciou. Desta maneira, para além de *nascita*, *clessidra* e nas demais palavras em italiano ao longo da narrativa, todas as suas memórias vivenciadas em sua *primeira vida*, na Itália, passaram pelo mesmo processo de tradução. E essa tradução imprime novos significados a essas memórias. É um processo de ressignificação de suas memórias.

Destaco duas razões desta significação. A primeira é por se tratar de uma narrativa para um trabalho acadêmico. Apesar de procurar interferir o mínimo na sua fala, Canesi tinha conhecimento da natureza e dos propósitos daqueles encontros. Levando-o a produzir uma narrativa que, ao menos segundo o seu entendimento, seria mais adequada a uma pesquisa de História. Daí pensou na estrutura na narrativa que é setorizada e submetida a uma cronologia linear e progressiva.

Em segundo lugar, o *tu* não compartilhou aquelas memórias com ele, não faz ou fez parte dos grupos com os quais ele experimentou aquelas memórias. Logo, é alguém alheio a elas. Eu não poderia, de maneira alguma, ter acesso àquelas memórias a não ser pelo estabelecimento de um novo grupo, o *eu* e o *tu*, no qual Canesi pudesse compartilhá-las comigo, traduzindo-as de maneira que fossem a mim inteligíveis. E essa tradução passa pela tradução da língua. Mas não como uma violência ao realmente acontecido, pois ele não existe. Nem tampouco uma violência à sua memória. Mas sim como um desdobramento, novas significações: “Nelas (nas traduções), a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais abrangente desdobramento” (BENJAMIN, 2013, p. 105).

E é assim que *nascita* ou *clessidra* e até as vivências experimentadas em italiano nada têm com *nascimento* ou *ampulheta* ou com a narrativa em português de um modo geral. Mas a tradução está completamente inundada pelos significados do original, como observa Benjamin. E se é o “mais abrangente desdobramento”, o é por razão de se ter um intuito premeditado de conversão e de comunicação dessas memórias. Apesar de a vivência (o original) ser uma das produtoras das memórias, ela faz parte da vida cotidiana, ordinária. A narrativa (a tradução, aqui entendida em vários significados) é uma atividade deliberada que desdobra a língua, o italiano, e as memórias ressignificando-as e tornando-as existentes no presente, única temporalidade onde pode existir.

III

A última característica que se apresenta neste início e que é fundamental para a compreensão dos caminhos tomados pela narrativa é a idade de Canesi. Ele não é “um

rapaz de 20 anos que ainda está na fase inicial da sua vida”, ele tem 73 anos de idade, na época dos registros, “e este fato de ter 73 anos é que, na minha visão, me qualifica suficiente para tentar falar de uma vida”. Na verdade, para falar de duas: uma na Itália e outra no Brasil.

Quando dos primeiros registros, aos quais este momento da narrativa faz parte, Canesi havia acabado de completar idade nova. Nascido em 13 de julho de 1943, os registros foram feitos em 25 de julho de 2016. E um dos principais desafios de pensar sobre a narrativa de Canesi é precisamente nossa diferença de idade. Como observa Norbert Elias, é importante pensar no “quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia idade entender a situação e a experiência dos velhos” (ELIAS, 2001, p. 81).

Entre as coisas que compartilho com Canesi, está o dia de nascimento: ele, em 13 de julho de 1943; eu, em 13 de julho de 1992. São precisamente 49 anos que nos separam – meio século! E em certa medida eu seria o rapaz de vinte e poucos anos, 24 quando dos registros, “que ainda está na fase inicial da sua vida”. Por isso compreendo como fundamental pensar sobre o narrador ser idoso e de que maneira essa condição condiciona a sua narrativa.

Ainda é necessário salientar que admito a adjetivação de *velho* partindo dos autores com os quais me proponho a trabalhar, a saber Elias e Cícero. Ambos utilizam o termo para se referir a pessoas com uma maior quantidade de tempo de vida, inclusive ele mesmo quando da redação das obras que utilizou. E que apesar da condição de *velho* e as limitações físicas que essa condição impõe ao corpo humano, Canesi goza de um modo de vida muito ativo. De certa maneira um modo de vida incompatível com o de outros *velhos* de sua mesma idade.

Em primeiro lugar, a idade aparece como legitimadora da narrativa. Por sua idade, Canesi se apresenta como *qualificado* para o empreendimento de narrar não apenas sua vida, mas também sua visão sobre o mundo. Cícero nomeia essa qualificação, que para ele é própria dos velhos, de *autoridade natural*: “A autoridade natural, eis o verdadeiro coroamento da velhice!” (CÍCERO, 2009, p. 49). Em “Saber envelhecer”, o estoico se opõe à ideia de que a velhice deva ser vista como uma condição negativa e que ela, assim como as demais etapas da vida, tem seus prazeres e vantagens próprios. Um verdadeiro elogio da velhice.

Uma das vantagens do velho é a “autoridade natural” de enxergar a vida através de uma perspectiva própria da velhice. E quem legitima essa autoridade são os *frutos da velhice*: “os frutos da velhice [...] são todas as lembranças do que anteriormente se

adquiriu” (CÍCERO, 2009, p. 55). A narrativa se vincula a essa concepção e se ergue sobre a fundamentação de que o acúmulo de muitos anos de experiências, 73 anos, fornece uma autoridade natural para narrar o mundo.

O argumento de Cícero na obra se baseia em contrapor as “quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável” (CÍCERO, 2009, p. 16). A quarta dessas razões, e que é a interessante aqui, é porque “ela nos aproxima da morte”. E a morte está presente de diversas formas na narrativa de Canesi, se apresentando pela primeira vez por meio de reflexões sobre a imortalidade. Marco Túlio Cícero e Norbert Elias concordam, ambos escrevendo em suas respectivas velhices e distantes por milhares de anos, que a morte é uma questão recorrente aos velhos. E o que seria pensar sobre a imortalidade senão pensar sobre a condição mortal do humano?

Canesi afirma “que um dos sonhos da humanidade seria encontrar a imortalidade”. O intento da imortalidade já pode ser encontrado no épico sobre o rei de Uruk, que viveu há quase 5 mil anos, narrado na *Epopeia de Gilgamesh*. Mas a reflexão de Canesi se estende para além da imortalidade enquanto meta a ser alcançada. A reflexão vai também às condições dessa imortalidade: “depois de um certo tempo, acho que isto seria um fardo extremamente pesado”. Pois se perderia tudo: “companheiras, amigos, filhos” e você atravessaria os tempos de certo modo só.

Outra reflexão sobre a condição da imortalidade é: “como é que se estabelece o momento no qual você quer parar?”. A ideia de permanecer como criança eternamente não lhe parece apropriada. Canesi não gostaria de ser um Peter Pan. Por outro lado, “eu não gostaria que alguém me desse a imortalidade hoje, com 73 anos, porque a idade é extremamente limitativa”. Portanto, Canesi também não gostaria de ser um Titono, que recebeu dos deuses a imortalidade já na velhice.

A idade ideal para alcançar a imortalidade, para Canesi, seria por volta dos 30 anos, porque “tinha uma maturidade, mas ainda o meu físico era um físico juvenil”. Não por acaso essa foi escolhida como idade ideal para viver a eternidade. Os “30 e tantos anos” costumam representar *o meio da vida* no imaginário ocidental. Na *Comédia* de Dante o narrador, que é Dante, inicia: “Nel mezzo del cammin di mostra vita / mi ritrovai per uma selva oscura, / ché la diritta via era smarrita”. (Inferno, Canto I, versos 1-3).

Para além do valor que a *Comédia* tem para a literatura e para a cultura ocidental, acredito que esses versos sejam de grande importância para a interpretação da narrativa de Canesi. Por isso os escolhi como epígrafe do trabalho. Por isso pedi para que Canesi traduzisse direto da língua de Dante, os versos para o português. E assim é sua tradução:

“No meio do caminho da nossa vida / me encontrei em uma selva obscura, / já que havia perdido o caminho certo”. E esse meio caminho da *nossa vida* – não só da de Dante, mas da *mostra vita* –, são os “30 e tantos anos”.

Michel Leiris inicia a biografia de sua juventude, intitulada de *A idade viril*, da mesma forma que Dante inicia a *Comédia*, isto é, estabelecendo o meio do caminho: “Acabo de completar trinta e quatro anos: a metade da vida” (LEIRIS, 2003, p. 27). E assim como Canesi, o escritor também compreende a idade como aquela que se está com uma “maturidade” e com um “físico juvenil”. Por isso Leiris se vê impelido a escrever sobre sua “idade viril”, tendo em vista que está no auge dela.

O meio caminho da vida costuma vir acompanhado de transformações profundas. É no meio do caminho que Dante atravessa todos os círculos do Inferno, do Purgatório e do Paraíso. Leiris (2002, p. 185) escreve que “aproveitei a ocasião para fazer uma longa viagem e parti para uma temporada de dois anos na África”, como forma de sair “desses limbos” que o atormentavam. Canesi, por sua vez, tem seu “meio do caminho” um pouco mais adiante. Ao que voltarei em momento oportuno.

IV

A narrativa se estende na direção de estabelecer os dois *locus*, os dois lugares, em que o narrador transitou e habitou. O meio caminho da vida de Canesi quem proporcionou esses dois *locus*: a saber, a Itália e o Brasil. “Eu faço parte de um grupo restrito, acredito com certeza, de pessoas que tiveram a oportunidade de viver pelo menos duas vidas”. Os dois *locus* em que essas duas vidas transcorreram são muito mais do que espaços geográficos. Na narrativa, Itália e Brasil são mais do que dois países. São dois estados, nos termos de Bachelard (2008), da vida do narrador. Esses dois estados dão o título desta dissertação – *giorno* (dia) e *notte* (noite).

Por que são duas vidas? “Porque nasci na Itália e vivi na Itália até 48 anos de idade. E, nestes 48 anos, eu tive uma vida plena”. Na sua *primeira vida*, Canesi estudou, trabalhou, casou-se, divorciou-se, ficou viúvo, estabeleceu relações profundas com outros humanos, viajou, aposentou-se. Ou seja, “uma vida plena”. Essa primeira vida identifico com o *animus* de Gaston Bachelard. O filósofo francês faz uso das categorias do psicanalista Carl G. Jung *animus* e *anima* para afirmar que esses “dois substantivos para uma única alma são necessários a fim de se expressar a realidade do psiquismo humano” (BACHELARD, 2018, p. 58).

O *animus* é identificado por Bachelard com o dia (giorno). O dia é o espaço da ação da Razão, tida aqui no sentido mais ilustrado do termo: a Razão como a faculdade distintiva entre o humano e a Natureza e, sendo assim, a Razão como produtora do Progresso. O dia é o espaço da ação do sujeito coerente com o imaginário do mundo burguês em sua busca por uma profissão, em sua formação escolar, em sua atividade laboral, pela constituição de um núcleo familiar e coroado, como parece ser o galardão final do bom trabalhador, pela aposentadoria. O *animus* é o espaço da vida civil, do animal humano vivendo e atuando na civilização. E qual lugar mais apropriado para se experimentar a civilização do que na Itália, berço da Modernidade e, até, do Ocidente como conhecemos hoje?

“E, a partir dali, com 48 anos, eu vim pro Brasil”. O Brasil é o espaço da *anima*. Se penso na escolha da cidade para morar a oposição se faz ainda mais evidente. Canesi, contrariamente aos seus conterrâneos oitocentistas, não foi para São Paulo ou para as regiões Sul e Sudeste, que é o destino tradicional dos migrantes europeus para o Brasil. Canesi veio para Maceió, a quem nós, maceioenses, orgulhosamente nos habituamos a chamar de *o paraíso das águas*.

Nesse *paraíso* Canesi habitou próximo às águas. Sua primeira residência foi a poucos metros da Praia da Cruz das Almas, em 1992. Canesi chegou a Maceió no ano em que nasci e viveu em um bairro vizinho ao bairro em que nasci e cresci. Apesar de ainda hoje os dois bairros, Cruz das Almas e Jacintinho, terem suas fronteiras confusas, a distância socioeconômica entre os bairros é cada vez mais acentuada. Na medida em que o primeiro vem se tornando mais e mais elitizado, o segundo vem se tornando mais e mais sinônimo de periferia. Do fim das ruas onde cresci é possível ver o mar da Cruz das Almas, é possível ver a rua onde Canesi viveu. Separados do Jacintinho por alguns minutos de caminhada entre vielas e esgotos de uma das grotas mais pobres da capital alagoana, a Grota do Arroz. A grota, inclusive, apesar de também estar na parte baixa, que deveria ser Cruz das Almas, é Jacintinho.

No ano seguinte, em 1993, Canesi foi morar em outro bairro. Agora, no Pontal da Barra, às margens da Lagoa Mundaú, e está lá até então. Ela é uma das três principais lagoas do estado que, não por acaso, se chama Alagoas. Por sua importância a Mundaú está representada na bandeira do estado, criada pelo etnógrafo Théo Brandão, no alto do brasão, como uma das três tainhas. Embora seja conhecida como lagoa e seja uma das principais do estado de Alagoas, a Mundaú é na verdade uma laguna. Ou seja, ela não é cercada de todos os lados por terra, ela tem um *braço* que a liga ao mar. O bairro do Pontal da Barra fica

exatamente no encontro entre a Mundaú e o Oceano Atlântico – a síntese do *paraíso das águas*.

Por aqui, Canesi viveu e vive outra “vida plena”. Na *segunda vida* “fiz novo casamento, tenho um filho de 16 anos, frequentei universidade, fiz novos amigos com ideias completamente diferentes daquelas que foram meus amigos”. Canesi encontrou no Brasil sua própria utopia da Cocanha.

Os dois *locus* criados pela narrativa são, portanto, Itália e Brasil. Mas entendidos muito mais por suas representações produzidas no e pelo imaginário do narrador do que como espaços geográficos. Mais adiante, no *galho-viagens*, a narrativa apresenta duas categorias que servem para identificar, de um modo geral, todos os lugares do mundo: *lugar de tecnologia e lugar de natureza*. Que posso ler como *lugar de civilização e lugar de barbárie*. Àquele pertence sua terra natal, a este pertence Maceió.

V

Entre as principais questões dessa investigação está a compreensão da migração de Canesi. Embora a colônia italiana e seus descendentes seja a maior do Brasil, e conseqüentemente a bibliografia sobre a migração italiana seja vasta, as circunstâncias envolvendo a migração de Canesi são distintas das dos italianos que começaram a chegar no país há mais de um século.

No século XIX havia um processo de formação dos Estados nacionais. A Itália se unificou nesse contexto. Mas, mesmo após a unificação, a nova nação estava ainda dando seus primeiros passos no advento da Revolução Industrial. Revolução que já estava em pleno desenvolvimento na Europa Ocidental e que tinha na Inglaterra seu protagonista, o que leva a Lippi Oliveira a afirmar que a Inglaterra exportava seus produtos industrializados ao mundo, a França exportava a estética da nova sociedade burguesa urbana e industrial, enquanto a Itália exportava o bem que mais abundava em seu território – mão-de-obra (OLIVEIRA, 2006).

Esse produto de exportação, os próprios italianos, chegaram a diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, e possuíam o perfil que ela aponta como o perfil mais básico entre migrantes: jovem, desempregado, fugindo da fome, da miséria, da guerra e, no caso italiano, até mesmo de perseguições políticas. Verdadeiros refugiados que saíam de seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida.

Um século depois, há uma nova forma de migração italiana para o mundo (BERTONHA, 2018). Esse migrante do fim do século XX, contrariamente ao do XIX, não

migra por fatores que lhe são externos, migra por questões de ordem pessoal, não por fome, miséria ou perseguição. Esse *novo* migrante italiano migra só, não constitui colônias, não se torna operário “chão-de-fábrica”; não busca por melhorias na sua condição material de vida, pois a Itália já é hoje uma grande economia e possui uma indústria sofisticada. Sendo assim, é necessário compreender, na escala do individual, os motivos que levam esses migrantes italianos do fim do milênio a sair da Península. E, no caso aqui investigado, os motivos que trazem ele a um destino tão incomum como é Maceió.

E assim se estabelece o *meio caminho* da vida de Canesi, sua própria *selva obscura*:

Chegando em torno dos 48 anos, a minha primeira mulher, da qual eu já estava divorciado, mas tinha mantido com ela um ótimo relacionamento, ela pereceu em um acidente de avião. E esta coisa mexeu muito comigo no sentido de perceber o quanto a vida era tênue, o quanto não adiantava fazer projetos de longa distância, porque de um dia pro outro a vida mudava completamente. Em concomitância com isso, um outro amigo adoeceu de uma doença terminal – câncer.

O século XIII, na Europa, foi um período de grandes transformações sociais, políticas, econômicas, religiosas e considerável produção reflexiva. As Cidades-Estados da Península Itálica estavam na vanguarda do que ficou conhecido por Renascimento. Para Pedro Dalle Nogare (1977), o Renascimento é um fenômeno genuinamente italiano e que se estendeu para outros lugares do Oeste daquele continente.

Em 1265, em meio a esse fervilhar, nasceu Dante Alighieri, em Florença. Uma das figuras mais importantes da tradição literária ocidental, “Dante foi um homem apaixonado, de amores e rancores extremados” (FRANCO JR., 2000, p. 11). Esse florentino foi ator político, filósofo, filólogo, poeta, teólogo e, acima de qualquer coisa, florentino. Para Franco Jr. (2000), a cidade de Florença possui importância essencial se se quiser pensar sobre a obra e a vida de Dante, que mantinha uma relação de “amores e rancores extremados” com sua cidade natal. Por isso, “o grande acontecimento da vida de Dante foi seu exílio de Florença”, (FRANCO JR., 2000, p. 35), ao lado do encontro com Beatriz.

Em função de sua atividade política, o poeta foi acusado e condenado, em 1302, por corrupção. Enquanto estava em missão diplomática, seus inimigos políticos tomaram o poder e, após a condenação, exigiram que ele regressasse à cidade para responder por seu crime. Ciente da perseguição política que sofria, Dante se recusa a voltar e foi condenado à morte – iniciando, assim, seu exílio. Dante jamais voltaria a Florença.

Sua grande obra, a *Comédia*, foi escrita durante seu exílio e narra a epopeia de Dante partindo da *selva obscura* rumo ao Paraíso junto ao próprio Deus. Para a concepção

corrente no tempo da redação do poema o *meio caminho* da vida é a idade de “30 e tantos” anos, na qual a pessoa estaria no auge do seu condicionamento físico e mental. Mas não é difícil entender que o meio caminho da vida de Dante, o que o levou à selva obscura, que o levou a estar perdido, foi seu exílio de Florença.

Por isso a *Comédia* é uma obra política, pois o autor procura pensar sua realidade histórica partindo da busca pelo equilíbrio entre o temporal e espiritual, como bom seguidor de São Tomás de Aquino que era. O poema é uma reflexão sobre a biografia do poeta, mas é também uma reflexão sobre seu tempo e sobre a condição humana,

[...] pois cada um pode encontrar ali o que quer, ou melhor, reconhecer ali o que é: a ‘Comédia’ sempre funcionou como um espelho da condição humana, individual e coletiva [...] Ela é a autobiografia espiritual do Poeta e uma biografia atemporal do ser humano (FRANCO JR., 2000, p. 63).

É assim que encontro Riccardo Canesi em Dante. Ou melhor, é assim que encontro Dante em Riccardo Canesi. Assim como seu conterrâneo do século XIII, houve algo que estabeleceu o meio caminho de sua vida e que foi um marco que dividiu sua vida em antes e depois. Penso, a partir da narrativa, que a vinda de Canesi ao Brasil tenha sido necessária para o narrador. E assim busco entender esse momento de cisão entre suas duas vidas através das categorias da Psico-história. De acordo com a narrativa, o motivo principal da sua migração foi se encontrar diante da morte.

O falecimento de sua ex-esposa, aliado às condições imprevisíveis com que ocorreu, pôs Canesi diante do entendimento de que a qualquer momento ele mesmo poderia morrer, por qualquer motivo, em qualquer situação, sob qualquer condição. Sendo assim, resolveu partir, abandonando seu *lugar de tecnologia*, a civilização, para fixar morada no *lugar de natureza* que, até então, ainda era somente um lugar de passagem, de visita.

Da mesma forma que para Dante o exílio foi seu meio caminho da vida, para Canesi foi a morte de alguém próximo. Com a diferença de que o narrador desejou o exílio da Itália, de tal maneira que só voltou ao seu país uma só vez, 25 anos depois de sua partida e, durante esses anos, viu seus laços com as pessoas e mundo com quem compartilhou sua primeira vida serem lentamente desfeitos pela distância de um oceano inteiro.

Se a morte de sua ex-esposa foi o marco que estabeleceu o meio caminho da vida de Canesi, o trabalho do luto foi o mecanismo que promoveu sua migração. No ensaio *Luto e melancolia*, de 1917, Freud inaugurou uma categoria fundamental à Psicanálise – o mecanismo da *transferência*. Para L. Laplanche e J. B. Pontalis, em *Vocabulário da*

Psicanálise, a transferência “implica um deslocamento de valores, de direitos, de entidades, mais do que um deslocamento material de objetos” (LAPLANCH; PONTALIS, 1970, p. 669). O trabalho do luto é, portanto, o trabalho de transferir as pulsões libidinais que se direcionavam ao objeto de desejo perdido para outro objeto de desejo. É importante observar que as pulsões não se vinculam necessariamente a pessoas ou a objetos materiais, mas vinculam também, e principalmente, a ideias, a categorias sociais e culturais. E, seguindo o exemplo do mecanismo da *identificação*, a transferência lida muito mais com a imagem que o objeto representa, a partir das formações sociais do objeto e do indivíduo, para o Eu do que com a materialidade daquele objeto.

O que explica como o trabalho do luto se manifestou em Canesi. Para Freud, “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, a liberdade, um ideal, etc.” (FREUD, 2018, p. 100). É por isso que diante da morte de sua ex-esposa, a transferência libidinal não se deu para outra pessoa, para outra mulher que pudesse substituir aquela mulher perdida para sempre. Canesi não amou outra mulher, Canesi amou, mais do que nunca, uma ideia que lhe acompanhou a vida inteira – Canesi amou a Cocanha, Canesi amou a *anima*.

É necessário, entretanto, definir o que Freud entende por amor. Para ele, o Eu ama tudo aquilo que é seu, ou seja, o Eu ama suas pulsões. Sendo assim, desde o nascimento, o indivíduo odeia o mundo exterior porque, inicialmente, ele lhe é hostil e, posteriormente, exerce uma função reguladora sobre seu aparelho psíquico que tem o propósito de recalcar suas pulsões através da produção do Supereu. E assim, em *As pulsões e seus destinos*, Freud define o que é o amor:

O amor advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico uma parte de suas moções pulsionais [...] Ele é originalmente narcísico, e passa então para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, expressando então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos tidos como fontes de prazer (FREUD, 2019, p. 59).

Então, se “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e decreta a exigência de que toda libido seja retirada de suas ligações com esse objeto” (FREUD, 2018, p. 101), ao amar a Cocanha, ao amar a *anima*, e tê-la como objeto para o qual sua libido será transferida, Canesi incorpora ao seu Eu a imagem do *lugar de natureza* e o ama por identificar nele um objeto que, mesmo fazendo parte do mundo exterior e, em princípio, digno de ódio – proporciona prazer ao seu Eu ao realizar suas pulsões. E ainda além, Freud afirma que esse mecanismo de incorporação se assemelha à atividade de

devorar o objeto amado. Uma antropofagia que, para o imaginário europeu, é uma prática tão “nossa”, tão selvagem, tão bárbara, mas que para o narrador, assim como toda a imagem da Cocanha, é produtora de prazer.

Essa multiplicação de ideias, histórias, conceitos, autores é apenas um indicador de como um "átomo da história", de fluxos extra individuais, são ricos, complexos e que precisam ser ditos, investigados para que tenhamos um vislumbre da riqueza que o simples tratamento historiográfico não nos proporciona. Carlo Ginzburg, em *O Queijo e os Vermes* (2006), demonstra como o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição nos abre as grandes riquezas do século XVI a partir de um "fragmento", um homem, um discurso, um narrador pleno. A História tem muitas entradas, portas, janelas e "buracos de rato". Canesi é meu "buraco de rato", ou de minhoca como preferem os físicos.

3.3 Galho-infante

I

O primeiro galho da narrativa de Riccardo Canesi é o que trata de sua infância, adolescência e mocidade. A este dei o título de *galho-infante*. Buscarei refletir como esses primeiros anos do narrador influenciaram suas ações ao longo da vida, procurando inserir suas vivências nos contextos apresentados pela narrativa.

Canesi faz a escolha pela adoção de uma linearidade temporal, iniciando por sua infância: “vou iniciar por aqui a contar a minha história”. O tempo linear progressivo é a concepção temporal do Ocidente. Seja via cristianismo com o tempo que progride, desde o Éden, rumo ao Milênio; seja via Modernidade com o tempo que avança rumando ao Progresso, que é o tempo racionalizado, da indústria, do trabalho, do capital enfim.

É assim que a história de Canesi se inicia por seu nascimento: “eu nasci em 1943, plena Segunda Guerra Mundial”. A escolha do nascimento como marco inicial de sua história não é uma escolha natural, apesar de parecer, se olhado rapidamente, uma escolha muito óbvia. Afinal, a história de um humano se inicia no seu nascimento, não? Não necessariamente.

Plutarco, narrando as *Vidas Paralelas*, inicia cada narrativa muito antes do nascimento da vida narrada. Usando seu conhecido moralismo, justifica a importância daquela existência por fatores que escapam ao tempo de vida daquela pessoa. É assim que Cícero é justificado por sua mãe: “Diz-se que a mãe de Cícero se chamava Hélvia, mulher de nascimento e conduta exemplares” (PLUTARCO, 1992b, p. 34). “Alexandre”, por sua

vez, “descendia de Hércules por Carono, do lado paterno, e de Éaco por Neoptólomeno, do lado materno” (PLUTARCO, 1992a, p. 133), demonstrando que, na concepção de Plutarco, a vida estava ligada às gerações que a precederam e que o nascimento é mais um elo naquela cadeia.

Santo Agostinho inicia suas *Confissões* destacando a condição do humano: “o homem, fragmento qualquer de tua criação, e anda em círculos carregando a prova de sua mortalidade, anda em círculos carregando a prova de seu pecado” (AGOSTINHO, 2017, p. 33). Nessa obra, Agostinho insere a vida humana como parte dos planos divinos, um “fragmento qualquer” diante da incomensurabilidade da Providência, narrando, por meio de uma oração a Deus, como que sua vida é um produto da vontade divina. De tal modo que até o período antes de sua conversão, entregue ao *pecado*, o levou à Igreja, o levou a Cristo, o levou à salvação.

O prólogo do assim chamado *Código de Hammurabi* é mais um exemplo de que o que nascia, nascia por questões que precediam seu nascimento, seja humano, seja uma cidade: “quando o sublime Anum, rei dos Anunnaki, e Enlil, o senhor do céu e da terra [...] assinalaram a Marduk, filho primogênito de Ea [...] eles pronunciaram o nome sublime de Babel e a fizeram poderosa no universo” (HAMMURABI, 1976, p.19). Entre aquele povo, o que nascia, nascia porque os deuses lhe concediam um nome. O próprio Hammurabi “foi chamado por Enlil” (HAMMURABI, 1976, p. 20).

A Bíblia está repleta de exemplos, dos quais destacarei dois, um em cada testamento. No *Antigo Testamento*, Jeremias foi um dos maiores profetas, apesar de ter morrido sem ver nenhuma de suas profecias realizadas. Mesmo assim, “veio a palavra do Senhor a mim dizendo: Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta” (Jeremias 1, 4-5). Assim como Hammurabi foi chamado por Enlil, recebendo seu nome, Jeremias foi *conhecido* por Jeová antes mesmo de ser gerado. Uma vida que precede seu nascimento e prossegue após sua morte, tendo em vista que profecias não possuem prazos de validade.

O *Novo Testamento* inicia com os quatro Evangelhos canônicos que narram as *boas novas* (evangelho) anunciadas pelo messias dos cristãos, Jesus de Nazaré. A conversão de Natanael é significativa aqui, pois, ao ser convidado por Filipe a responder o “segue-me!”, ele faz um julgamento de Jesus com base no seu lugar de origem: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1, 46). É sabido que Jesus teria nascido em Belém, não em Nazaré, mas por ter crescido naquela cidade, ficou conhecido como o *nazareno*. Essa noção de que

o lugar de origem precede a vida das pessoas é corrente em muitas sociedades humanas. Até hoje, sob condições diferentes, essa concepção é reproduzida por muitas pessoas.

Nem o messias escapou de sua existência ser precedida por outras forças. O Evangelho segundo Mateus atesta como que a procedência das pessoas são legitimadoras das suas possibilidades de ação. O primeiro livro do *Novo Testamento* inicia com uma genealogia do messias: “Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão. Abraão gerou Isaque, e Isaque gerou a Jacó, e Jacó gerou a Judá e seus irmãos” (Mateus 1, 1-2) e assim por diante até chegar a José. Pois, até para se ser o messias, é necessário possuir um testemunho de procedência. Apesar de, segundo a tradição cristã, Jesus não ser filho de José.

Por isso a escolha de Canesi em estabelecer seu nascimento como início de sua história é sintomática. Um sintoma do seu tempo. Um sintoma da Modernidade e sua influência sobre o tempo presente. Para Bakhtin (2001), a ênfase nos acontecimentos da vida animal do humano é uma característica da sociedade burguesa. O nascimento é, sem dúvidas, um dos principais desses acontecimentos. O motivo é a orientação apresentada desde o surgimento do mundo burguês à individualização. É o aparecimento do indivíduo, o que não se divide, o indivisível.

E se esse humano agora é um indivíduo, a sua história, a sua biografia compreendem seu tempo de vida sobre a terra: tendo como limite inicial o nascimento e o limite final a morte. Ainda para Bakhtin esta é uma forma de desestoricização da vida humana, de modo que suas ações passam a ser suas, para além do contexto histórico, social, político, econômico etc. no qual o indivíduo esteja inserido.

Rousseau está na gênese desse entendimento. Não por um acaso está no fundamento da Revolução Francesa de 1789, revolução substancialmente burguesa. Em seus *Devaneios do caminhante solitário*, Rousseau devaneia: “eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companheiro” (ROUSSEAU, 1995, p. 23). O Eu rousseauiano, que é o Eu moderno, é um Eu que caminha solitariamente tendo em si seu início, tendo em si seu fim.

O Velho Marinheiro de Coleridge é uma imagem poderosa para esse humano moderno. O poema narra as desventuras daquele marinheiro depois que usou sua besta para matar um albatroz. O albatroz, que é um pássaro marinho, carrega o significado de *bons ventos* entre os trabalhadores do mar (CHAVALIER; GHEERBRANT, 1992). No *Corão*, o pássaro aparece como figura para o destino: “No pescoço de cada homem, atamos seu pássaro” (Sutra 17, 13). E foi exatamente isto o que houve com o Velho Marinheiro: “Ah,

infeliz! que olhares maus/ Tive eu, de velho e moço! / Não uma cruz, mas o Albatroz / Puseram-me ao pescoço” (versos 139-142).

Posso pensar que *A Balada do Velho Marinheiro* narra como o humano atravessa o destino com uma flechada, tomando para si a responsabilidade de suas ações. Tendo em vista que o pássaro, especialmente o albatroz, há muito tempo carrega a imagem do mediador entre o céu e a terra, entre os deuses e os humanos – a flecha do Velho Marinheiro atravessou o próprio Deus, podendo ser lida como a Modernidade.

Essa *morte de Deus*, bem ao gosto do Zaratustra de Nietzsche (2011), aponta à secularização da imagem que o humano tem sobre si e sobre a realidade. Essa secularização é acompanhada pela individualização desses humanos. De modo que este não está mais submetido aos caprichos da Providência; não está mais submetido aos desígnios da família, da sua linhagem; não está mais submetido à definição por seu lugar de origem; não está mais submetido a um código de honra que legisla até sobre sua vida e sua morte. A imagem do humano moderno é a imagem do caminhante solitário, tendo sua própria vida como referência à sua história.

Isto possibilita que Canesi inicie sua história por si, não por seus pais ou avós, não pela Itália ou pela Europa, não por Deus ou pela Providência – Canesi inicia em seu nascimento.

II

Na narrativa, a infância de Canesi é marcada por duas grandes interferências: 1) o pós-guerra e 2) a Guerra Fria. Esses dois contextos históricos, que se complementam, dão suporte para algumas reflexões importantes feitas pelo narrador.

Quanto à Segunda Guerra, Canesi pouco pode narrar. Apesar de ter nascido durante a guerra, “eu era extremamente infante”. A escolha do título deste galho, *galho infante*, veio desta afirmação. É importante observar na escolha da palavra: infante tem dois significados na Língua Portuguesa, para Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (2000), em seu famoso *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, infante tanto é aquele “que está na infância”, quanto o “soldado de infantaria”. Sendo a infantaria uma “tropa militar que faz serviço a pé”. Portanto, o narrador é um infante que não pode falar sobre a guerra.

Na monarquia ibérica só há um príncipe por vez, por maior que seja o número de filhos que o monarca tenha. Apenas o herdeiro do trono real recebia o título de príncipe, o *princeps*, o primeiro. Os demais filhos do monarca, não herdeiros da coroa, recebiam o título de infante.

Sendo que a palavra quer dizer *não falar*, carrega significados interessantes a esta leitura. O infante da monarquia ibérica, o príncipe que não era príncipe, era o que não podia reclamar o trono. O infante militar é aquele que luta a pé, conquistando palmo a palmo o território, à frente da batalha, cumprindo ordens. E ordens são para serem obedecidas em silêncio. O infante, a criança, é também aquele que silencia diante da autoridade dos mais velhos: por não ter experiência, por lhes ser dependente, por lhes dever obediência, por respeito etc. Portanto, o infante, em vários contextos, é aquele que silencia. E é justamente por ser “extremamente infante” que Canesi “não poderia falar de guerra”.

“Mas eu tenho uma noção bastante clara do que foi no meu país o pós-guerra. Isto em todos os sentidos”. O narrador cresceu em um ambiente de transformações. O território italiano foi atacado na Segunda Guerra. Até militares brasileiros atacaram a Itália. E diante dessa realidade de destruição, o Plano Marshall foi fundamental à reconstrução da Itália e da Europa Ocidental. Juntamente com esse plano dos EUA para subsidiar a reconstrução dos países afetados pela guerra, surgiu uma nova realidade no capitalismo – o Neoliberalismo. Canesi viveu e cresceu junto com a doutrina neoliberal e sua implementação no Ocidente. As manifestações dessa influência sobre a vida do narrador são analisadas em galhos posteriores.

Esses acontecimentos se dão sob a sombra de outra guerra: a Guerra Fria. O conflito ideológico que se instaurou entre as duas potências mundiais que emergiram após a Segunda Guerra dividiram o planeta entre Ocidente, sob a doutrina neoliberal estadunidense, e Oriente, sob a doutrina do socialismo soviético russo. E o contexto de pós-guerra no qual, quase que de imediato, se inicia uma nova guerra faz com que Canesi afirme que as crianças daquele período são crianças que possuem características muito específicas.

“Estes meninos.... Meninos é o termo usado, mas são meninos daquela época”, num contexto de descarte voluntário de armamentos por parte da população aquelas crianças e adolescentes se apoderavam desse armamento para diversos fins. E assim Canesi narra a história de um “menino de 10 anos” que, após ter sua Luger² roubada por outro mais velho e mais forte, atirou uma granada nas costas do outro. Essa reação é justificada por aquele não ser um menino de 10 anos qualquer, mas “ele era um menino daquela época”.

² A pistola Luger P08 foi uma pistola alemã utilizada pelo Exército daquele país a partir de 1908 e se tornou um símbolo alemão durante a Segunda Guerra Mundial, sendo um dos objetos mais característicos daquele período.

III

A disputa ideológica que se instaurou no planeta com a Guerra Fria foi também experimentada pelo infante Canesi. E se os primeiros papéis assumidos pelos humanos se dão no período de sua infância, como afirma Sartre (1970), sem dúvida um dos mais fundamentais na vida de Canesi se dá sob a disputa Ocidente Capitalista *versus* Oriente Comunista.

“Posso dizer também que vivi, pessoalmente, o momento político, mesmo sem entender o que estava acontecendo. Mas a Itália se encontrou dividida profundamente”. As forças que dividiam a Itália entre esquerda e direita são ilustradas pelo narrador por, à esquerda, “ex-combatentes, trabalhadores de fábrica” e, à direita, as investidas dos “padres salesianos”. Acredito que seja importante sublinhar que a disputa ideológica se dá entre agentes políticos de esquerda contra padres.

A esquerda buscava angariar mentes por meio do envolvimento político. A narrativa faz referência ao jornal *L'Unità*, que divulgava a doutrina da esquerda e engajava seus membros na comercialização deste. O jornal foi fundado por Gramsci, em 1924, e finalizou suas atividades no ano de 2014. O jornal era um símbolo da divulgação das ideias comunistas na Itália, embora, à narrativa, não houvesse o pré-requisito de uma formação política sólida para fazer parte daqueles que tendiam à esquerda, porque se filiavam à atividade política “por pertencer a determinadas categorias. Não necessariamente por está extremamente politizado”.

Por outro lado, a direita angariava almas por meio da fé. A Pia Sociedade de São Francisco de Sales foi fundada em Turim por São João Bosco e tem como lema “Dai-me almas e ficai com o resto”. Significativo para o contexto. Os salesianos são, na narrativa, a imagem dos que buscam almas contra “o fantasma do comunismo”. Levavam as crianças à missa com a promessa de que, após aquele culto, haveria cinema.

E assim: “Os meninos de 10/12 anos se dividiam entre aqueles que iam mais pra igreja, ao menos, e frequentavam a turma dos *boy scout*, e os outros frequentavam a célula do partido comunista que tentava criar jovens comunistas através desta coisa”.

Nessa disputa, Canesi se vinculou ao papel do humano neoliberal, de tal modo que colocou o neoliberalismo nas raízes da árvore que é esta narrativa. Para citar dois exemplos: a condição de humano neoliberal proporcionará ao narrador a possibilidade de deslocamento pelo espaço, seja em suas muitas viagens analisadas no *galho-viagens*, seja na sua posterior migração; a condição de humano liberal é condicionante à possibilidade de o narrador “inventar” para si uma série de profissões que são analisadas no *galho-labor*. É

assim que o pós-guerra e o embate ideológico entre EUA x URSS são determinantes na formação de Canesi.

IV

Freud, em *O mal-estar na civilização* (2011), reelabora uma categoria criada por seu amigo Romain Rolland – o *sentimento oceânico*, que é “um sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com o todo exterior” (FREUD, 2011a, p. 8). Como acontece no mecanismo de identificação, o Eu, que se entende autônomo e unitário, o indivíduo moderno já comentado, se vincula a ideias do mundo exterior com as quais ele se “enamora” (FREUD, 2011b).

Charles Marlow, narrador de *Juventude*, de Joseph Conrad, dá um exemplo de como esse sentimento oceânico pode ser experimentado: “Só podia mesmo ter acontecido na Inglaterra, onde homem e mar se confundem” (CONRAD, 1986, p. 5). E assim, Marlow inicia sua narrativa sobre sua primeira ida ao Oriente, a bordo do *Judea*. E assim Marlow justifica o fato dele ser marinheiro, justifica a orientação do inglês ao mar, justifica até mesmo o próprio Conrad, escritor, também ter sido marinheiro.

E mais um dos elementos que estão nas raízes da narrativa é apresentado – o *marinheiro*. “Eu sou de família de marinheiros: todos os membros da minha família – meu pai, meus tios, meu avô, meu bisavô todos foram sempre marinheiros”. Assim como a Inglaterra de Marlow tem laços profundos com o mar, especialmente por se tratar de uma ilha, a Itália de Canesi também possui laços com o mar, especialmente por se tratar de uma península. Enquanto a Inglaterra é com o Oceano Atlântico, a Itália é com o Mar Mediterrâneo.

Como é na infância que o Supereu se desenvolve, posso pensar que o Supereu de Canesi recebeu uma influência muito grande da imagem do marinheiro que atravessou por tantas gerações sua família. Sendo o Supereu “essa instância especial em que a influência paternal tem continuidade” (FREUD, 2018, p. 50), o fato de seu pai ser marinheiro exerce grande influência sobre o jovem Canesi. E “na influência paternal não agem apenas a índole pessoal dos pais, mas também a influência da tradição familiar, racial e popular por eles reproduzida, bem como as exigências do respectivo meio social por eles representadas” (FREUD, 2018, p. 51). É desta forma que posso concluir que a “tradição familiar” de marinheiros mercantes na família de Canesi produziu no seu Eu um *sentimento oceânico de marinheiro*.

V

Em 1919, Kafka passou um período num sanatório para tratar de complicações decorrentes da tuberculose que um dia o mataria. Nesse ambiente escreveu uma *Carta ao Pai* em resposta a uma pergunta deste: “por que você tem medo de mim?”. E nessa carta escrita ao pai, mas jamais entregue ao pai, o filho narra como a relação entre eles, Fraz e Hermann Kafka, foi determinante na sua formação.

Em um dos trechos da carta de 50 páginas, Kafka (1997, p. 52) afirma que “meus escritos tratam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito”. Esse comovente relato aponta para uma possível leitura da obra kafkiana. Uma das obras nas quais o “tratar de você” é mais evidente em *O Veredito*. Aqui é narrado um diálogo entre pai e filho que termina com o suicídio do segundo.

E a relação de poder existente é ilustrada com o mesmo adjetivo tantas vezes empregado ao pai na *Carta – gigante*. A superlativação da imagem do pai é manifesta no seu poder de influência sobre Georg, em *O Veredito*, sobre Samsa, em *A Metamorfose*, sobre Josef K., em o *Processo*. Seja através da figura do pai, da família, do trabalho, do Estado, da Lei, Kafka pensa nessa presença sempre de forma gigantesca, “esmagadora”.

E, na “impossibilidade de um intercâmbio tranquilo” com o pai, Fraz afirma que “desaprendi a falar” (KAFKA, 2009, p. 2009). A interdição à palavra, à fala é a interdição à maioria, à escolha, ao juízo, efetivando no filho a condição de infante.

A narrativa de Canesi pouco trata da sua relação com os pais. Entretanto, um dos principais eventos de toda ela é protagonizado pelo pai de Riccardo, Egidio Canesi. Demonstrando sua identificação com a tradição dos Canesi ao mar, manifestando seu sentimento oceânico de marinheiro, “decidi largar a escola, queria ser marinheiro”.

Longe de comparar Egidio Canesi a Hermann Kafka, os dois pais manifestam uma influência gigantesca sobre seus respectivos filhos – “meu pai recusou”. A justificativa à negação é expressa em termos de cuidado, de proteção: “Pela experiência de vida difícil que é a vida do marinheiro dele, ele disse: ‘Você vai ser marinheiro quando fizer 21 anos, que você pode escolher. Enquanto depender de mim, você vai fazer o que você quiser, mas marinheiro você não vai ser’”.

Em primeiro lugar quero destacar o retorno de uma noção discutida no *caule*: a “autoridade natural” frisada por Cícero como “o coroamento da velhice”. Anteriormente observada sob a perspectiva legitimadora da narrativa, aqui essa autoridade se exprime por meio da experiência. A “experiência de vida difícil que é a vida do marinheiro”, como distintiva entre o Canesi pai e o Canesi filho. A autoridade do velho sobre o moço, do que

experimentou sobre o que deseja experimentar, do que viveu sobre o que anseia em viver é determinante para que tanto Egidio quanto Riccardo Canesi compreendam suas posições naquela relação e as implicações que derivam dessas posições.

Riccardo abandonou a escola sem o conhecimento dos pais. Quando sua mãe descobriu, aguardou o retorno do pai de um de seus trabalhos para que resolvesse a questão com o filho. Impedido de ser marinheiro, ele não voltou à escola. Canesi concluiu o Ensino Médio aqui em Maceió, no ano de 2009, em curso supletivo no bairro do Farol. Mas, ele já havia feito um curso de piloto naval. O que o impediria de, ao completar a maioridade de 21 anos, em que poderia solicitar ele mesmo a carteira de marinheiro, seguir a carreira no mar? O respeito à autoridade natural outorgada pela experiência do mais velho, do seu pai.

Em segundo lugar, quero destacar como que o poder de escolha é fundamental nesse episódio. O que fundamenta aqui este poder de escolha é a experiência. E a falta de experiência, no caso de Riccardo, é que lhe atribui à condição de infante. Como, “na época, eu era, obviamente, de menor e pra ter a carteira de trabalho de marinheiro precisava da autorização do meu pai”, a condição de infante é atestada tanto pela família, quanto pela fé (honrar pai e mãe é o quinto mandamento do Decálogo). É atestado pela nacionalidade, Canesi foi criado, como me disse em conversas, sob o tripé “Deus, Pátria, Família”. É atestado pela Lei, que dizia que ele “era de menor” e assim não tinha autonomia para escolher sobre seu futuro.

A figura do pai despótico de Kafka não se assemelha à do pai de Canesi. Não teria, sequer, elementos suficientes para fazer tal afirmação. Mas, embora ateste que Hermann não interditou qualquer escolha relacionada à sua vida profissional, “fugi de tudo o que, mesmo à distância, lembrasse você” (KAFKA, 1997, p. 33). O que não ocorreu em efetivo, porque em sua atividade literária, essa sim malvista pelo pai, o pai era um assunto central, como já observado: proporcionando “uma despedida intencionalmente prolongada de você” (KAFKA, 1997, p. 52). E essa falta de possibilidade de escolha é tão recorrente na obra de Kafka.

Bauman (1998, p. 118) pensa que “a liberdade de escolha, eu lhes digo, é de longe, na sociedade pós-moderna, o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna”. Nesse contexto, a liberdade de escolha é proporcionada por outros fatores que não necessariamente a maioridade legal, mas a liberdade de escolha, também aqui, se traduz pela possibilidade de locomoção, de movimentação, de mudança na infundável busca moderna e pós-moderna pela felicidade.

Se vista sob uma perspectiva kafkiana, a “autoridade natural” do pai traduzida na imagem da Lei, da ordem, do Estado, da educação, da família, da religião, da cultura também produzem um sentimento esmagador, transformando todos que estiverem sob sua influência, “mesmo à distância”, em infantes, em silenciados. E mesmos os sujeitos que estão em “alta posição na hierarquia social”, acreditam que vivem como vivem por escolha, quando não é bem assim (BAUMAN, 1998).

VI

Ainda utilizando a imagem do marinheiro, chego a Benjamin para discutir o uso do termo *narrador* para me referir a Canesi. Em História Oral se utiliza categorias como *depoente* ou *colaborador*. Não é apenas uma questão semântica ou uma licença poética o uso de *narrador*. Está fundamentado na atividade empregada na pesquisa.

As gravações que realizei com Riccardo Canesi não foram baseadas em um banco de perguntas e respostas. Não preparei uma lista de inquirições para fazer a ele. Pelo contrário, procurei com que sua fala fosse a mais livre de interrupções ou condicionamentos saídos da minha parte. Com isso não digo que não tive interferência em sua narrativa – apenas por estar lá, com um gravador ligado, sentado na sua mesa com ele, interessado no que ele tem para narrar já configura uma grande interferência.

José Carlos Sebe Meihy (2007) apresenta duas maneiras de se fazer entrevistas com seus colaboradores. Uma delas são entrevistas não baseadas em perguntas formuladas anteriormente nas quais se deixa que o sujeito fale sem direcionamentos. Mesmo assim, o autor orienta que “ainda que haja narradores mais ou menos eloquentes, deve-se planejar o número de horas para cada momento” (MEIHY; HOLLANDA, 2007, p. 57). No caso das entrevistas que resultaram neste trabalho, não houve determinação temporal.

Apresentei, em primeiro lugar e de modo geral, quais as pretensões e etapas do então projeto. Já na entrevista, Canesi narra uma memória compartilhada com um amigo em que este comprou uma ampulheta para determinar o quanto de tempo cada um tinha para falar:

Eu me considero verborrágico. Eu gosto de falar e ele também. Então a gente tinha dificuldade na nossa conversa, porque muitas vezes a vontade de intervir na fala do outro criava problemas nesse sentido. Aí um dia ele chegou com um pacotinho e disse: ‘Eu trouxe um presente pra nós’ – ‘Que que é isso?’. Aí ele me deu uma clessidra. Em italiano é assim, aqui a tradução é uma ampulheta.

Isto somado ao interesse pessoal do próprio Canesi, aquele momento fazia parte também de sua própria monografia, não houve muitas dificuldades para que aceitasse as proposições.

Novamente retomo à discussão apresentada no *caule* sobre a *clessidra* para tratar sobre a narrativa livre de orientações expressas do historiador. A ampulheta naquele contexto representa um objeto de recalcamento, pois ela normatiza o tempo da fala enquadrando-o no tempo instrumentalizado dos segundos, minutos, horas. Tempo este sabidamente burguês que tem como função a otimização da produção. E não é para essa temporalidade que se direciona meu interesse. Pelo contrário, procuro uma temporalidade que seja própria ao narrador e sua maneira de socializar suas memórias.

É uma noção de História Oral na qual o narrador, protagonista de sua narrativa, possa estabelecer suas próprias relações com o tempo. Seja na forma como apresenta sua narrativa, seja na quantidade de tempo que esta deva ter. Uma prática de entrevista na qual o pesquisador não interfira na fala no entrevistado. Uma História Oral que não se manifeste como um aparelho de recalcamento daquele sujeito.

Com isso, não busco uma narrativa pura, pois esta não há. Mas busco possibilitar que a narrativa surja nos moldes do narrador. Seja em sua temporalidade, seja em seu conteúdo. Pois assim posso ter acesso a essas memórias da forma que o sujeito que a experimentou acredita ser mais apropriada para ser narrada. Possibilitando que haja nela as palavras, os sentimentos, as ânsias, o interesse e o silêncio do próprio narrador.

Das definições de Aurélio para “depoimento” estão “fornecer provas” e “prestar depoimento em juízo”. O que de maneira alguma é meu interesse com Canesi. Como salienta Marieta de Moraes Ferreira (2002), o intuito da História Oral não é o de buscar o realmente ocorrido, nem separar o que há de *verdade* e de *inverdade* na narrativa, como quem separa o joio do trigo. Mas de compreender por meio das representações daquele sujeito quais os significados daquelas memórias e como que essas puderam ser experimentadas por ele. Não busco que ele me prove em juízo o que ele narra. Pois o historiador não é um juiz e a História não é um tribunal.

E tal como o narrador de Benjamin, Canesi narra suas vivências por meio de uma perspectiva tomada da imagem de sujeito com a qual ele se associa. Ao se associar a essa imagem, associa-se também a esse grupo, mesmo que não compartilhe necessariamente o trabalho por ele exercido. Benjamin (1987) divide o narrador em dois grupos distintos, duas imagens como base: a do modo de vida do camponês sedentário e a do modo de vida do marinheiro mercante. Cada respectivo modo de vida condiciona o humano à sua maneira,

fazendo com que o camponês compreenda o mundo a partir de uma perspectiva de quem está fincado em suas raízes ao solo de diversas formas, enquanto o marinheiro faz uso de uma perspectiva mais cosmopolita para narrar o mundo.

Esse sentimento oceânico de marinheiro que atribuo a Canesi é um sentimento de pertencimento, de identificação e participação em um grupo que compartilha, com o Eu do narrador, características gerais. Não é necessário, como observa Benjamin, que o indivíduo de fato seja um marinheiro para se tornar um narrador marinheiro. Basta compartilhar desse modo de vida, de um modo de vida em movimento que por meio de vivências com outros grupos humanos, por vezes tão diferentes dos seus, produz no sujeito uma perspectiva de múltiplos mundos. Não que o camponês não o possa, pois por meio da cultura, por meio do acesso às memórias de seus grupos ele pode se associar a mundos e a perspectivas múltiplas, mas ainda assim serão perspectivas sedentárias, significando o mundo a partir de elementos sedentários, quando comparados com o marinheiro.

E na própria biografia de Canesi a imagem se encaixa, mesmo não tendo sido, de fato, marinheiro, experimentou um modo de vida em que esteve em movimento: em suas muitas viagens, em seus trabalhos, em sua forma de significar o mundo e em sua imigração para o Brasil. Um sentimento oceânico que o faz sentir e viver como parte de um grupo maior do que si, que se comporta de maneira específica e ao narrar o mundo não depõe sobre ele.

3.4 Galho-viagens

I

“Como galho da mesma árvore”. Canesi inicia suas narrativas sobre as viagens que fez pelo mundo. As viagens do narrador têm uma importância especial entre suas memórias, mas não procurarei trabalhar minuciosamente os eventos experimentados por ele nos lugares que visitou. Privilegiarei as condições sociais e culturais que possibilitaram que Canesi pudesse realizar essas viagens, quais os motivos que o levaram a realizá-las e de que maneira elas podem apontar às compreensões que o narrador tem sobre a realidade.

A narrativa inicia apontando uma característica do narrador: “sempre gostei muito de viajar”. Embora tenha conhecido quase toda a Itália, com exceção da Sicília, as viagens por seu país não são relatadas aqui. A ênfase está nas “culturas diferentes”, e é assim que são estabelecidas duas categorias fundamentais da narrativa: “sempre fui atraído mais pela natureza do que pela tecnologia”. Esses dois *locus*, que chamo de *lugar de natureza* e *lugar*

de tecnologia, funcionam como parâmetro de categorização do mundo, mas quais são esses lugares?

Logo em seguida: “nunca fui atraído por uma viagem aos Estados Unidos. Por contra, fui cinco vezes na África do Norte e três vezes no Quênia”. Os Estados Unidos representam o lugar de tecnologia, enquanto a África o lugar de natureza. Essa oposição também pode ser lida como *lugar de civilização versus lugar de barbárie*. É necessário estabelecer o que se chama *civilização* e o que se chama *barbárie*, para fugir dos lugares comuns. Nisso o antropólogo italiano Gilberto Mazzoleni traz contribuições fundamentais:

Sinônimo de selvagens, isto é, habitantes de um espaço que conceitualmente contrapõe-se ao dos lugares civilizados, foi a expressão homens de natureza (ou naturais). E a natureza tornou-se logo o parâmetro categorial específico na definição dos selvagens [...] Selvagem ou estado de natureza, embora diversamente conotados e referindo-se a tradições diferentes, são a conceituação de um diverso em função do Ocidente e que obedece antes de mais nada a uma dialética interna ao próprio Ocidente (MAZZOLENI, 1992, p. 45).

Para o autor, a tendência universalizante do Ocidente é responsável pelo estabelecimento de uma hierarquia entre os variados grupos humanos, uma vez que não é negada ao bárbaro, ao selvagem, sua condição humana. Por isso Américo Vespúcio procura definir os habitantes do continente que viria a ser nomeado em sua homenagem de “*Vivunt secundum naturam*”, os viventes segundo a natureza.

A Europa, criadora dessa hierarquia, se via (se vê?) ocupando o estágio mais evoluído. Os parâmetros de medição também são criados por eles e é sua própria cultura. Sendo assim, o bárbaro é medido de acordo com a proximidade ou distância da cultura europeia e de acordo com, segundo o julgamento europeu, as possibilidades ou impossibilidades desses grupos de assimilar e serem assimilados pelo Ocidente.

Isso explica os Estado Unidos da *América* terem sido escolhidos como representantes do lugar de tecnologia, em detrimento de alguma nação europeia. Embora sejam americanos, conseguiram assimilar e reproduzir, tão bem quanto os próprios europeus, as categorias ocidentais. Isso porque “a América não representa a alteridade absoluta, em relação ao si mesmo, na medida em que o Novo Mundo parece estar a meio caminho entre o Velho Mundo branco cristão e um Velho Mundo nem branco nem cristão. A verdadeira oposição, portanto, é entre Europa e África” (MAZZOLENI, 1992, p. 60).

Por isso o Magrebe, região da África que compreende os países visitados por Canesi, são os legítimos representantes do lugar de natureza. A oposição entre civilização e barbárie vai se evidenciando cada vez mais no decorrer da narrativa: o Magrebe

“representava pra mim, apesar de bastante perto da Itália – perto, vamos dizer, em termos de voo de avião –, representava, efetivamente, uma diferença em respeito ao meu modo de vida”. É irônico pensar que Magrebe, que é uma palavra de origem árabe, significa *Ocidente*, por estar no Noroeste do continente.

O interesse das viagens do narrador não se limitava às paisagens, às praias, ao lazer. O interesse dele estava em “conhecer culturas diferentes”. Portanto, mesmo sendo espacialmente próximo à Europa, especialmente próximo à Itália, o Magrebe se apresenta como oposição por seus aspectos humanos, mais do que por seus aspectos geográficos e climáticos. E quando esses aspectos são observados, o são enquanto fatores condicionantes à vida daqueles sujeitos que vivem ali, e apenas quando se pensa na África e na Europa enquanto respectivas unidades que são possíveis compreender a oposição lugar de natureza *versus* lugar de tecnologia.

A África não possui uma unidade ou homogeneidade. O mesmo se aplica à Europa. Mas dentro de uma perspectiva da civilização *versus* barbárie é possível pensar em unidades. Só dessa maneira que é possível entender que “eu viajei por toda a Itália, viajei e conheço praticamente toda a Europa. Mas, com poucas diferenças, se você tá na Itália ou tá na Espanha, na França ou na Alemanha, respeitando algumas características típicas do país, as coisas são bem parecidas”.

Ora, somente quando posto em oposição ao diverso, à alteridade, que países como Alemanha e Espanha, Portugal e Suíça, Islândia e Itália são “bem parecidos”. Mas o outro é muito mais distinto:

[...] quando você vai pra África, estou falando de Tunísia, Argélia, Marrocos, você chega em outro mundo mesmo. Não estou falando tanto do clima. Claro, um clima de verão, cheio, com muito calor, tudo mais... mas a maioria das pessoas já não anda de calça e camiseta, usa aquelas vestimentas que a gente vê nos filmes, entendeu? As mulheres com o véu, bichos, camelos... o meio de transporte não é um cavalo, o meio de transporte normal é um camelo. E, na Europa, você não vê camelos e esse tipo de coisa. Cheio de palmeiras, que não são palmeiras de cocos, são palmeiras de tâmaras. Então, efetivamente, é uma cultura diferente, religião, basicamente, mulçumana.

Isso porquê:

[...] o diverso ‘reduzido à natureza’ é de alguma forma útil como antimodelo: em outras palavras, o exótico resultou funcional para a nossa cultura na medida em que, sendo definido como oposto diminuído em relação ao Ocidente, especifica de modo útil as peculiaridades socioculturais deste (MAZZOLENI, 1992, p. 150).

É importante sublinhar que quando o autor diz “nossa cultura”, ele parte do mesmo porto de partida que Canesi: a Europa. Inclusive, com a mesma nacionalidade: italiana.

II

As transformações que se iniciaram no Ocidente europeu a partir da Baixa Idade Média foram determinantes para o surgimento de novas relações sociais que, posteriormente, afetaram os mais distantes lugares do planeta, inclusive lugares que sequer eram conhecidos pelos europeus. Ali estava o embrião da Modernidade e do mundo burguês.

O ressurgimento do comércio aliado ao ressurgimento das cidades europeias são a base dessas transformações. As Cidades-Estado da Península Itálica foram as pioneiras. A produção manufatureira têxtil, as corporações de ofício, o êxodo rural, a transformação de servos em trabalhadores assalariados, o surgimento de uma nova classe, a burguesia – a urbanização europeia, enfim, fez surgir entre aqueles humanos novas necessidades até então desconhecidas. E assim surgiu e se estabeleceu o mundo burguês apoiado na positivação e valorização do trabalho em oposição à visão negativa do trabalho cultivada por tantos séculos pela aristocracia. O trabalho que, visto sob a perspectiva bíblica, era entendido como um castigo ao humano caído, agora passava a ser sinônimo de libertador do humano. Ainda hoje não é difícil de encontrar quem reproduza a máxima “o trabalho dignifica o homem!” e suas variantes.

Nesse contexto, surgiu a utopia do país da Cocanha.

O maravilhoso era um contraponto ao cotidiano, exercia uma função compensatória em relação ao conhecido, ao previsível, ao regular, sendo assim “uma forma de resistência à ideologia oficial do cristianismo” [...] O maravilhoso não é uma qualidade objetiva do mundo, mas uma forma de vê-lo, uma ruptura com os valores de referência, uma alteridade [...] O maravilhoso medieval, apesar de não ter relação com o cotidiano, estava totalmente inserido nele (FRANCO JR., 1998, p. 27).

A contraposição representada pelo país da Cocanha pode ser lida sob a mesma perspectiva da oposição lugar de tecnologia *versus* lugar de natureza. Uma das características dessa terra única são suas dimensões espaciais. O espaço da Cocanha é entendido por meio de um panteísmo partindo da ideia de que se Deus está em todo lugar, é eterno e infinito, o espaço da Cocanha também o é: “daí o espaço cocaniano ser divino, não apresentar divisões, separações” (FRANCO JR., 1998, p. 93).

Charles Marlow, famoso personagem de Joseph Conrad, experimentou as dimensões da África em sua ida ao Congo em busca de marfim narrada em *Coração das trevas*:

Por todo lado, a lua espalhara uma fina camada de prata – no mato que vicejava, na lama, na parede de intricada vegetação que se erguia mais alta do que os muros de um templo, no grande rio que eu podia ver por uma fenda escura que brilhava, brilhava e fluía largamente sem fazer ruído. Tudo se mostrava imenso, expetante e mudo, enquanto o homem tagarelava a respeito de si mesmo. Eu tentava descobrir se era convidativa ou hostil a quietude na face da imensidão que nos fitava. Quem éramos nós, que apenas tínhamos ido parar ali? Alguma vez dominaríamos aquela coisa bruta ou seríamos dominados por ela? Eu sentia como era enorme, medonhamente enorme, incapaz de falar e talvez surda também (CONRAD, 2001, p. 50-51).

Canesi também experimentou as dimensões da África:

Só que você tem que entender o que é safari num parque na África. Quando a gente pensa, aqui, num parque, a gente pensa numa coisa extremamente limitada: um território cercado, ao menos, que tenha mil metros por mil. Na África, um parque, por exemplo, do que eu estou falando é o Parque do Tsavo, assim chamado, é tão grande quanto Alagoas. Então você entra no parque e é uma coisa maluca. E não tem só uma entrada: tem 10 entradas e 10 saídas. Então, você entra, de manhã, por um lugar, dirige o dia todo no meio deste parque, passa a noite num hotel que existe dentro do parque e, no dia depois, você sai por uma outra saída.

As dimensões excepcionalmente grandes que despertaram em Marlow, em Canesi e em tantos outros até sentimentos de assombro, são grandes quando postas em perspectiva. Tanto Canesi quanto Marlow possuem algo em comum: são europeus. E isso é determinante para a maneira como eles compreendem o espaço:

Para um canadense ou um brasileiro, por exemplo, viajar milhares de quilômetros em seu próprio país é perfeitamente natural. Para um europeu, essas distâncias são descabidas e as viagens a longa distância menos comuns, o que reflete uma concepção de espaço diferente (BERTONHA, 2018, p. 15).

III

A África representava uma Cocanha próxima ao narrador “em termos de voo de avião”. É um escape de sua realidade cotidiana a uma realidade oposta à sua. Canesi, na juventude, tinha pôsteres de paisagens paradisíacas colados nas paredes de seu quarto. Suspirando pelo exótico como suspira o jovem narrador de *Novembro*, novela em partes autobiográfica de Gustave Flaubert:

Oh!, curva-se sobre o dorso dos camelos! Diante de si um céu todo em fogo, uma areia inteiramente castanho-escura, o horizonte chamejante que se alarga, os terrenos que ondulam, a águia que desponta sobre a vossa cabeça; num canto, um bando de cegonhas com patas rosadas, elas passam e vão para as cisternas; o camelo vos embala, o sol vos faz fechar os olhos, vos banha com seus raios, ouve-se só o ruído abafado dos passos dos animais, o condutor acaba de cantar sua canção, avança-se, avança-se (FLAUBERT, 2000, p. 97).

Flaubert não ficou apenas no devaneio. Foi em busca desses seus sonhos de juventude para o *Oriente*. É importante observar como que, especialmente a partir do século XIX, o Norte da África passou a ser percebido como um Oriente bem próximo ao imaginário europeu. Assim, após a morte de seu pai, Flaubert foi passar uma temporada na África. A morte de Achille Cléophas Flaubert foi, portanto, o *meio caminho da vida* do jovem Gustave. Alain de Botton analisa a inclinação europeia para o *exótico* a partir da experiência desse escritor francês apaixonado pelo Egito.

Na associação mais impalpável, mais trivial da palavra “exótico”, o encanto de um local estrangeiro deriva da simples ideia de novidade e mudança: de encontrar camelos onde na terra natal havia cavalos; de encontrar edifícios sem enfeites onde na terra natal havia colunas. Pode haver, porém, um prazer mais profundo: nós podemos valorizar elementos estrangeiros não só porque são novos, mas porque parecem se harmonizar com nossa identidade e com nossos envolvimento de modo mais fiel do que qualquer coisa que nossa terra natal possa oferecer (DE BOTTON, 2003, p. 86-87).

Como já posto, parto do princípio do *enamoramento* do narrador com o lugar de natureza. E o que seria o país da Cocanha senão esse escape para se associar a valores, práticas, estéticas, cultura, clima, fazeres que se opõem ao do lugar de tecnologia? O jovem Flaubert se queixava, em seus diários, sobre o tédio da sociedade burguesa na França. Canesi colava pôsteres de lugares de natureza nas paredes de seu quarto. Desde a adolescência, o escritor francês insistia que não era francês e, com o passar da idade, elaborou uma ideia própria de nacionalidade em que a definição da nacionalidade do sujeito deveria ser feita “de acordo com os lugares pelos quais a pessoa sentisse atração” (DE BOTTON, 2003, p. 107). Foi assim que Flaubert se via egípcio. Foi assim que no Egito recebeu um nome local: Abu-Chanab, o “Pai do Bigode”.

Ao chegar ao Brasil, Canesi também recebeu um novo nome local, por assim dizer. Nada de Pai do Bigode, mas também referente à sua aparência física, passaram a chamá-lo de Bell Marques. Marques na época, na década de 1990, era vocalista do aclamado grupo baiano de axé Chiclete com Banana. E Canesi me contou isso aos risos, porque de certa

maneira, receber um nome, um nome na Cocanha, é ser assimilado por ela, é fazer parte dela, é se associar a ela e receber dela uma nacionalidade conforme o lugar que ele “sentisse atração”.

Receber um nome por seu novo grupo de socialização é também ter acesso às suas memórias coletivas, aos seus costumes, às suas práticas. A migração de Canesi teve esse propósito: possibilitar uma nova vida. Suas muitas viagens podem ser entendidas como um ensaio ao seu movimento final.

O interesse pelo exótico, pelo selvagem, pelo bárbaro é uma característica constante no imaginário ocidental. E a isso o próprio Conrad, já chamado de o “Homero do Oceano Pacífico”, só tem a contribuir para a manutenção:

A moda ocidental do exotismo – que possui espaço e um mercado (e que sempre atualiza o próprio campo, passando dos ameríndios aos polinésios, dos gurus asiáticos aos “peregrinos” do espaço cósmico) – nega toda colocação histórica do outro. E isto significa que o Ocidente [...] reduz o diverso à natureza (ou seja, a dado não autônomo em si e por si) (MAZZOLENI, 1992, p. 147).

Isso demonstra outra característica da Cocanha: “a Cocanha é a negação da história” (FRANCO JR., 1998, p. 94). Assim como o espaço, o tempo cocaniano é uma oposição ao tempo do cotidiano, especialmente ao tempo eclesiástico com suas muitas privações e jejuns, como no caso da Quaresma, e do tempo do trabalho que se tornava cada vez mais racionalizado e instrumentalizado.

O aspecto anti-histórico da Cocanha se manifesta no seu calendário: o mês tem seis semanas, há quatro Páscoas, quatro festas de São João, há quatro vindimas, quatro feriados para cada santo, quatro Natais, quatro Carnavais por ano, além de ser feriado e domingo todos os dias. O aspecto anti-histórico da Cocanha se manifesta no clima: lá é sempre Primavera. E se manifesta, como haveria de ser, nas pessoas – no país da Cocanha, em suas variantes, ninguém tem mais do que “30 e tantos” anos de idade.

O maior bem do país da Cocanha era sua Fonte de Juventude (FRANCO JR., 1998). Na Cocanha todos têm a idade que Canesi considera ideal para receber a imortalidade. Essa eterna juventude é proporcionada pelas características anti-históricas daquele lugar maravilhoso que está fora dos propósitos do tempo teleológico, seja do milenarismo cristão, seja do progresso pelo trabalho.

A ausência do trabalho na Cocanha é um fator para a preservação do corpo. Ao narrar a realidade do mundo do trabalho naquele período, Jacques Heers, em *O trabalho na Idade Média*, sublinha que: “os textos, afinal muito raros, mostram-no-los [os

trabalhadores] pobres, muito malvestidos, de mãos estragadas, e, no caso dos tintureiros, com unhas sempre vermelhas ou azuis” (HEERS, 1973, p. 98). E, assim como na Baixa Idade Média, as atuais formas de exploração do trabalho humano continuam degradando e conseqüentemente destruindo o corpo humano.

Como salienta Norbert Elias (2001, p. 10) categoricamente: “a morte é um problema dos vivos”. Mas não é a morte quem afeta os humanos, afinal os mortos nada sabem, os mortos não existem, os mortos estão mortos, “mas o conhecimento da morte cria problemas para os seres humano” (ELIAS, 2001, p. 11). Para Elias, o processo de envelhecimento está diretamente relacionado à feiura, à fraqueza, à dependência, ao descontrole, ao mau cheiro e, principalmente, à morte. E assim, o velho é posto para fora dos círculos sociais: “nunca antes as pessoas morreram tão silenciosas e higienicamente como hoje [...] e nunca em condições tão próprias à solidão” (ELIAS, 2001, p. 98).

Na Cocanha, por outro lado, não há solidão. As pessoas comem fartamente em mesas postas pelas ruas, a liberdade sexual faz com que todos amem a todos e façam sexo com todos. A Cocanha é uma experiência compartilhada em conjunto, coletivamente, jamais na solidão. A Cocanha é “um Carnaval ininterrupto” (FRANCO JR., 1998, p. 98). E o Carnaval é período de compartilhamento, de fantasia, de festa – “Carnaval, desengano / Deixei a dor em casa me esperando / E brinquei e gritei e fui vestido de rei”, canta Chico Buarque (HOLLANDA, 2006, p. 144).

Só que quando a narrativa se debruça sobre as viagens pela Europa, Canesi inicia: “contando coisas corriqueiras”. A Europa é seu porto de partida e, por isso, embora não haja homogeneidade, é um espaço “corriqueiro” para o narrador. Por isso a imagem da Cocanha é tão importante para a leitura da narrativa.

Porque na África, essa Cocanha tão próxima de Canesi para qual ele se dirigia sempre que possível, “efetivamente é uma cultura diferente”. Porque lá tudo é oposição. Até “a lei da África é uma lei completamente diferente do nosso conceito”. Porque mesmo “a vida e a morte, na África, têm valores completamente diferentes dos nossos”. Porque a África, e também o Brasil, são a Cocanha – e a Cocanha é o oposto ao “corriqueiro”.

IV

Agora é preciso pensar sobre o que possibilitou que Canesi pudesse se movimentar dessa maneira pelo espaço. Para além da sua já demonstrada busca pela Cocanha, o que possibilita que essa busca seja idealizada e efetivada? Quais as forças sociais colocadas em movimento na constituição do Eu de Canesi possibilitaram que ele circulasse pelo mundo e,

posteriormente, buscasse abrigo em uma Cocanha permanente, assumindo a condição de imigrante?

Na procura de respostas a estas questões Zygmunt Bauman traz contribuições fundamentais. O sociólogo polonês inaugura a categoria de *modernidade líquida*: “líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2009, p. 7).

Para Bauman, a principal característica dessa vida líquida é sua movimentação. E o que é a modernidade líquida senão o mundo neoliberal? Neoliberalismo este que Canesi viveu em primeira mão. Após a Segunda Guerra, a Itália, ao contrário do que havia ocorrido na Primeira Guerra, estava destruída. Para a reconstrução daquele país foi necessário uma série de transformações. Entre elas, a internacionalização da sua economia e a busca pela integração desta à economia europeia e estadunidense. E “no caso italiano, efetivamente, a abertura do comércio internacional foi altamente benéfica” (BERTONHA, 2018, p. 138).

Essas transformações, aliadas a outros fatores, culminaram no chamado “milagre econômico” italiano entre os anos de 1955 e 1963, que “foi um *boom* industrial que fez, em poucos anos, a economia italiana se transformar e modificar o país, que abandonou a sua faceta agrária para se firmar como potência econômica e industrial” (BERTONHA, 2018, p. 136).

O narrador experimentou essas transformações políticas, econômicas, sociais. Na verdade, cresceu junto com essas transformações em seu país e no mundo. Sendo agente e produto delas. E o dinamismo da sociedade líquido-moderna, aliado à “mobilidade dos italianos” (BERTONHA, 2018, p. 139), somado ao *sentimento oceânico* de Canesi vinculado à figura do marinheiro são fatores determinantes para que esse sujeito pudesse se deslocar no espaço.

Bauman aponta para o surgimento de um tipo de humano próprio do mundo líquido: o *turista*. Não apenas no sentido daquele que viaja, mas principalmente como imagem, assim como o narrador marinheiro mercante de Benjamin. Faz parte do turista “o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância, e veda a distância de se reduzir à proximidade” (BAUMAN, 1998, p. 114). As viagens de Canesi, especialmente as feitas à África, são exemplos dessa inserção do narrador nas categorias da modernidade líquida.

Quando no Saara, deparou-se com um povoado de algumas casas e “parado neste povoado, encontrei um chafariz”. A narrativa se desenvolve na tentativa de Canesi de, depois de ter experimentado “temperaturas elevadas” e “aquele calor sufocante”, conseguir um pouco d’água. Então, se manifesta uma das características do turista de Bauman: a propensão a se misturar. Fazendo uso da Língua Francesa, “que eu estudei na escola”, ele consegue a água. Mas com um problema: era água demais. Então, “o meu primeiro instinto era de jogar a água que tinha sobrado”, porque essa era “minha mentalidade europeia”.

Mas essa atitude europeia lhe pareceu “desprestigiante”. “Então, eu engoli o restante da água com muito esforço, mas consegui acabar com a água da jarra”. A possibilidade de “se colocar no lugar do outro” é uma característica moderna e que é acentuada pela modernidade líquida. Um romano dificilmente teria uma atitude semelhante. Bauman afirma que é a capacidade de assumir identidades, nem que por alguns instantes, que permeiam esses tempos líquidos que proporcionam tomadas de decisão que normalmente aquele sujeito não tomaria (BAUMAN, 2005). A própria narrativa aponta os termos: foi a momentânea supressão da “minha mentalidade europeia” em detrimento da “mentalidade do Saara”, daquele lugar de natureza.

Ainda mais uma coisa é importante observar nesse episódio, precisamente ele ser um *episódio*: “o episódio é um evento fechado em torno de si. Todo novo episódio é, por assim dizer, um começo absoluto, mas seu fim é igualmente absoluto” (BAUMAN, 1998, p. 116). O episódio, que é a medida do turista, é um círculo completo e não deve ter interferência ou consequência na vida do turista. É por isso que, por fim, “agradei e sai daquele lugar achando que tinha feito a coisa certa”. Aquele episódio entra em colapso sobre si, desfazendo-se, o que possibilita que ele possa partir em busca do próximo episódio, pois “a peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar” (BAUMAN, 1998, p. 114).

V

É necessário, por fim, estabelecer quais as relações de poder que permeiam o imaginário de Canesi e que condicionaram suas representações sobre o mundo. E, ainda mais, de quais formas esses processos são manifestos em suas práticas. Como já posto nos princípios de exterioridade e especificidade do discurso trabalhado por Foucault (2014), o mundo exterior não está passivo à espera da interferência humana. São as práticas sociais e culturais que “violentam” o mundo e que lhes impõem determinados significados, propósitos, sentidos.

A relação entre as representações que os seres humanos produzem sobre si e sobre o mundo possui uma relação direta com a maneira como esses seres humanos atuam socialmente, com suas práticas (CHATIER, 2001). Roger Chartier contribui para essa reflexão com suas noções de prática e de representação. A representação diz respeito à maneira como identificamos e atribuímos significados e sentidos às coisas, às pessoas, às categorias sociais. As práticas são a maneira como essas representações são manifestas através de como tratamos, como agimos, como nos comportamos tomando como base as representações que permeiam nosso imaginário.

Visto dessa forma, a imagem da *anima*, da noite, que se manifesta na minha interpretação por meio da imagem da Cocanha é uma “violência” feita, neste momento, por mim em relação ao mundo. Canesi não conhecia a utopia da Cocanha, ao menos não por esse nome. A cocanha que ele conhecia é o equivalente italiano ao “pau-de-sebo”, comum nas festas juninas nordestinas, que por lá é chamado de cocanha. Na verdade, a brincadeira tem um sentido bem próximo da ideia da utopia da Cocanha. Um tronco de madeira em que se coloca algum material escorregadio e no seu topo um brinde. Quem conseguir vencer o desafio de subir o tronco, vence o jogo e recebe o prêmio.

Então, quando eu afirmo que a África e, posteriormente, o Brasil são Cocanhas para Canesi, parto de uma leitura possível de sua narrativa, com o propósito de identificar imagens que possam auxiliar no entendimento de como as representações sociais que ele compartilha foram condicionantes para suas práticas. Práticas estas que podem ser observadas em suas muitas viagens, em seus jogos em cassinos, em sua imigração para Alagoas. Ao colocar a África e Alagoas como Cocanhas, coloco como que, conforme as representações sociais que estão na base da formação do Eu de Canesi, esse sujeito pode identificar nesses espaços características que eu atribuo à utopia da Cocanha. A categorização de *dia* e *noite* estão também inseridas nesses mesmos processos.

Foucault observa que o discurso, além dos princípios já mencionados, é uma ferramenta de poder. Chartier, por sua vez, também observa como que as representações também são ferramentas de poder. Dessa forma, ao identificar esses espaços como “lugar de natureza”, Canesi está também imprimindo uma relação de poder sobre esses espaços. Uma relação de poder que remonta há centenas de anos, que as trabalhei no decorrer deste galho.

Mas como posso associar África e Alagoas à imagem da Cocanha? Em primeiro lugar, friso mais uma vez algumas das principais características desta utopia: 1) a Cocanha

está fora do tempo, fora da história, ela não só é a-histórica como é anti-histórica. E com isso não digo que em Alagoas não haja processos históricos que formaram sua sociedade.

Com isso digo que para Canesi esses processos históricos lhes são alheios no sentido de que por seu um imigrante, ele não é produto desses processos específicos a esses lugares. Ao menos em sua maneira de representar esses lugares, porque dentro de uma perspectiva da exploração europeia sobre os “lugares de natureza”, só há a existência de um “lugar de tecnologia” justamente em função da exploração que lhe possibilitou a existência. Ou seja, embora haja profundas questões sociais nesses lugares que estão submetidas a processos históricos, Canesi não se compreende submetido a eles, pois não são seus lugares de formação, pois ele não é *daqui*.

E isso dialoga com outra característica da Cocanha, 2) a igualdade. É sabida a desigualdade social existente tanto em Alagoas como na África. Na realidade, na própria lagoa em que sua residência está margeada é possível encontrar um exemplo muito evidente dessa desigualdade. Enquanto no bairro do Pontal da Barra está fincada sua moradia na Cocanha, não muito distante dali, no bairro do Vergel do Lago, também às margens da Mundaú se encontra a Sururu de Capote, comunidade de pescadores e marisqueiras na qual realizei minha monografia.

A Sururu de Capote possui um dos mais baixos IDH da capital alagoana. Então, de qual forma posso dizer que haja igualdade na Cocanha de Canesi? É uma igualdade medida por cima, pela perspectiva de que aqui ele poderia prosperar, como de fato prosperou. Afinal, a Cocanha é a terra das riquezas. Mas na Cocanha do mundo dos consumidores, é necessário ter alguns requisitos para desfrutar dessas riquezas.

Como, para o narrador, ele não está submetido às condições históricas desse lugar, é possível que se compreenda também 3) fora do espaço, que é outra característica da Cocanha. Mas de que forma Alagoas estaria fora do espaço? Apesar de sua identificação com o “lugar de natureza”, partindo de seu imaginário sobre ele, ele não pertence a esse lugar. Não falo de processos de assimilação social, mas sim do fato de que na condição de imigrante ele não é um alagoano. Mas que também perdeu seus vínculos com a Itália, sua terra de origem, por meio do distanciamento dos grupos dos quais fazia parte e com os quais compartilhava suas memórias, o que contribuía para a formação de sua identidade.

Os exemplos que dei foram para demonstrar como que a Cocanha não está nem é de Alagoas ou da África. E trago um trecho do *galho-ego* para apoiar essa reflexão: “Na África, o homem, querendo ou não, é obrigado a voltar à sua ancestralidade. O seu relacionamento com o tempo e a natureza não são mais ditados pelas regras das

civilizações, mas pelos “padrões africanos”. Antes de ir para a questão que, ao menos para mim, mais evidente desse discurso, “quais são estes padrões africanos?”, acredito que é necessário voltar às *raízes* da narrativa. As que interessam aqui são: homem, branco, europeu (italiano), neoliberalismo.

As representações que Canesi faz dos lugares do mundo partem dessas raízes. Daí já é possível afirmar que, assim como a África não é uma Cocanha, só o é para ele, não existem também esses “padrões africanos”. Eles são um sintoma de uma representação baseada na oposição e, principalmente, na hierarquização entre a África e as pessoas que lá habitam contra a Europa e as pessoas que lá habitam. Mais uma vez coloco, o discurso não é de modo algum neutro. Ele se impõe sobre o mundo exterior buscando defini-lo por meio de representações e práticas.

Não há um convite à “ancestralidade” na África. O que há é um sujeito perpassado por uma mentalidade na qual o seu grupo se identifica como aquele que se relaciona “com o tempo e a natureza” por meio de comportamentos “ditados pelas regras das civilizações”, estabelecendo seu porto de partida: a civilização. Para além daquele porto, o que há é o outro, é o bárbaro, é o selvagem, é a ancestralidade, e pode ser também a Cocanha. Esses “padrões africanos” são, portanto, representações que este sujeito faz sobre o mundo exterior e que condicionam seu comportamento, suas práticas.

4 SEGUNDA PARTE DA LEITURA

4.1 Galho-ludens

I

“Deslizando pra outro galho da mesma árvore” se inicia o terceiro galho da narrativa de Canesi. Neste “poderia falar um pouco da minha experiência com jogo de azar”. Buscarei analisar de quais formas o espaço do cassino é vivenciado pelo narrador, de quais formas esse espaço e a atividade do jogo podem ser inseridos nas observações que já foram discutidas até então. Enxergar o cassino não somente como um lugar de diversão, mas também como um espaço de desprendimento da vida cotidiana do narrador.

O primeiro ponto que quero destacar são os lugares em que ocorreram os episódios narrados neste galho: um cassino na Grécia, outro em Túnis e, por fim, o principal entre eles, o Cassino de Monte Carlo, em Mônaco. Embora tenha ido a cassinos na Itália, seu lugar, os episódios narrados não ocorreram em nenhum cassino italiano. O que faz, de certa forma, com que esse galho seja algo como uma extensão das lembranças de viagens, já lidas no *galho-viagens*. E, dessa maneira, é possível inserir as vivências nos cassinos sob os mesmos termos das viagens?

Os episódios que Canesi narra neste galho são, pondo por enquanto o jogo em segundo plano, vivências fora das suas vivências cotidianas. Na Grécia, Canesi jogou e perdeu, em uma única noite, todo o dinheiro que havia levado para passar 15 dias naquele país com seus amigos. Sendo, inclusive, salvo financeiramente por esses amigos pelo restante da viagem. Em outra situação, jogou, juntamente com sua esposa, o dinheiro que tinha como destino a instalação da calefação do apartamento. Dinheiro jogado e perdido na roleta, “e nós passamos o inverno agarrados um no outro pra nos esquentar na época de frio”.

Em Túnis, desavisadamente, participou da cerimônia de um casamento em pleno salão do cassino: “o *mâitre*, quando me viu chegar elegantemente vestido, achou que eu fosse um dos convidados”. É importante observar que a vestimenta, nesse episódio, foi determinante para a *confusão* que é “uma experiência que, vamos dizer, tem a ver com cassino neste sentido”. Ora, não se faz, ao menos em princípio, casamentos em cassinos. Casamentos são feitos, como ideal cristão ocidental, em locais sagrados. “Foi muito lindo, sabe?”.

Em Monte Carlo, juntamente com um amigo, “fomos jogar em uma noite de azar”. Nesse episódio, Canesi perdeu tudo novamente e, “nós, como jogadores que somos, inveterados”, penhoraram as peças de valor que traziam consigo. Nem as alianças foram poupadas. Mas, como conclusão ao episódio, a sorte virou de forma inesperada e, por fim, todo o dinheiro perdido foi recuperado, inclusive o necessário para resgatar os objetos penhorados no próprio cassino.

É assim que os cassinos são espaços de experiências distantes dos acontecimentos da vida cotidiana. E de que maneira exprimir esse distanciamento do que em lugares de jogos fora da Itália? Assim como as viagens à África, assim como as viagens pela Europa, os cassinos são espaços em que o narrador pode ser *turista*, experimentando episódios em que, mesmo sendo de grande importância, não definirão sua vida. Episódios que podem ser deixados lá, na mesa de roleta, quando tudo acabar. Afinal, como se diz sobre os cassinos no deserto dos Estados Unidos, “*What happens in Vegas, stays in Vegas*”.

II

Na *Odisseia* para voltar à sua tão desejada Ítaca e à sua tão amada Penélope, Ulisses se vê envolvido em uma série de desventuras que dificultam seu regresso após a Guerra de Troia. Uma dessas é a chegada à ilha habitada pelos Lotófagos. Apesar de serem um povo pacífico, que de maneira alguma se inclinaram a fazer qualquer mal à tripulação, esses comedores de lótus deram de comer àqueles homens de sua flor-de-lótus. Assim é narrado nos versos 94 a 96 do Capítulo IX da *Odisseia*:

Quem quer que viesse a provar uma vez desse fruto gostoso
nunca a resposta haveria trazer, nem de novo empegar-se;
desejaria, isso sim, morar sempre com os homens Lotófagos,
a comer loto somente, esquecido, de vez, do retorno.

A ilha dos Lotófagos é um espaço onde, para aquele que come “desse fruto gostoso”, perde-se o sentido da realidade exterior, daquilo que se é e do que se tem a fazer. Um esquecimento de si e do mundo. No imaginário humano há interpretações importantes para essa flor. Uma das principais diz respeito ao fato de o lótus nascer, imaculado, sobre as águas turvas. No budismo, “é a natureza de Buda, não afetada pelo ambiente lamacento do samsara” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 559). O lótus representa, sobretudo, a *pureza* em relação ao mundo, um distanciamento da realidade diária. Sob outra perspectiva, a flor-de-lótus representa “o tempo passado, presente e futuro (encontram-se

simultaneamente os três estados da planta: botão, flor desabrochada, grãos)” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 558).

Rick Riordan (2014) criou uma saga que toma como base a Mitologia Grega trazendo essa para a atualidade. *Percy Jackson e os Olimpianos* se tornou um fenômeno da literatura infanto-juvenil nas últimas décadas. No primeiro livro da saga, Percy Jackson, o herói que recentemente descobriu ser um semideus, filho de Poseidon, senhor do mar, tem que passar por uma série de desventuras para provar que não roubou o raio de Zeus. Uma dessas desventuras ocorre em Las Vegas, cidade conhecida por seus cassinos. Assim como Ulisses e sua tripulação, Percy Jackson e seus companheiros se encontram diante dos Lotófagos após dias de tempestades. No caso aqui no deserto dos Estados Unidos, ao contrário da narrativa de Homero que é no mar.

Não por um acaso, Riordan traz à contemporaneidade a Ilha dos Lotófagos como o *Hotel e Cassino Lotus*. Lá, não são flores de lótus que são servidas aos visitantes, mas jogos, muitos jogos totalmente gratuitos. Como é de se esperar, o herói a muito custo consegue se desvencilhar do encantamento e, ao conversar com outros que estão jogando, descobre que há pessoas que jogam há décadas, alheios à passagem do tempo, alheios ao seu alheamento.

Uma das características fundamentais da utopia do país da Cocanha é estar fora do tempo. Como já observado, a Cocanha é anti-histórica, pois o pensamento sobre a processualidade histórica proporciona um pensamento que insere o humano em processos que lhe são de certa forma exteriores. A sensação do tempo como nos é apresentado desde a Modernidade nos insere nas categorias do trabalho, da nação, da família, da moral, da religião. Mais precisamente, o tempo instrumentalizado como o experimentamos nos insere nos domínios do *animus*.

III

Canesi jogou a roleta. O jogador escolhe um número e uma cor. O *mâitre* lança uma pequena bola na roleta girando e o acaso se encarrega de fazer todo o resto. Assim, “aqueles que, como eu, tiveram a sorte, ou azar, de ganhar, na primeira vez que entraram, perceberam que era possível ganhar. Era possível o inacreditável de acertar aquela cor, ou, mais complicado ainda, aquele número, ao menos, e ganhar um dinheiro bom”.

Para Johan Huizinga (1980), os jogos em que a sorte é o elemento primordial têm características específicas que os distinguem dos demais jogos. Dessas, destaco duas. A primeira é que os jogos de sorte, ou jogos de azar, suspendem as diferenças entre os

jogadores. Ao contrário dos jogos que dependem da destreza, força, coragem ou dedicação do jogador – nos jogos de azar, como é o caso da roleta, as características individuais do jogador não influenciam no resultado do jogo. É por isso que não se ouve falar em um *melhor jogador de roleta do mundo*, ao contrário de tantos outros prêmios de melhores jogadores de tantos jogos.

A suspensão das diferenças individuais, sociais, econômicas, políticas etc. entre os jogadores de jogos de azar é também uma das características das utopias da Cocanha. Num lugar em que todos têm acesso ilimitado e incondicional às riquezas, à comida, ao sexo, ao ócio as distinções entre os sujeitos são inexistentes: “a comensalidade cocaniana é símbolo de relações sociais livres e igualitárias” (FRANCO JR., 1998, p. 76).

Na Europa medieval a escassez era regra. *La grande peur*, seja entre os camponeses durante a Revolução Francesa, seja entre as muitas gerações europeias que os precederam estava sempre relacionado à escassez, à fome. Por isso a Cocanha, que é o oposto ao mundo da vida cotidiana, é uma terra de abundância e de exageros. A Cocanha é a terra da gula.

A segunda característica do jogo de azar que quero destacar é a sorte como um sinal. Huizinga argumenta pela característica sagrada que envolve o jogo em geral. Tanto por suas características formais ritualísticas, as quais me debruçarei sobre mais adiante, quanto pelo elemento da sorte.

É assim que a perfeita execução dos jogos ritualísticos de colheita, por exemplo, tem o poder de influenciar no destino das coisas do mundo. Além de que esses jogos ritualísticos também têm a capacidade de apontar qual o julgamento das divindades sobre as causas humanas: “a sorte pode ter um significado sagrado; os dados podem significar e determinar os desígnios divinos; é um meio tão eficaz de influenciar os deuses como qualquer outra forma de competição” (HUIZINGA, 1980, p. 64).

É assim que a aposta na sorte se torna uma ferramenta de aposta sobre quem você é, sobre como as coisas são, sobre quem está correto ou não. É assim que o *Código de Hammurabi* atribui ao Rio Eufrates a condição de juiz. É importante observar ainda que, entre os mesopotâmicos, tanto o Eufrates quanto o Tigre eram divindades:

Se um awilum lançou contra um outro awilum uma acusação de feitiçaria mas não pode comprovar: aquele contra quem foi lançada a acusação de feitiçaria irá ao rio e mergulhará no rio. Se o rio o dominar, seu acusador tomará para si sua casa. Se o rio purificar aquele awilum e ele sair ileso: aquele que lançou sobre ele a acusação de feitiçaria será morto e o que mergulhou no rio tomará para si a casa de seu acusador (HAMURABBI, 1975, p. 25).

São muitos os fatores que poderiam contribuir para que o rio “dominasse” ou “purificasse” o acusado de feitiçaria. Passando pela capacidade dele de nadar, as condições do rio, se período de cheia ou de seca, se o local em que ele foi lançado ao rio fosse mais fundo, mais raso, mais violento ou mais calmo. Esses fatores escapam daquela pessoa. Escapam tanto do acusador quanto do acusado. Escapam de quem aplica as leis e escapam até mesmo de Hammurabi, quem promulgou essa lei. É um jogo de aposta na sorte.

Independentemente de o acusado ser ou não um feiticeiro, quem determinará será o rio. O rio, que é impessoal e alheio às questões humanas, representa a sorte como um sinal divino. Da mesma forma, na roleta jogada por Canesi, a bolinha é lançada e cabe à sorte atestar se aquele é ou não um *bom* jogador, uma boa jogada, um dia de sorte em que se pode “ganhar um bom dinheiro” ou um dia de azar em que se perde tudo.

É assim que, para a narrativa, o que torna uma pessoa que vai pela primeira vez a um cassino em um jogador ou não é “a sorte ou azar de ganhar na primeira vez que entraram”. Se você ganha, você volta. Se você perde, você não volta. O fator ganhar, que para Huizinga é o único propósito do jogo, é quem decidirá sobre seu destino, sobre suas atividades. E o mais importante é que “você, com todas as possibilidades do mundo, pode ser o cara que ganha”.

IV

Para a doutrina budista, os humanos estão sujeitos ao “fluxo contínuo” do mundo. Este fluxo recebe o nome de Samsara e fala dos estágios da vida humana, desde o nascimento até o envelhecimento, passando pela morte e pelo renascimento onde tudo começa novamente. É essa ideia cíclica que fez surgir o termo “Roda do Samsara”, da qual ninguém escapa.

A única maneira de escapar da “Roda” da vida ordinária, que é acompanhada do sofrimento, é através da iluminação por meio do Nirvana. E, como já visto, a flor-de-lótus representa esse lugar fora da “Roda do Samsara”, esse lugar fora do mundo ordinário, fora do tempo e fora do espaço.

Entre as muitas horas de conversas que tive com Canesi, em função da realização deste trabalho, conversamos sobre seus jogos. E, segundo ele, o que o levava ao cassino era uma “procura de fuga da realidade”. E o jogo é exatamente isso – uma fuga da realidade. Em *Homo Ludens*, Huizinga expressa da seguinte maneira as principais características do jogo:

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total [...] Praticada dentro dos limites temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras (HUIZINGA, 1980, p. 16).

Essa definição das características formais do jogo pode ser dividida em quatro partes. Partes estas que encontro nas vivências de Canesi em seus jogos de cassino. A primeira delas é que o jogo é “uma atividade livre”, ou seja, a pessoa, voluntariamente, se torna um jogador. Por isso, para o autor, os gladiadores que lutavam até a morte para o divertimento do público romano não eram jogadores em termos, visto que eram escravos obrigados a se submeterem àqueles jogos. Sendo os verdadeiros jogadores o público romano que, voluntariamente, acompanhava a parte *circense* da política do império e ainda apostava no resultado do jogo. Sob essas circunstâncias, os gladiadores eram o jogo e não os jogadores.

Canesi era um jogador “inveterado”, mas que de forma alguma estava sendo privado de sua escolha de jogar ou não. Ele jogava, porque deliberadamente resolvia jogar. Se programava para jogar. Programava viagens para lugares com cassinos. Separava dinheiro para jogar nesses cassinos. Canesi, enfim, voluntariamente se submetia às regras daquele jogo ciente dos riscos, da ansiedade, da possibilidade de “ganhar um bom dinheiro” e da possibilidade de perder um bom dinheiro. É importante observar ainda que essa *liberdade de escolha* é uma liberdade sob os termos que vêm sendo trabalhados aqui.

A segunda parte é que o jogo é uma atividade “conscientemente tomada como ‘não-séria’”. Posso dialogar com esse fator *não-sério*, posto pelo autor entre aspas, com a noção do episódio de Bauman. Embora os jogadores estejam dedicados ao jogo, ansiosos, apostando, embora tenham muito *em jogo* naquele jogo, quando do término – o jogo se finda em si mesmo, assim como o episódio da vida turística. É uma atividade não-séria, porque o jogador sabe que aquele jogo não é a vida real. E não sendo a sua vida cotidiana, o jogo não é sério como a vida do trabalho. Na verdade, Huizinga afirma que é comum a oposição entre jogo e trabalho.

Então o que dizer, por exemplo, do episódio em que o narrador perdeu o que podia e o que não podia na roleta e teve que, posteriormente, se esquentar na esposa para suportar o frio do inverno? Para compreender melhor, é preciso ter em consideração que o jogo por si só não possui nenhuma função, não carrega nenhum propósito inerente. Os jogadores são quem atribuem ao jogo determinados predicados que extrapolam os limites do jogo.

É por isso que não é o jogo quem vicia, mas sim aquilo extrapolado do jogo pelos jogadores. Para Huizinga, o único interesse do jogador no jogo é vencer. E ele atribui isso à orientação agonística do espírito humano. Ou seja, a vitória como forma de sobreposição sobre os demais jogadores, sobre os demais humanos. Se isso é acompanhado por algum enriquecimento, por exemplo, não foi o jogo quem o enriqueceu. Portanto, não foi a roleta quem fez com que Canesi passasse frio no inverno. Mas sim todas as relações que circundam aquele jogo como forma de dar a ele propósitos que não são intrínsecos a ele. Tais como a aposta.

A terceira e quarta características se complementam. Primeiramente “o jogo é exterior à vida habitual”, mas o é por ser uma atividade “praticada dentro dos limites temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras”. Em outras palavras, o jogo se distingue da vida ordinária por criar regras próprias e internas que criam uma realidade à parte – com delimitações espaciais, temporais e de ações que só têm significados internos ao jogo, enquanto o jogo acontece.

O espaço do jogo, portanto, se torna um espaço sagrado, místico. Huizinga o coloca com a mesma função dos limites dos templos, dos limites dos locais de culto. Inclusive, o autor entende as cerimônias sagradas como jogos. Embora seja um local qualquer, como qualquer outro local, ao local do sagrado são atribuídas representações que não o são inerentes. Quando o sujeito se submete voluntariamente às regras internas ao jogo do sagrado, os locais, os utensílios, as atividades possuem significados que só são encontrados ali naquele espaço sob aquelas regras.

É assim que o Tabernáculo hebreu, posteriormente tornado no Templo de Salomão, entre as suas divisões possuía um Santíssimo Lugar. Segundo a tradição, lá era guardada a Arca da Aliança que continha as Tábuas da Lei dada pelo próprio Jeová a Moisés, o cajado de Arão, irmão de Moisés e primeiro sumo sacerdote, e um pouco do maná que caiu do céu para alimentar os hebreus no deserto.

Nesse Santíssimo Lugar, apenas o sumo sacerdote poderia entrar, uma vez por ano, para prestar sacrifícios pela expiação dos pecados do povo. Para entrar, o sumo sacerdote passava por um rígido ritual de santificação. Caso entrasse ele mesmo em pecado naquele lugar, seria fulminado pela santa presença que ali habitava. No entanto, Nabucodonosor II, rei da Babilônia, após o cerco a Jerusalém em 587 antes da nossa Era, não apenas profanou como destruiu todo o Templo de Salomão sem que ninguém tenha sido fulminado pela santíssima presença de Jeová.

Isto porque os babilônicos não estavam submetidos às mesmas regras que os hebreus. Portanto, o que era um Santíssimo Lugar aos hebreus, era apenas mais um lugar qualquer aos babilônicos. Da mesma forma, é a roleta para Canesi. O espaço criado pela atividade do jogo cria um espaço em que determinadas ações são realizadas em função daquele espaço especial. É por isso que é possível ao narrador, por exemplo, penhorar a própria aliança de casamento para continuar jogando. Essa atitude dificilmente aconteceria sob outras circunstâncias. E é precisamente esse espaço fora da vida ordinária que é capaz de “absorver o jogador de maneira intensa e total”.

4.2 Galho-labor

I

Paulo Honório é um dos principais personagens da obra literária de Graciliano Ramos. Complexo, com várias camadas e munido de reflexões pertinentes sobre suas vivências, inicia *São Bernardo* dando a ideia que é o eixo daquela narrativa: “Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho” (RAMOS, 2013, p. 7). Ao longo do livro, Paulo Honório trata sobre suas experiências de vida, que culminam com a ruína de São Bernardo, sua fazenda, e com o suicídio de Madalena, sua esposa. E a narrativa é escrita após todos esses eventos. Mas, apesar dos muitos eventos narrados, *São Bernardo* trata, de fato, da divisão do trabalho.

De uma maneira mais específica, trata sobre como o latifúndio produz um modo de vida muito específico a ele. E assim, no último capítulo do livro, o narrador faz reflexões sobre sua vida e sobre Madalena, que agora é morta: “Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige” (RAMOS, 2013, p. 220).

O suicídio de Madalena se dá em decorrência da vida com Paulo Honório, que traz uma professora da cidade para ser esposa de um camponês que conseguiu comprar uma fazenda. Fez dela mãe de seu herdeiro e senhora de São Bernardo. No entanto, Madalena não pertencia àquela realidade. Enciumado, desconfiado e violento, o marido passa a se comportar com ela de maneira que, por fim, a levava ao suicídio, tal como a rejeição do próprio filho, a quem Paulo Honório sequer se dá ao trabalho de nomeá-lo no livro. E assim, ele continua suas reflexões sobre Madalena:

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança também é consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração moído, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio (RAMOS, 2013, p. 221).

Essa concepção de que o trabalho produz formas de vida a partir de sua atividade é atestada pela obra marxiana. Com seu materialismo histórico, Marx inverte as categorias de Hegel que propõe que são as transformações do espírito que transformam o corpo. Ou seja, a partir da tomada de consciência da realidade, os humanos podem transformar suas vidas e a sociedade. Para Marx, não. São as transformações na vida material dos seres humanos que fazem com que o espírito seja transformado. E partindo dessa reflexão, é possível afirmar que são as formas materiais de vida dos sujeitos que condicionam seu comportamento, suas crenças, suas ideias, condicionam até seu desejo. Assim, Paulo Honório, marxianamente, é um produto das suas formas de produção que são criadas pelo latifúndio.

Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material [...] A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. O que são coincide portanto com sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende portanto das condições materiais da sua produção. Esta produção só aparece com o aumento da população e pressupõe a existência de relações entre indivíduos. A forma dessas relações é por sua vez condicionada pela produção (MARX, 1976, p. 19).

Sob esses termos, São Bernardo quem levou Madalena ao suicídio. Indo além: partindo das concepções de Marx sobre o suicídio (MARX, 2006), foi o latifúndio personificado em São Bernardo quem *assassinou* Madalena, pois foi essa forma de vida, essa forma de produzir quem produziu em Paulo Honório o seu Eu e as formas como esse Eu se relaciona com o mundo e com as pessoas. Inclusive, para Paulo Honório, sua profissão foi responsável até por uma transformação em sua aparência física. Tornando-o “extraordinariamente feio”.

Mas como essas reflexões podem ser aplicadas às vivências de Riccardo Canesi? Qual a profissão de Canesi? Marinheiro, que era o que queria, não pode ser. Carteiro, então? Proprietário de casa de jogos eletrônicos? Criador de animais? Agenciador de

casamentos? Mecenas? Proprietário de escola de capoeira? Proprietário de boate? Proprietário de lojas de artesanato? Historiador? Ou tudo isso? Ou nada disso?

Neste galho, *galho-labor*, procurarei discutir como a relação do narrador com o trabalho é uma relação que é experimentada a partir dos processos históricos nos quais ele está inserido. A saber, as relações de trabalho estabelecidas pelo mundo neoliberal.

II

Logo no primeiro parágrafo deste galho, a narrativa endossa a noção de que o trabalho é um fator condicionante da vida humana: “uma característica que determina a vida de um indivíduo é o trabalho”. E, para o narrador, o início da sua vida laboral foi uma escolha “eu iniciei a trabalhar quando decidi, porque foi uma decisão, parar de estudar”. Mas, de início, é preciso pensar o que fez com que houvesse a necessidade de se fazer uma escolha.

A narrativa se volta, então, ao mar. A profissão que o jovem Canesi ansiava era a de marinheiro, por meio do já discutido vínculo familiar com essa profissão, a que chamo de sentimento oceânico de marinheiro: “se perde nas gerações passadas essa ligação, essa paixão pelo mar”.

Mas para o Canesi-pai, a vida de marinheiro não era tão romântica assim e exigia um alto custo: “viver longe da família, longe da mulher, longe dos filhos, longe de afetos”. Proibido de ser marinheiro, por fim, já septuagenário, Riccardo concorda com o pai: “hoje, acho, com a maturidade, que o meu pai tava mais do que certo”.

Esse entendimento é um entendimento posterior, é um entendimento que veio apenas após o passar de muitos anos. É evidenciado, primeiramente, na própria fala do narrador: “hoje, acho, com a maturidade”. E mais uma vez é evocada a “autoridade natural” da velhice que, neste caso, se opõe à “imaturidade” do jovem Riccardo Canesi em seu ímpeto em ser marinheiro.

Em segundo lugar, ele tentou por outras vias, quando atingiu a idade necessária, ingressar nas forças armadas de seu país, o que não ocorreu em função de condições físicas. Mais especificamente por não ter o peso ideal para a aprovação, ou seja, quando jovem, mesmo com a negação e a justificativa do pai para que ele não seguisse a carreira de marinheiro, Canesi estava disposto a experimentar ele mesmo as condições de vida do marinheiro descritas pelo pai. Acredito que o insucesso em sua investida e a estabilidade que o emprego nos Correios lhe proporcionou, sem a qual seria muito mais difícil ter vivido como viveu, são fatores que somente posteriormente o levaram a concordar com o pai.

Mas essa interdição produziu, na época mesmo, um desenraizamento profissional: “se não podia fazer o que eu queria fazer, vou trabalhar com qualquer coisa”. E foi assim que o aspirante a marinheiro tomou outro caminho na vida e foi “contratado e trabalhei, agora não me lembro mais, uns 2 anos, me parece, neste correio particular”. Uma vez, dentro desse serviço postal particular, sua visão sobre o serviço se ampliou “e consegui entrar no Correio Nacional, aonde trabalhei por 19 anos, seis meses e um dia”. E foi pelo Correio Nacional do seu país que Canesi se aposentou, aos 39 anos de idade.

Embora não fosse a profissão do seu desejo, “não era uma coisa que ia me dar muito prazer, muita satisfação”, havia algo de grande importância que esse trabalho no Correio dava: “era uma garantia [...] era um trabalho seguro”. E aqui o “Mal-estar na Civilização”, de Freud (2011), dialoga com o “Mal-estar da Pós-modernidade”, de Bauman (1998).

O diálogo, na verdade, já é confesso no título dos livros. Em ambos, é atestada a ideia de que a cultura, a civilização se fundamenta no impedimento da satisfação do desejo em prol de uma vida social e todas as garantias que a vida em sociedade oferta. A essa assertiva que está na base da perspectiva freudiana, Bauman insere mais um elemento: o estágio do capitalismo conhecido como neoliberalismo transformou os seres humanos em *consumidores*.

Em *Modernidade Líquida* (2001), Bauman chama o deixar o prazer para depois de *procrastinação*. A procrastinação é o deixar para amanhã. Esse amanhã que é inalcançável, *ad calendas graecas*, que se estende indefinidamente: “todo o poder motivador do desejo é investido em sua realização. No fim, para permanecer vivo, o desejo tem que desejar apenas sua própria sobrevivência. Na forma do ‘adiamento da satisfação’, a procrastinação põe arar e semear acima de colher e ingerir o produto” (BAUMAN, 2001, p. 198). Mas por qual motivo os humanos procrastinam a satisfação do seu desejo em prol de algo que, por fim, não realizará esse desejo?

Bauman, assim, refunda *la grande peur*: o grande medo na era da modernidade líquida não é mais o medo da escassez, o medo da fome – o grande medo agora é o medo da insegurança. E para fugir do medo da insegurança, entrega-se tudo: o desejo, a satisfação do desejo, a liberdade, os planos de longo prazo ou para uma vida inteira (que já não existem mais), entrega-se o corpo, enfim. Em um mundo em constante transformação, um mundo líquido, a insegurança, a incerteza, a inconstância é um imperativo. E o sentimento de segurança é, portanto, um dos produtos de consumo dos mais desejados.

É assim que um trabalho burocrático dentro do Correio Nacional, um trabalho “que não era uma coisa que ia me dar muito prazer, muita satisfação” pode se tornar em “o

melhor negócio que eu fiz na vida”, pois o sentimento de segurança, de estabilidade, o sentimento de solidez num mundo em que “tudo o que era sólido desmancha no ar” (MARX; ENGELS, 1998, p. 14) é um sentimento que dá garantias, é um sentimento que afasta, ao menos virtualmente, o grande medo da insegurança.

III

Para Canesi, “a alternativa era inventar uma profissão pra mim”. Assim que se aposentou dos Correios, aos 39 anos de idade, por meio de uma brecha na lei, estava sem ter com que trabalhar. O narrador, desde que iniciou a trabalhar, nunca deixou. Hoje mesmo está com uma lojinha vendendo licores e produtos caseiros em conserva no Pontal da Barra aos turistas. As invenções de trabalho foram as mais variadas.

Primeiramente e ainda enquanto estava nos Correios criou visom: “em contemporâneo com o serviço no Correio, eu criei uma criação de bichos para a confecção de casacos de pele”. O visom é um animal mamífero muito comum em criações de animais de cativeiro para ser utilizado pela indústria da moda, especialmente para utilizar a sua pele para a produção de casacos.

E o trabalho de criar esse animal “é um trabalho que vai de uma coisa pra outra”. De uma coisa a outra diz de ser um trabalho extremamente racionalizado, com suas etapas de produção muito bem definidas e praticadas. Sobretudo por se tratar da criação de um animal para o abate e para a posterior retirada de sua pele, o narrador se vê impelido a dar uma justificativa moral à sua atividade e, especialmente, à maneira como ela é efetivada.

Assim cria todo um discurso contra o animal: ele é selvagem, é violento, seu modo de acasalamento é por meio do estupro podendo levar a fêmea à morte, é “um predador selvagem” que “mata pelo prazer de matar”. De modo que “você não cria vínculos com nenhum destes bichos. Se você criou um vínculo, é contrário, é de ódio”. Então percebemos como se manifesta novamente o imaginário da civilização *versus* barbárie.

Em primeiro lugar, o animal não tem qualquer obrigação de corresponder aos interesses de Canesi. Seja ele um interesse afetivo ou um interesse comercial. O animal nada tem com o empreendimento de Canesi. Fazendo com que, em segundo lugar, Canesi antropomorfize o comportamento do visom para justificar seu cárcere e seu abatimento, uma justificativa dessa sua memória. Se ele não é docilizado, adestrado, civilizado (como se coubesse ao visom qualquer noção de civilidade), ele está naturalmente passivo a várias intervenções e usos humanos sem que haja a necessidade de qualquer entrelaçamento afetivo, moral ou ético.

O visom é morto em uma câmara de gás. Visando a menor mácula possível à sua pele, que é o que interessa àquela atividade, é posto em uma câmara com uma mangueira ligada ao exaustor de um veículo e recebe óxido de carbono. A extrema racionalização, principalmente no abate do visom, é um sintoma do mundo do capital, onde o humano impera sobre a Natureza de forma impessoal e racionalizada, tirando dela tudo aquilo que for de interesse da civilização, mesmo que por métodos *bárbaros*.

IV

O gosto de Canesi pelos jogos é visto também em seus trabalhos. Após a experiência com a criação de animais, “inventou” de ser proprietário de uma casa de jogos: “Era época que estavam nascendo os primeiros joguinhos eletrônicos. Vamos dizer: todo mundo conhece os fliperamas”. Mais uma vez a oportunidade se apresentou e mais um episódio se abriu na vida do narrador.

A casa de jogos eletrônicos é narrada por Canesi, sobretudo, como uma experiência de contato com pessoas de idades diferentes da dele. Um gosto que surge dessa experiência e que se estende até hoje, tendo ele ainda muitos amigos brasileiros de idade inferior. Foi, inclusive, por meio desses amigos que o conheci. A casa de jogos se alinha com a mesma reflexão do *galho-ludens*. Criando um espaço em que até mesmo sua idade fica em segundo plano e que lhe proporciona a convivência com pessoas diferentes dele, mesmo que agora ele esteja na posição de proprietário.

Esta foi, vamos dizer, pra mim, uma experiência além de trabalho, ao menos, porque me ensinou a conviver com pessoas bem mais jovens do que eu. Porque, apesar de ter uma faixa etária bastante eclética, a princípio, o grosso dos clientes eram rapazinhos de 15 anos/16 anos. E eu já tinha 39, então já tinha destaque. Mas eu consegui me entender com este mundo de juventude, interagir com eles. Tanto é que quando saí da Itália com 48 anos os amigos mais chegados que eu deixei eram aqueles que eu tinha feito nesta aventura. Deixei lá rapazes de 25 anos que tinham passado os últimos 10 anos trabalhando comigo.

Outro empreendimento é o de casamenteiro, por assim dizer: “tive a ideia de abrir uma agência de casamentos”. A necessidade de agenciamento de encontros visando o casamento é resultado, segundo a narrativa, do número superior de homens em relação às mulheres. Esses homens buscavam a agência de Canesi, faziam um cadastro contendo seu perfil que era cruzado com o cadastro de mulheres potencialmente interessadas. Quando os perfis se alinhavam, o encontro era marcado. Embora só um casamento tenha sido realizado

pela mediação da agência de Canesi, a experiência parece ter sido suficientemente marcante para entrar, mesmo que só com um parágrafo, em suas memórias.

Ainda na Itália, Canesi foi vendedor de arte. Na realidade,

[...] um amigo que era um profissional no campo da arte, ele trabalhava com pinturas específicas do período 800 italiano, os grandes mestres da pintura italiana do século XIX. E ele me chamou pra trabalhar com ele, apesar de eu não ter nenhuma experiência no campo, sobretudo como homem de confiança dele.

Nessa “outra empreitada”, ele trabalhou elaborando como organizador e vendedor em exposições de arte tanto na Itália quanto em outros países.

Já no Brasil, Canesi não deixa de “inventar” trabalhos. Foi mecenas de um artista do interior de Alagoas, abriu uma escola de capoeira, uma casa de shows e foi proprietário de lojas de artesanato no Pontal da Barra, conforme sua narrativa. E me debruçarei um pouco mais sobre suas experiências, especialmente com as lojas de artesanato, como empreendedor no Brasil. Mais especificamente sobre sua visão sobre negócios no Brasil.

V

No dia 18 de abril de 2019 estive na residência de Canesi para conversar com ele e fazer algumas questões referentes à dissertação. Embora não tivesse premeditado, a maior parte da conversa envolveu suas experiências com negócios no Brasil. E ao indagá-lo sobre como ele vê essa área por aqui, o narrador evocou uma imagem: a da árvore.

Para ele, o Brasil é uma árvore frutífera que não há quem saiba colher devidamente seus frutos. E fez uma referência à Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel. Segundo as palavras do narrador, “no Brasil, tudo o que se planta, dá”.

Caminha escreveu que as terras recentemente descobertas pelos portugueses “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”. E Canesi quis aproveitar. E aproveitou como pode. É interessante pensar que Caminha e Canesi compartilham, com 516 anos de distância entre os dois discursos proferidos, uma perspectiva comum em relação ao Brasil – é uma terra de oportunidades que se abre a quem estiver atento e disposto a aproveitá-la. Uma árvore cheia de frutos, passiva.

Facilmente se percebe nesse discurso a perspectiva de um explorador. Mas o explorador, sobretudo, se distingue do objeto de sua exploração, no caso o Brasil, e daqueles que habitam o objeto de sua exploração, os brasileiros, por se encontrar em uma posição de superioridade. Portugal e a Europa viam (veem?) o Brasil como uma

oportunidade de acumulação de riquezas, embora ainda não se tivesse descoberto ouro ou prata, as terras eram férteis. Daí nasce o estigma da “vocação agrária” do Brasil, discurso que nos últimos anos voltou a estar no foco das políticas de governo. Mas uma voca o agrária  , dito de outra forma, uma voca o a ser passivamente explorada.

E essa passividade   atestada por Canesi quando, no mesmo dia, p s em perspectiva os trâmites legais para a abertura de um negócio na Itália e no Brasil. No Carnaval de 1992, Canesi abriu uma barraca nas ruas da cidade de Porto Seguro para vender bebidas aos foliões. E, para seu espanto, quando solicitou a liga o de energia em sua barraca, funcionários do órgão responsável indicaram algumas pessoas que faziam liga es clandestinas, por aqui conhecidas com *gato*, para a sua barraca.

Não havia a necessidade de um envolvimento formal entre o sujeito Canesi e o órgão regulador e fiscalizador, representando o Estado brasileiro e, por associa o, o próprio Brasil e o modo de vida brasileiro. Com um sorriso na boca, fez referência ao famigerado “jeitinho brasileiro”. E a observa o de que “tudo o que se planta, d ”, pode ser reformulada mais ou menos como “tudo o que se planta, de qualquer maneira que se plantar, d ”.

A imagem de o Brasil ser uma árvore, para além do pau-brasil, frutífera   espera de quem esteja disposto a fazer uso de seus frutos, ainda se alinha   utopia da Cocanha. Naquele país maravilhoso, as árvores são cheias de frutos e os habitantes apenas ficam embaixo das árvores, com suas bocas abertas, enquanto seus frutos caem. Partindo dessa perspectiva, o Brasil   essa árvore e basta que alguém, de *fora*, um europeu, posicione-se devidamente deitado em berço esplêndido para que seus frutos caiam suavemente em suas bocas, sem que haja toda a burocracia e formalidade necessárias que há na vida civilizada.

A grande diferença entre os empreendimentos realizados na Itália e os empreendimentos realizados no Brasil está na maneira própria de suas execu es, na sua práxis. E, como práxis, essa maneira demonstra as representa es desse italiano sobre a vida social própria do brasileiro.

E   por essa perspectiva que pode afirmar que mesmo os vendedores de artesanato no Pontal, praticando essa fun o “há um século”, foi necessário que ele viesse de além-mar para inserir técnicas de vendas que fossem adequadas a um comércio eficaz, que pudesse otimizar o comércio do artesanato por meio de uma uniformiza o deste – uniformiza o dos funcionários, com o uso de uniformes, uniformiza o das mercadorias, com seu valor de comércio pregado a elas, uniformiza o até das sacolas que continham as mercadorias, que vinham com referências às lojas de Canesi estampadas. A racionaliza o

das relações humanas tende, partindo desse discurso, a uma otimização da riqueza a ser potencialmente acumulada.

VI

Em *Os Lusíadas*, Camões se propõe a narrar as grandes aventuras dos portugueses que desbravaram o mar e constituíram colônias em lugares tão distantes da Península Ibérica. Um verdadeiro serviço à constituição da memória nacional daquela monarquia que foi pioneira nesse empreendimento.

Como não poderia deixar de ser, a visão do poema é a visão do europeu superior que se põe sobre um mundo selvagem: superior por suas técnicas, por sua religião, por sua língua, por sua cultura. E, até mesmo quando determinados episódios não dão muito certo, o motivo é a desproporção entre o gênio lusitano em comparação com o mundo bárbaro que não está adequado a lidar com tamanha destreza, impetuosidade de espírito e bravura singular.

As cinco lojas de Canesi foram à falência. Em virtude da interdição da ponte Divaldo Suruagy, que liga Maceió ao município de Marechal Deodoro, os comboios que levam os turistas à Praia do Francês tiveram que tomar rotas alternativas. Da residência de Canesi dá pra ver a ponte que se estende sobre a Lagoa Mundaú e que é a passagem que traz os turistas, de volta do Francês, para fazer compras no Pontal. Sem movimento, o empreendimento deveria ter sido ao menos temporariamente interrompido, mas, segundo a narrativa, não o foi por uma espécie de compaixão da parte do narrador em favor de seus funcionários.

Ora, uma empresa não vai à falência por ausência ou excesso de compaixão do patrão em relação a seus funcionários. Haveria de se interromper as atividades por falta de consumidores, turistas, que viessem consumir os produtos que o Pontal oferece. Mas cinco lojas de portas fechadas em pleno verão, alta temporada, é de grande prejuízo financeiro e moral para seu proprietário. É um prejuízo ao seu imaginário de que tudo o que se plantar tem que necessariamente dar, independente de eventualidades. Então se sobressai um discurso paternalista sobre os funcionários que ficariam desempregados caso suas lojas tivessem sido, nem que temporariamente, fechadas.

A destreza ou o gênio comercial racionalizado do homem europeu neoliberal não foi o suficiente para que o empreendimento que teve em sua origem um crescimento vertiginoso se mantivesse. Por causa da ponte, talvez? Por causa da compaixão em relação aos funcionários, então? Penso que pela crença na impossibilidade de que um

empreendimento tão bem alinhado com os propósitos e com as formas do comércio trazidas da Europa pudesse dar errado em solo tão fértil quanto é o solo brasileiro. A árvore, cheia de frutos, não poderia deixar de prover frutos, mesmo que a árvore tivesse sido cortada.

E assim Camões busca justificar insucessos lusitanos entre povos selvagens, dando um conselho: “Porque o generoso animo e valente/ Entre gentes tão poucas e medrosas/ Não mostra quanto pode, e com razão,/ Que he fraqueza entre ovelhas ser lião” (Os Lusíadas, Canto Primeiro, versos 141-144). E assim ambas as narrativas se alinham em suas conclusões sobre seus respectivos insucessos – o problema está na impossibilidade de algo tão maravilhosamente moldado sob formas tão sofisticadas prosperar “entre gentes tão poucas e medrosas”, em um *lugar de natureza*. E, ainda com versos de Camões, pessoas que cultivam costumes criados pela natureza, “A Natureza, sem lei e sem razão”. Mas “Nós [lusitanos/europeus] temos a lei certa que ensinou/ O claro descendente de Abrahão, / Que agora tem do mundo senhorio” (Canto Primeiro, versos 420-423).

Mas ainda é preciso lembrar “Que he fraqueza entre ovelhas ser lião”.

4.3 Galho-crime

I

A figura do marinheiro está presente de diversas formas na narrativa de Canesi. Já discorri sobre ela em vários momentos desta interpretação. Mais uma vez ela emergirá para pensar no que, segundo a própria narrativa, é “a cereja do bolo”, ou, usando a imagem da árvore que é esta narrativa – a copa da árvore. Este galho, *galho-crime*, trata da narrativa de um conjunto de crimes que Canesi cometeu em sua vida na Itália, mais precisamente no ano de 1981.

“Me lembrei de um episódio que acredito que seja bastante particular, bastante único e que poderia botar como título da coisa: ‘A confissão de um crime’”. Mas antes da confissão desse crime, que na verdade são vários, o narrador faz algumas ponderações e estabelece duas categorias, a de *honestidade relativa* e *honestidade total*: “Só que antes de contar esse episódio, queria estabelecer um conceito, meu, do que é honestidade. Para mim, existe a ‘honestidade relativa’ e a ‘honestidade total’”.

Em linhas gerais, a *honestidade total* é praticada por aqueles sujeitos que, independentemente da situação na qual esteja inserido, respeitará a ordem, a lei, a moral. Mesmo que esse respeito traga coisas ruins ou que o faça ser motivo de chacota pelos

demais. Enquanto a *honestidade relativa* é praticada por aqueles sujeitos que são “pessoas de bem”, mas que diante de algumas situações, infringem algum tipo de norma.

Evidentemente Canesi se coloca como parte dos *honestos relativos* e a própria necessidade de criação, por parte da narrativa, dessas duas categorias é um mecanismo de justificação moral pelos crimes cometidos em um passado hoje distante. E essa relativização das obrigações civis será o principal objeto da minha atenção neste galho.

De que maneira é possível que um sujeito criado por uma família católica, em um país católico, alinhado a uma moralidade conservadora pode relativizar algo tão universal quanto a lei (ou, ao menos, tão pretensamente universal)? Isto não combina com o tripé no qual ele foi criado – *Deus, Pátria e Família*.

II

Inundado pelo espírito burguês de seu tempo, Montesquieu cria uma série de normatizações para a criação, estabelecimento, manutenção e aplicação das leis. E advoga pela relativização das leis, de modo que ela se adeque às circunstâncias e aos sujeitos: “as leis políticas e civis de cada nação devem ser apenas os casos particulares em que se aplica essa razão humana. Devem ser elas adequadas ao povo para o qual foram feitas que, somente por um grande acaso, as leis de uma nação podem convir a outra” (MONTESQUIEU, 1979, p. 28).

Em um mundo neoliberal, que supervaloriza os aspectos do indivíduo, de modo que “seja você mesmo seu patrão”, “eu sou o meu país”, “eu sou a minha empresa”, “sou o monarca de mim mesmo”, não é de se espantar que “eu sou minha própria lei”. De forma que as minhas leis, as leis da minha nação, não devem ser aplicadas ou julgadas conforme os códigos de outros sujeitos. Mesmo que sejam contrárias às leis escritas do Estado, mas “sou meu próprio jurista”. E é desse modo que Canesi pode, a partir de *suas próprias* noções de justiça, estabelecer em sua Carta Magna uma *honestidade relativa* e uma *honestidade total*, colocando-se no primeiro grupo, justificando sua ação criminosa em vista da lei.

O exemplo da honestidade total é o de um amigo que devolveria uma cédula achada na rua, mesmo que não houvesse o menor vestígio de seu último possuidor: “a minha consciência não me permite ficar com a nota, porque esta nota não é minha”. Mas o crime de Canesi não foi o de ficar com uma cédula encontrada na rua: “o meu foi um crime legal, no sentido que fiz um ato que era sujeito à pena, foi um infringimento de legislação. Então,

se eu tivesse sido pego fazendo o ato, eu teria sido julgado pela lei, condenado pela lei, porque estava fazendo uma coisa ilegal”.

Mas são os motivos expressos pela narrativa, que o levaram a narrar que é um ponto chave: “eu estou contando até porque já se passaram 40 anos e acredito que o crime já prescreveu, pela legislação, além do fato de ter sido cometido em um outro país”. Tempo e espaço são trazidos como fatores que possibilitam, hoje, que “a confissão de um crime” se torne pública. A distância temporal se encarregou de fazer o crime prescrever: e se não é mais passivo de punição, não há a necessidade de um silenciamento sobre o episódio e o espaço é, sobretudo, um fator fundamental. Em primeiro lugar, não cometido no Brasil, fazendo com que, à narrativa, seja um fator atenuante, pois não lesou a população brasileira, ali representada por mim. Em segundo lugar, é um crime em trânsito, em movimento – na Itália e na França quase que simultaneamente.

Para Halbwachs (2003), o senso de justiça está fincado na memória coletiva daqueles que o compartilham. E é assim que várias pessoas têm parte no crime: amigos que lhe emprestam dinheiro, amigos que praticam com ele o crime, funcionários de bancos. É um senso de justiça compartilhado por aquele grupo, que, apesar de qualquer coisa, são pessoas de bem, são homens honestos, mas relativamente honestos.

III

Na Itália de Canesi da década de 1980, as pessoas colecionavam moedas de ouro “e eu fui uma dessas pessoas”. Mas seu interesse foi além de um interesse de colecionador: “iniciei a me informar quais eram as cotações do ouro e estas coisas”. Esse interesse pelo valor de mercado de moedas de ouro, levou Canesi a se interessar pelo comércio dessas moedas. O comércio faz parte da vida do narrador e esse interesse pelo comércio de moedas de ouro tem como fundamento um episódio político que se desenvolvia no país vizinho, na França.

No ano de 1981 houve a eleição presidencial francesa. Os candidatos eram Valéry Giscard d’Estaing, candidato à reeleição pelos Republicanos Independentes, orientado à direita; e do outro lado estava François Mitterrand, do Partido Socialista, concorrendo novamente após a derrota para o próprio d’Estaing na eleição anterior.

Mitterrand, em um contexto de Guerra Fria, recebia a imagem do comunista que baniria a propriedade privada e confiscaria as poupanças dos ricos. Ao menos assim pensaram os ricos. E na iminência de sua eleição, pessoas com quantias elevadas em suas poupanças “tiraram dinheiro vivo das contas de banco e foram comprar moedas de ouro,

que, em italiano, é chamado de *bene rifugio*, no sentido de que em qualquer situação, se você tem um saquinho com moedas de ouro, você bota no bolso e foge e você tem uma quantia relevante”.

François Mitterrand se tornou o 21º presidente da França em 21 de maio de 1981 e permaneceu no cargo até 27 de maio de 1995. Foi o primeiro presidente socialista daquele país e, ainda hoje, é a pessoa que mais tempo ocupou o cargo: 14 anos. E, nesses 14 anos, não confiscou as poupanças ou aboliu a propriedade privada. Mas o alvoroço criado por sua eleição se apresentou como uma oportunidade para Canesi.

“As pessoas que tinham moedas de ouro, se encontravam na necessidade de vender ou se achavam que valia a pena vender, estavam vendendo ao preço máximo que conseguiam. E as pessoas que tinham dinheiro de papel, se encontraram dispostas a pagar qualquer preço pra ter na mão um valor diferente que não fosse declarado que não fosse possível rastrear”.

Canesi foi uma dessas pessoas que se interessaram em vender “ao preço máximo que conseguiam”. A única questão é que a perturbação nos valores das moedas de ouro estava acontecendo na França, enquanto na Itália, o valor das moedas permanecia com a mesma cotação. Era necessário, portanto, levar as moedas até os franceses.

Na Itália não havia a necessidade de declarar ou registrar a compra de moedas de ouro. O que fazia com que a compra dessas moedas por Canesi pudesse ser feita sem que fosse rastreada. Mas na Itália havia um valor médio pelas moedas, fazendo com que variasse um pouco de vendedor para vendedor. Na França, por outro lado, a cotação da moeda era estabelecida ao final do dia e valia o mesmo em todo o território: “então, você não dependia do humor do comprador ou da ganância ou da capacidade de traquejo em fazer a operação. Você quer comprar? É ‘X’! Você quer vender? É ‘Y’! Isto não se discute”.

Essa uniformização da atividade do comércio traz uma impessoalidade nas transações, favorecendo o empreendimento de Canesi, já que suprimia a necessidade de uma negociação pelas moedas, o que demandaria mais envolvimento pessoal e conseqüentemente mais tempo para a realização da operação. Para uma maior uniformização e agilização das transações, Canesi trabalhou com os 50 pesos mexicanos, mais fáceis de vender por seu peso ser uniforme – 30 gramas.

E assim, chegamos à confissão:

Eu, naturalmente, no momento em que passava pela fronteira, não declarava que estava em posse desta moeda de ouro, nem de uma, nem de dez. Eu não declarava este valor que estava passando. Então, eu estava cometendo um crime. Porque eu estava fazendo contrabando de ouro.

IV

Será uma boa lei a que torna nulas todas as obrigações civis concluídas no curso de uma viagem entre marinheiros num navio? François Pyrard nos diz que, em seu tempo, ela não era observada pelos portugueses, mas que o era pelos franceses. Pessoas que estão juntas somente por pouco tempo, que não têm nenhuma necessidade, pois o príncipe a provê, que não podem ter senão um único objetivo, que é o de sua viagem, que não são mais da sociedade, mas cidadãos do navio, não devem contrair essas obrigações que só foram introduzidas para manter os encargos da sociedade civil (MONTESQUIEU, 1979, p. 406).

A citação anterior é de Montesquieu, mas, que se colocada na boca de Bauman, com as mesmas palavras, na mesma ordem – expressará o comportamento do humano na sociedade líquido-moderna. E mais sugestivo do que a citação, apenas o título do capítulo, o Capítulo XXV do Livro Vigésimo Sexto *Do espírito das leis*: “De como não se deve seguir as disposições gerais do direito civil, quando se trata de coisas que devem ser submetidas a regras particulares tiradas de sua própria natureza”.

Riccardo Canesi atua como um sujeito desse mundo em trânsito. A constante movimentação produz nesses sujeitos concepções próprias a esse modo de vida. Isto tem implicações sobre os mais variados aspectos desta narrativa e das vivências nelas relatadas. Àquele que está em trânsito, no navio da modernidade sempre em movimento, afrouxa muito facilmente seus laços com o que se propõe a todo custo permanecer fixo: seja a religião, seja a lei, seja a moral. Canesi experimenta um modo de vida baseado no episódio, aquele que se finda sobre si, um círculo perfeito que não requer nenhum envolvimento mais profundo, que não requer nenhuma definição do seu Eu feita por aquele episódio.

Seu crime foi um episódio, uma oportunidade surgida no imenso horizonte de oportunidades da vida neoliberal, e oportunidades não devem ser perdidas. Outra dessa jamais poderia vir a ocorrer novamente. Para além do ganho financeiro, pois Canesi chegava a somar cerca de dez mil reais em um só dia de contrabando e venda, há também a própria necessidade de movimentação, de deslocamento: deslocamento das energias de suas atividades corriqueiras para outra atividade que demandava um planejamento, um investimento, uma logística que garantisse as moedas de ouro e sua venda final. A própria ocupação já era por si só um modo de experimentar novos episódios.

Para esse episódio, Canesi recebe também um novo nome – Monsieur Rossignol. “Não vou citar o nome do banco, mas este banco, pelo qual eu não era obrigado a me identificar, e pra evitar problemas do tipo de denúncias anônimas, ao menos, eu era conhecido neste banco através de um codinome, eu era conhecido como Monsieur Rossignol”. O agora Senhor Rouxinol assume uma nova identidade criada para sua atividade nesse novo grupo com qual compartilhará esse episódio. Visto dessa forma, não foi Canesi quem contrabandeou ouro para a França.

Monsieur Rossignol não estava submetido às mesmas regras que Riccardo Canesi. Não compartilhava da mesma formação familiar ou moral. Não era sequer um Signor Usignolo, submetido a Deus, à Pátria e à Família. Era um pássaro francês que poderia cantar sua música independentemente da partitura da lei, da moral e do próprio Canesi. Uma nova identidade cria novas possibilidades, cria novas formas de configuração de si e de suas práticas. E novas identidades, nesta narrativa, são sempre atribuídas pelo grupo. No Brasil, foi feito Bell Marques pelo grupo que o recebeu. Na França, Monsieur Rossignol pelo grupo com quem praticou seus crimes.

E me volto à questão de Montesquieu de, se é possível, imputar ao marinheiro as regras daqueles que estão em repouso, em inércia. Quais são as leis moral, ética, religiosa, política que se impõem à vida de quem está em trânsito? Incorporando o marinheiro ao turista de Bauman, ele está submetido apenas às leis do próprio movimento que é, em si mesmo, razão de sua existência. Em outras palavras, deve-se manter sempre em movimento, sendo que se manter em movimento é a razão última dessa prática.

Sendo assim, se há a necessidade imperiosa na modernidade líquida de se manter em constante movimento, essa necessidade deve ser suprida haja o que houver, independente do que for. Dinheiro e risco se juntam ao bônus desse movimento, mas não são suas razões últimas. Se, como afirma Bauman, hoje os humanos são formados para serem consumidores: a necessidade de consumir esse trânsito mantendo-se atualizado é a grande razão desse sujeito. E o movimento que suspende a solidez das instâncias fixas, tornando-as imagens que passam antes mesmo de o olhar conseguir se prender a cada uma delas por tempo demais.

A “cereja do bolo”, que é esse conjunto de crimes, pode ser vista sob duas perspectivas. Em primeiro lugar, é um dos empreendimentos laborais de Canesi. Acredito que por isto venha logo após ao *galho-labor*, que trata de seus trabalhos. Esse encadeamento, aparentemente aleatório de memórias, não é aleatório. Se pensada através da livre associação da Psicanálise, são memórias que se unem em cadeia para o narrador. E

quando levado em consideração que a narrativa foi anteriormente setorizada para abordar essas vivências de acordo com o interesse do narrador – toma um sentido ainda mais evidente. Além de que, o trabalho justifica muita coisa, inclusive um crime.

Em segundo lugar, é um jogo de azar. Possui todas as características de um jogo e seus desdobramentos: um espaço de prática que suspende o espaço da vida cotidiana; o desejo de vencer, que vai além do desejo pela eventual riqueza proporcionada pela prática; o risco de perder tudo (o dinheiro investido, o emprego nos Correios, sua aposentadoria, sua liberdade) e o risco de ganhar tudo; regras e táticas de jogo que possibilitam a vitória; a suspensão da identidade da vida cotidiana por uma identidade criada pelo e em função do jogo; e um engajamento de grupo. O *galho-ludens* é o anterior ao *labor*.

Visto dessa forma, há um encadeamento de memórias que se iniciam pela atividade legal do jogo nos cassinos (legalidade reiteradamente atestada pela narrativa), passando pelas atividades de trabalho que demonstram a qualidade do narrador de ser um *homem trabalhador*, digno e honesto e que se finda com uma atividade de trabalho que é, sobretudo, um jogo dinâmico, arriscado e criminoso, demonstrando que, nos moldes da narrativa, Canesi é um trabalhador honesto, mas relativamente.

4.4 Galho-ego

I

Este galho, *galho-ego*, é a interpretação de Canesi sobre sua narrativa, portanto, são suas reflexões sobre o que ele narrou anteriormente, o “texto base”. Neste, pedi ao narrador que imprimisse uma perspectiva histórica para uma análise de seu relato. Acredito, como já dito anteriormente, que a própria narrativa já possua um viés racionalizado. Viés evidenciado pela apresentação cronológica das memórias, por uma estrutura com introdução e setorização dessas memórias, pela procura por uma inserção dessas memórias em contextos históricos.

Em alguns instantes da minha interpretação refleti, anunciadamente ou não, a partir de reflexões extraídas da análise de Canesi, mas optei por não fazer uma subseção, ao menos, contendo uma interpretação exclusivamente sobre este galho, por acreditar que este é o momento no qual o narrador pensa sobre sua narrativa. De forma que posso entender este galho como uma parte da narrativa, do texto base, mas também como uma parte do trabalho hermenêutico proposto por esta dissertação.

II

Meu nome é Riccardo Canesi. Esta declaração vai muito além de uma simples apresentação, no nome, e, sobretudo, no sobrenome está incluído não um dado anagráfico, mas é marca de unicidade, é sinônimo de uma carta de qualificação para indicar a regionalidade, a estória de uma família, a saga de um clã, mesmo que na nossa cultura não seja acompanhada de brasão e cores específicas, que poderiam indicar algum grau de pertencimento à nobreza. Quando falo de regionalidade, me refiro ao fato que a Liguria é terra de navegadores, e a minha família é a prova disso. Meu pai, meus tios, meu avô, bisavô e outros antepassados pertenceram aos quadros da Marinha Mercante ou Militar. A minha geração interrompeu essa tradição, e se dedicou a outras atividades, apesar de ter ainda um primo, capitão de navio, mas, o amor pelo mar, a paixão pela busca de outras terras, culturas e povos está no nosso D.N.A. Não estou aqui querendo contar esses feitos, mas gostaria de frisar a importância de carregar um nome. Para tanto, acho interessante sinalizar o trecho do livro *Raízes Negras*, que dá uma ideia mais contundente dessa importância em determinadas culturas.

Os pensamentos seguintes de Kunta, de pé ao lado da cama, concentraram-se na busca de um nome apropriado para a filha. Sabia que não poderia pedir à massa oito dias de folga para pensar no nome da filha, como qualquer pai faria na África. Mesmo assim, sabia que tinha de pensar muito no assunto, pois o nome escolhido teria grande influência no que a criança se tornaria. Mas Kunta lembrou-se de repente de que, qualquer que fosse o nome que escolhesse para a filha, ela seria também chamada pelo último nome da massa. Isso deixou-o tão enfurecido que jurou a si mesmo que a filha cresceria sabendo seu verdadeiro nome [...]

Já era quase meia noite quando Kunta ronou a sair da cabana, levando a filha recém-nascida, em volta numa manta. Afastou-se o suficiente para ter certeza de que ninguém iria interferir no que estava para acontecer. Sob a lua e as estrelas, Kunta ergueu a filha para o céu e depois virou-a, a fim de que o ouvido direito da menina ficasse encostado em seus lábios. E depois, bem devagar, falando com toda clareza, em mandinga, sussurrou três vezes: - Seu nome é Kizzy. Seu nome é Kizzy. Seu nome é Kizzy. Estava feito, como fora feito com todos os ancestrais Kintes, como fora feito com ele próprio, como teria sido feito com aquela menina recém-nascida se tivesse nascido na terra de seus ancestrais. Ela tinha sido a primeira pessoa a saber quem era (HALEY, 1979, p. 262-264).

Sou Italiano de nascita, de nascimento. O orgulho com o qual declaro minha nacionalidade vem, não só do fato de ser a terra que deu origem a um dos maiores impérios que o mundo conheceu, império que proporcionou à humanidade inventos que mudaram a história e contribuíram ao desenvolvimento da raça humana, como também, esse orgulho,

que considero justificado, deve-se a direta participação de meu bisavô à expedição dos famosos "mil", que com sua luta deram origem ao nascimento do Reino D'Italia.

Mas, muito além dessa origem ancestral, sentir-se italiano é declarar o amor pela vida, pelo mar, pelo sol, pela música e, porque não, pelo futebol. Claro que essas paixões não são prerrogativas únicas dos italianos. Muitos outros povos compartilham esses sentimentos, mas tem uma que se destaca e forja a "italianidade": a cozinha. Não estou falando da cozinha sofisticada, dos grandes chefes, e das receitas extremamente elaboradas, onde encontraríamos nos franceses rivais à altura. Estou aqui me referindo à base da nossa alimentação: a massa. Contrariamente ao Brasil e à China, onde essa base é o arroz, para os italianos falar de massa, caseira ou industrializada, é motivo de orgulho e de tradição. Muitas vezes isso foi tema de intermináveis e acaloradas conversas com meus amigos brasileiros.

Alguns sustentam a semelhança entre o hábito de comer massa todos os dias com a rotina costumeira do arroz e feijão (aquele feijão, insuperável, feito pela mãe ou pela avó). Aí, inicia o atrito. Sem querer desmerecer o sabor maravilhoso daquele feijão, eu contesto que se trata, de qualquer forma, da repetição cansativa de um único sabor. Por contra, a cozinha italiana, além de oferecer uma grande variedade de tipos de massas, cuja função primária é de reter e assim enaltecer o sabor dos molhos, se baseia no "sugo". Esse é o verdadeiro ingrediente que faz toda a diferença. Se, como já disse, o feijão tem um único sabor, os molhos, ao contrário, oferecem uma quase infinita gama de sabores completamente diferentes entre si e transformam a variedade da cozinha Italiana em um festival de delícias que levaram fama mundial a essa arte centenária. Não vou aqui elencar as grandes variedades existentes, mas, posso afirmar, sem qualquer dúvida, a possibilidade de alternativas em mais de cem diferentes receitas de molhos, com sabores únicos e individuais. A esses, podem-se acrescentar uns 50 molhos próprios para o "risotto". Por isso, que as expressões "de comer rezando" e "precisa comer de joelhos" encontram uma justificativa na culinária italiana. Se afirmar que na Itália a comida é uma religião e para quem queira aprofundar-se no assunto, encontrará com facilidade justificativa para essa asserção. Essa busca da perfeição supera as regionalidades, mesmo que justificadas por paladares e preferências, no reconhecimento de superioridade em vários itens, tipo: "o melhor manjericão" é o de Gênova, o melhor "tomate" é o de Nápoli, o melhor "pimentão" é o de Carignano (TO) e assim vai. Essa busca pela excelência é práxis nas cozinhas familiares, não só em restaurantes renomados. Acrescente-se o acompanhamento com vinhos de diferentes bouquet (não o costumeiro sabor da cerveja) e o hábito da troca de

pratos para não alterar os sabores e se terá uma ideia dessas singularidades, e, porque não, superioridade da cozinha Italiana. Dentro desse contexto, deve-se sinalizar a importância do momento "refeição" pela cultura italiana. Em volta de uma mesa, se fecham negócios, se estabelecem alianças, estratégias das mais variadas naturezas e assim comemoram vitórias, casamentos, batizados e toda sorte de eventos.

Vivo no Brasil faz 25 anos. Conheço muitos italianos que moram aqui, mas uma das coisas que me diferenciam deles é que eu nunca (até o ano passado [2015]) voltei para lá, isso torna meu testemunho muito parecido com aquele dos emigrantes de outrora, gente que saía para, provavelmente, nunca mais voltar. Muitas vezes me deparei pensando que emigrar é um pouco como morrer, ou seria mais correto pensar em nascer de novo?

Muitas pessoas me perguntaram qual foi a motivação que me trouxe ao Brasil. Eu sempre respondo que não foi um fato específico, mas um conjunto de fatores que contribuíram para que essa decisão fosse tomada. Elenquei alguns e passei a contar algo referente à minha segunda vida, porque é assim que eu enxergo essa minha experiência nessa terra que me acolheu e me deu tantas oportunidades.

Poderia acrescentar que aqui chegando, estranhei essa expressão de "Novo Mundo". Se essa definição cabia e encontrava justificativa em 1500 e 1600, ela já não faz sentido. Para um europeu da atualidade, sem querer criticar, mas simplesmente admitindo a realidade, aqui não tem nada de "novo", nem nas mazelas dos políticos, na corrupção endêmica de vários órgãos e autoridades que transformam até cidadãos honestos em corruptores por causa de uma visão distorcida da tentativa de levar vantagem em tudo ou de se safar de justas punições, nem tampouco de vícios e maus-hábitos originários do "Velho Mundo".

Os meus contatos com a Itália. Devido à falta de tecnologia (computador, internet, WhatsApp) e ao alto custo das ligações telefônicas internacionais, em brevíssimo tempo eu perdi contatos com parentes e amigos.

Eu, contrariamente a outros italianos que conheço. Entre os italianos que vieram para o Brasil, muitos trouxeram consigo filhos pequenos ou adolescentes. Estes meninos, a meu ver, apesar de serem criados no seio de duas culturas, de serem bilíngues, de sentir-se um pouco italianos e um pouco brasileiros, não podem dizer que viveram duas vidas. Se por isso entende-se que em cada uma delas, deveriam ter passado por experiências e provações capazes de deixar marcas indeléveis da formação do seu caráter.

Voltei depois de 25 anos. Eu, pelo contrário, cheguei aqui como homem feito, com 48 anos, levando, na minha bagagem pessoal, lembranças e vivências de uma infância, de

uma adolescência, de um casamento, divórcio. Cheguei como aposentado depois de ter trabalhado 20 anos na mesma empresa.

O que é um herói? Nessa cápsula inicio com algumas considerações que se transformam rapidamente em elucubrações e conjecturas sobre a figura do "herói". Estamos acostumados a considerar, a catalogar, a inserir nessa categoria, aquelas pessoas que, em determinados momentos se destacaram com atitudes fora do normal, atitudes que fogem ao padrão considerado "normal", previsível, comum. Eu acho que ali consiste a deformação de um ser humano em uma figura mítica, em um semideus, em alguém cujas atitudes fogem aos padrões da multidão. A meu ver, se esquece de considerar o momento, as condições quase únicas nas quais tais atos se desenvolveram. Acredito eu que qualquer um, colocado em determinada situação, possa ter um rompante heroico. Quem, para defender a própria prole, não se transformaria em um sujeito destemido, capaz de superar limites e obstáculos inimagináveis? Como não diferenciar comportamentos no calor de uma batalha ou na rotina de um estressante dia no escritório? Qualquer um, a meu ver, pode superar seus medos, seus instintos de sobrevivência, se, dos seus atos, depende o destino de parentes, companheiros d'armas, de patriotas etc., etc. Dito isso, analiso ao invés, quanto difícil seja superar a normalidade, a monotonia de um trabalho repetitivo, sem estímulo algum, que nos torna máquinas de uma engrenagem aparentemente sem importância, mas que, desde o primórdio, permite à sociedade como um todo, existir, progredir, e alcançar um futuro melhor. Óbvio que, nesse mundo macro, cada um pertence a um mundo micro, pessoal, subjetivo e nesse contexto passo a enfrentar a enorme dificuldade pessoal que representa a hercúlea tarefa de ser pai. Não sei se estou certo na minha avaliação, mas acho que hoje está mais difícil do que nunca cumprir esse papel. Digo isso pensando no meu pai, meu avô, e a época em que eles viveram. A sociedade deles se baseava em um tripé funcional: Deus, Pátria, Família. Em poucas gerações esse mundo desmoronou completamente. Através de conversas informais com as novas gerações é fácil concluir que esses valores, outrora sagrados, não representam mais o leme com o qual dirigir nossas vidas. Não tem espaço aqui para analisar em detalhes essa minha convicção, mas, a impressão que tenho é que tudo se resumiu em uma adoração ao "Deus Moeda". Em nome dele, tudo se faz, nada é imoral, tudo pode e deve ser alcançado. Em uma sociedade altamente consumista, onde padrões de beleza e de competição varreram do mapa aqueles cultuados por centenas de anos, me encontro eu, pai de um adolescente, sem mais certezas sobre qual é a tábua de mandamentos que devo passar para ele. Quando me tornei pai, imaginei que a minha função se limitaria em repassar para meu filho os princípios que aprendi no seio da minha

família e que nortearam a minha formação como indivíduo e cidadão. Pura ilusão!! Se na minha época a expressão "Droga, Sexo e Rock and Roll" era basicamente folclórica ou relativa a uma distante realidade, hoje permeia a nossa sociedade representando um apavorante perigo para os nossos meninos. Pulando de pés juntos esse pensamento, passei a contar, de forma sucinta, o que foi a minha vida na Itália.

Iniciei com um recorte que mistura lembranças infantis com fatos históricos e políticos para depois, já com 20 anos, falar do meu ingresso e da minha saída dos Correios Italianos. Não daria para contar, senão em um livro de memórias, os inúmeros episódios hilários ou semissérios que marcaram esse importante e longo período da minha vida. Me limitei a tentar explicar como se deu a possibilidade de alguém se aposentar com 39 anos dentro da legalidade de uma Lei falha e que continua me beneficiando ainda hoje. Assim como tentei mostrar que por falta de uma qualificação específica, procurei encontrar saídas para continuar a participar de forma ativa e criativa, do mundo produtivo. Contei propositalmente aquilo que eu considero uma página vergonhosa da minha vida, o episódio onde me comportei com uma atitude covarde e inexplicável frente a um momento anti-heroico para dar mais credibilidade ao meu testemunho para não dar a impressão daquele que só conta aquilo que lhe é favorável.

Meninos daquela época. Eu acho que aos meninos que tiveram o azar de viver em épocas de conflitos, em qualquer lugar do mundo, foi roubada a possibilidade de passar de uma fase à outra da vida de forma natural, em outras palavras, a eles foi negada a "inocência". À luz da nossa atual realidade, as minhas palavras soam como mentiras ou exageros, mas quem passou por situações similares entende que a verdade pode ser ainda mais crua.

Quando eu era menino. Estou escutando pela enésima vez a gravação da minha fala, estou lendo e relendo a transcrição na tentativa de capturar a alma do meu trabalho no esforço de passar para os ouvintes e leitores um retrato, o quanto mais fiel possível, de alguns acontecimentos, de recriar a atmosfera da época, de passar credibilidade aos meus contos, mas percebo a enorme dificuldade de explicar "emoções". É fácil contar os fatos, trata-se enfim de um exercício de memória, a dificuldade consiste em repassar as sensações que tais lembranças despertam em mim. Vou tentar me expressar melhor: quando eu era menino, e, acredito eu, isso acontece com todos, aos meus olhos as coisas pareciam maiores que aos olhos de um adulto. Falo isso em termos de grandeza, mas não só, se falo do medo, por exemplo, a sensação de medo em uma criança é bem maior que a de um adulto. Não sei explicar o porquê, mas as minhas lembranças infantis são fundamentalmente sem cor,

digamos em preto e branco, como em uma película da época. Os adultos eram chamados "os grandes", não existia medo algum em relação a ladrões (provavelmente porque não tinha nada para roubar!), nunca senti constrangimento algum em relação à pobreza. Aquela era uma época onde todo mundo era pobre, nos anos 50 ainda não era palpável a distinção de classes sociais. Por isso que, por incrível que possa parecer, a minha infância foi feliz apesar de ter vivido em um momento tão conturbado para o meu país. Lembro, por exemplo, que, para dar uma ideia de muita confusão, a expressão comum era: "foi um 48". Descobri muito depois que isso se devia às enormes convulsões sociais que se sucederam ao atentado a Palmiro Togliatti, na época Presidente do Partido Comunista Italiano, em 1948. Estou falando aqui de fatos que nem mencionei na minha fala primária, porque obviamente, não dá para contar em detalhes o dia a dia de uma vida. Me limitei a pincelar fatos marcantes para mim e que achei que pudessem ser, de qualquer forma, interessantes para explicar o ser que me tornei, as decisões que tomei, o rumo que imprimi à minha vida. Como é que posso explicar a sensação de, aos 19 anos, ter conseguido comprar meu primeiro carro, um velho Fiat 500, eu que, aos 10 anos, usava calças curtas com um reforço nas nádegas pra durar mais tempo??!!

Divorciei. Falar em divórcio hoje é fácil, quase banal, mas em um tempo relativamente recente, a coisa era bem diferente. Em um primeiro momento existia a "separação" e já não era corriqueira. A mulher "desquitada" era vista com desconfiança pela sociedade e incluída entre as pessoas "mal faladas". Eu me separei quando a legislação italiana ainda não tinha estabelecido, nos termos da Lei, a da figura do "divórcio". Participei do plebiscito que legitimou essa figura jurídica, mas não escapei da reprovação e do julgamento de uma parte da população.

Imortalidade (X). Como o conceito básico da "imortalidade" é a negação da inelutabilidade da morte, tal pensamento tornou-se objeto do fascínio da humanidade. Todos os grandes filósofos da antiguidade se debruçaram sobre o tema, a maioria deles, tal como Platão, Aristóteles, Sócrates, escreveram sobre a imortalidade da alma senão do corpo. Segundo Homero, na *Ilíada*, por exemplo, a figura de Aquiles consegue a fama "eterna" através de suas gestas e desperta até a inveja dos deuses por conseguir tal proeza mesmo tratando-se de um mortal. Em tempos mais próximos, essa discussão trouxe os pensamentos de outras ilustres mentes, entre elas gostaria de lembrar: Wittgenstein, que escreve no *Tractatus* – "se não definirmos a eternidade como infinita duração temporal, mas intemporalidade, então a vida eterna pertence àqueles que vivem o presente".

Gênesis 2: 8-9 diz:

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimentos; e também a árvore da vida no meio do jardim e da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Interpretação 1 – plantar uma árvore significa que cada um de nós tem que plantar a sua semente espiritual;

Interpretação 2 – ter um filho = compartilhar o seu conhecimento;

Interpretação 3 – escrever um livro = escrever a sua história.

Com esse trabalho, pretendo concluir as tarefas designadas a cada ser humano para se tornar um homem: busco o meu crescimento espiritual desde que iniciei a ter noção do meu existir, tentei passar todo meu conhecimento e a minha experiência a meu filho e a todos que vivem ao meu redor, e concluo contando a minha história com o propósito que possa, de qualquer forma, contribuir para o desenvolvimento de outras pessoas.

Então, inventei os meus trabalhos. Como corolário a esse meu comentário queria me valer do texto da música *My Way*, na interpretação inesquecível de Frank Sinatra: "e agora o fim está próximo, e, portanto, encaro o desafio final, meu amigo, direi claramente, irei expor o meu caso do qual estou certo. Eu tenho vivido uma vida completa".

Viajei por cada e todas as rodovias. E mais, muito mais que isso. Eu o fiz do Meu Jeito!!

Carpe Diem e o **Memento Mori**. "Ela pereceu em um acidente... um outro amigo adoeceu de uma doença terminal". Essas duas expressões, em aparente contraste, podem, dependendo da interpretação, serem vistas como as duas faces da mesma moeda. *Carpe Diem*, a mais famosa frase em latim de um poema de Horácio, cujo significado é "curta o momento", "viva o agora", é um convite ao gozo, ao desfrutar pleno e total da vida em todas as suas belezas, mas no "imediato". A outra citação é encontrada em certas ordens religiosas católicas. Ali, os monges, ao se encontrarem nos corredores do mosteiro, costumam dizer uns aos outros: "Memento Mori", uma expressão latina que significa "lembre-se de que vai morrer". A saudação funciona como um exercício espiritual de aceitação da morte, vendo-a como uma consequência da própria vida. Tanto é que segundo uma vertente filosófica, nascer é o ponto de partida do tempo que inexoravelmente nos levará à morte. Cada dia vivido nos aproxima do fim. Não dá para escrever sobre a "morte" de forma resumida. Esse tema, com certeza, seria merecedor de uma monografia específica. A vida e a morte, entrelaçadas de forma indissolúvel e ao mesmo tempo com conceitos tão opostos serviram de inspiração a todos os grandes pensadores e filósofos desde o

surgimento da humanidade. Para tanto, acho mais interessante citar frases e sentenças relacionadas com tal mistério:

A serenidade e a vitalidade da nossa juventude baseiam-se em parte no fato de que nós, ao subirmos a montanha, não vemos a morte, pois ela encontra-se do outro lado da encosta. (Schopenhauer).

Outras citações:

Schopenhauer: "a morte é a musa da filosofia."

Sócrates: definiu a filosofia como "preparação para a morte."

Epicuro: "A morte é uma quimera: porque enquanto eu existo, ela não existe; e quando ela existe, eu já não existo."

Nietzsche: "A morte covarde pode ser definida, em poucas palavras, como a experiência da morte como um acaso, cujo efeito imediato é o desejo de morrer. Nesse caso, deseja-se morrer porque se morre. A falta de longevidade da vida basta para que se pregue o abandono da mesma. Aqueles que pensam assim, dirá Nietzsche, são os pregadores da morte."

Heidegger: "homem é um "ser que caminha para a morte."

Michel de Montaigne: "Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade."

Freud: "Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte."

Tolstoi: "O homem não tem poder sobre nada enquanto tem medo da morte. E quem não tem medo da morte possui tudo."

Victor Hugo: "Morrer não é acabar, é a suprema manhã."

Voltaire: "Aproximo-me suavemente do momento em que os filósofos e os imbecis têm o mesmo destino."

Brecht: "Temam menos a morte e mais a vida insuficiente."

Sêneca: "Nisto erramos: em ver a morte à nossa frente, como um acontecimento futuro, enquanto grande parte dela já ficou para trás. Cada hora do nosso passado pertence à morte."

Kant: "Se vale a pena viver e se a morte faz parte da vida, então, morrer também vale a pena..."

Nietzsche: "O gosto de minha morte na boca deu-me perspectiva e coragem. O importante é a coragem de ser eu mesmo."

Nietzsche: "A recompensa final dos mortos é não morrer nunca mais."

Francis Bacon: "Os homens temem a morte, como as crianças temem a escuridão."

Corneille Pierre: "Cada instante da vida é um passo para a morte."

Montaigne: "Quem ensinasse os homens a morrer estaria ensinando-os a viver."

Kafka: "Se estou condenado, não estou somente condenado à morte, mas também a defender-me até a morte."

Leonardo da Vinci: "quando eu pensar que aprendi a viver, terei aprendido a morrer."

Sempre gostei muito de viajar. Quando eu falo das minhas andanças mundo afora, estou me referindo basicamente à década de 70. Portanto, nesse período os países que visitei, como afirmei já em outro trecho desta análise, viviam um período de estabilidade política e econômica excepcional, isso devido em grande parte à forte liderança nacional de seus chefes de Estado. Essa *pax* social se refletia claramente na segurança e tranquilidade com a qual os turistas do mundo inteiro circulavam e se relacionavam com as populações locais. Digo isto porque hoje repensando as minhas excursões noturnas nos mercados árabes ou na periferia de cidades do Quênia, parece muita irresponsabilidade de minha parte, mas a sensação de segurança na época era total. Estes países estavam em franca expansão econômica e o turismo representava um setor extremamente pujante. Demonstração disto era a construção de novos aeroportos nas cidades de Tunis, Hammamet, Monastir Skanes e na Ilha de Djerba. Luxuosos hotéis surgiam como cogumelos na costa do Quênia, que, na época, era considerada "A Suíça da África".

Apesar disso, acho interessante relatar o meu pensamento daqueles momentos que acredito possam servir para melhor entender a visão de um branco europeu em relação aos africanos: conversando com minha mulher sobre o hipotético relato às autoridades policiais de um hipotético acontecimento delituoso, me dei conta que não teria condição de descrever ou reconhecer um suspeito, porque, para mim, os negros eram todos iguais!! Não conseguia enxergar diferenças somáticas entre eles!! Tenho receio de expressar esses pensamentos, porque acredito que possam ser interpretados como uma forma de racismo ou de qualquer maneira uma ideia de superioridade racial, mas tenho certeza de que não era esse o meu pensamento.

Outra coisa que gostaria de frisar é o fascínio que exercia sobre mim a ideia de viagens para lugares exóticos e totalmente fora dos roteiros convencionais da época. A cidade onde eu morava, na Itália, encontra-se em uma zona altamente turística, destino de muitos italianos e estrangeiros em busca de sol e praias aconchegantes repletas de bares, hotéis, restaurantes e toda sorte de mordomias que fazem da Riviera Lígure um destino eclético para turistas de todas as classes. Mesmo levando em consideração que essa era a

minha habitual residência e, portanto, natural, a vontade de conhecer outros lugares, a Itália e a Europa como um todo, ofereciam um leque variado de opções, mas não condiziam com o meu espírito de aventura e o meu desejo de algo muito diferente.

Quando eu era menino-garoto não existia internet, computador. Pouquíssimas pessoas tinham acesso econômico a TV, filmes e viagens, portanto o único meio de sair do nosso mundinho era através da leitura. Ler não era uma obrigação escolar, mas um jeito de soltar a fantasia e de adquirir conhecimentos.

Padrões africanos. Com esta expressão, não quero ser, de forma alguma, ofensivo e considerar os "padrões africanos" inferiores aos europeus. Quero simplesmente frisar "diferenças". Porém, sem levar na devida consideração estas diferenças, não é possível entender a alma da África. A África é "primitiva" na sua mais pura essência, os inúmeros animais que compõem a fauna africana não recebem comida dos tratadores, como acontecem nos nossos zoológicos. Lá impera a mais autêntica "lei da selva": matar ou morrer.

A ação do homem se limita a interferir exclusivamente para conter as ações de outros homens, tipo: caçadores ilegais ou contrabandistas de animais e de marfim.

Portanto, a ideia de vida e morte permeia diferentemente da nossa a cultura africana.

Para um turista europeu ou americano é muito difícil aceitar que saindo do extremo conforto e luxo de um hotel, pode-se esbarrar em uma fera ou uma serpente mortal. Difícil entender que mesmo com todo o dinheiro do mundo uma pessoa é picada por uma Mamba-negra. A Mamba-negra (*Dendroaspis polylepis*) é uma das cobras mais venenosas do continente africano. Ao contrário das outras espécies do mesmo gênero, vive a maior parte do tempo no solo, mas pode escalar árvores com facilidade. Sua dieta consiste de pequenos mamíferos e aves. Tem um bote muito rápido e seu veneno neurotóxico causa paralisia. Com o veneno da Mamba-negra a vítima pode falecer em menos de 20 minutos. Sem o tratamento, é mortal em 100% dos casos. O hospital mais próximo encontra-se a centenas de quilômetros de distância.

Na África, o homem, querendo ou não, é obrigado a voltar à sua ancestralidade. O seu relacionamento com o tempo e a natureza não são mais ditados pelas regras das civilizações, mas pelos "padrões africanos".

Cassinos. A meu ver, este capítulo nos oferece a possibilidade de análise, sob o viés psicológico, do narrador. Ao invés de conversar sobre o conteúdo específico da fala e dos fatos narrados, acho interessante nos debruçar sobre o que pode ser extraído em relação ao caráter do personagem desta saga. Obviamente esta tarefa apresenta um grau de dificuldade

maior, devido ao fato que o "narrador" e o "analisador" são a mesma pessoa, quer dizer: "Eu".

Mas, acredito que isto seja possível pelo fato que o "analisador" está fazendo um julgamento do caráter do "narrador" com o auxílio do tempo que, pelo menos em teoria, deveria ter servido para acrescentar experiência, tolerância e uma visão da vida mais ampla e realista.

Começamos com o fato básico da admissão do relator em se declarar como um jogador contumaz, mas não um viciado, não um jogador compulsivo, que não consegue colocar freios na sua paixão ao ponto de colocar em xeque a sua condição básica de subsistência. É bem verdade que, em determinados momentos, a sua paixão o leva a excessos e a rompantes que fogem à "normalidade", mas nada que tenha comprometido definitivamente a sua história de vida. As dificuldades para as quais ele passa em determinados momentos, poderiam ter origens completamente diferentes como uma doença, um furto, ou um acidente qualquer, mas nada capaz de provocar efeitos catastróficos duradouros. Muito pelo contrário, normalmente ele se permite a aproximação à zona de perigo, com um capital precedentemente estabelecido e que representa um extra às suas necessidades básicas.

Ao mesmo tempo, podemos relevar, nesta sua paixão, o gosto pela aventura, pelo não conformismo, pela necessidade de adrenalina, mas sempre dentro de uma "medida de segurança" que o diferencia dos excessos dos viciados e dos inconsequentes. Este acometimento, porém, não exclui a intensidade da entrega no cumprimento da "tarefa" estabelecida. Sempre, em toda minha vida, quando encaro um desafio o faço com todo meu ser, não poupo esforços nem energias para alcançar os objetivos que me proponho. Dentro de um cassino me inebrio com o típico barulho da roda da "roulette" ou das "fichas" movimentadas pelos "croupiers". Respiro a plenos pulmões a atmosfera de glamour e da imponderável e caprichosa vontade da Deusa Fortuna que parece abençoar ou condenar os atores que naquele exato momento estão no palco. Quem consegue captar o espírito da coisa encara aquele momento como uma diversão, cara, mas por sempre uma diversão por si só. Ganhar ou perder torna-se de secundária importância em relação ao prazer da emoção produzida pelo resultado do acaso.

Voltando a tentar entender "o personagem", podemos encontrar ali algumas características de um empreendedor. Explico-me melhor: avaliação de riscos, a necessidade de capital, o comprometimento, o plano de negócios, a persistência, a liberdade de escolhas

e a autoconfiança. Todas estas características necessárias para um jogador são as mesmas que podem fazer um empreendedor de sucesso.

Caso de emergência. A bordo dos navios, um dos oficiais tem "noções" de medicina, e, em caso de necessidade, é ele quem orienta e administra os necessários cuidados. Mas não esqueçam que eu falei "noções". Então, meu pai, por exemplo, em uma travessia entre Itália e Estados Unidos, sofreu uma ulceração no olho esquerdo, provocada por um corpo estranho que ficou alojado no interior do olho. Não sei explicar direito as causas e as consequências, mas, em decorrência de um procedimento errado, quando o navio chegou em Norfolk (Oregon), meu pai teve que ser internado em um hospital, onde, graças aos necessários cuidados e à competência da equipe médica, não perdeu o olho, Só... a visão do olho esquerdo!

Meu pai ficou internado 6 meses e ele não falava inglês. Um médico se sensibilizou com a situação e colocou meu pai em contato com uma família americana de origem italiana. Assim meu pai pôde se comunicar com alguém e desse contato, nasceu uma linda amizade. Esta família tinha feito fortuna nos U.S.A e eram proprietários de uma empresa importante. Para dar uma ideia, eram sete os componentes dessa família e tinham seis carros!!! Isso quando na Itália a propriedade de um carro era ainda um sonho.

Em outra parte desse meu trabalho, eu já fiz referência à imponderabilidade do "se". Digo isso porque essa família ofereceu a meu pai a possibilidade de permanência nos E.U obviamente, com a ida de minha e de minha mãe, para lá. Então, o que teria sido da minha vida "se" meu pai tivesse aceitado esse convite? Eu tinha na época uns dez anos. Além de completamente diferente a minha estória teria sido uma estória de sucesso ou eu teria morrido lutando no Vietnã? Só Deus sabe!!!

Aposentadoria. Falei em outro trecho que aproveitei uma brecha na Legislação Trabalhista do meu país, e que, a aposentadoria precoce daqueles que se encontravam na minha situação foi motivo de um escândalo nacional e de profundas mudanças na proporção do cálculo desse direito. Para dar um exemplo: se alguém tivesse um salário de, digamos, 100, o cálculo era feito assim: 80% fixo e 20% em relação ao número de anos trabalhados. Um mês depois que me aposentei veio a mudança: 20% fixo e 80% relacionado ao tempo de serviço! Uma mudança e tanto, não é???

Consciência ecológica. Aqui podemos abrir um vasto leque de considerações que hoje fazem parte de acaloradas discussões sobre ética e costumes. No mundo inteiro surgiram campanhas contra o uso de casacos de pele, sobre a exploração de animais em todo o tipo de pesquisa, desde o forçado método de engorda de variadas espécies até a

proibição ou limitação do uso dos mesmos em pesquisas científicas.

Mas eu queria ir além: partindo do pressuposto que não se trata de "seres humanos", então tudo ou quase é permitido, o meu pensamento me leva ao tratamento reservado aos Judeus pela Alemanha nazista, ou antes mesmo aos escravos de outrora! Muitas vezes li e ouvi considerações desse tipo: "não se tratava de seres humanos!!". Tratava-se, pelo contrário, de seres desprezíveis, no caso dos judeus, ou de simples "peças", sem a mínima importância e cuja morte ou sofrimento não pertenciam à esfera dos sentimentos além daquele de posse. Digo isso porque, naquela época, eu matava friamente e sem algum peso na consciência aqueles bichos e a minha única preocupação era de fazê-lo em escala industrial. Hoje, porém, vejo com calafrios as semelhanças entre a minha caixa e as câmaras de gás dos campos de extermínio!

O que foi uma característica da minha vida. Encontramos aqui uma das características principais do nosso personagem-narrador: a busca constante de oportunidade de negócios, não necessariamente aquelas facilmente reconhecíveis ao olhar atento do investidor. Mas aquela procura de novidades no mercado, na verdadeira invenção das mesmas, criando-as quando não existem. Não é por acaso que fui o primeiro criador de visões da região, que abri a primeira agência de casamentos da região, a primeira sala de videogames da cidade!!!! Não fui atrás de uma padaria bem localizada, de uma loja hortofrutícola em um bairro em surgimento, de um açougue lá onde o mercado indicava uma demanda. Óbvio que isso foi basicamente pela minha total falta de conhecimentos desses negócios tradicionais, mas as minhas escolhas juntaram, mais uma vez, o meu espírito aventureiro com a vontade de inovar, inventar, tentar o que, à primeira vista, poderia parecer impossível! Aliás, por muito tempo, na cabeceira da minha cama, tinha um quadro com o seguinte lema: "**o impossível não existe; quando um homem faz dessa asserção o seu – Acredito –, só Deus pode dobrar a vontade dele**".

No fundo tratava-se do seguinte raciocínio: se precisava embarcar em uma empreitada sem nenhuma base frente a concorrentes espertos, melhor seria buscar uma atividade sem concorrentes!!

Contrariamente ao Brasil, aonde tem mais mulheres do que homens. Como pode-se verificar através de consulta ao censo demográfico nacional.

Empreitada. Quando falo de sucesso, não estou me referindo ao efetivo alcance do aparente objetivo primário: o casamento. Isso, só consegui realizar em uma oportunidade, mas, estou falando de estabelecer contatos entre indivíduos que, por tendo em comum características que indicavam uma possível sintonia entre eles, não tinham, por timidez,

falta de conhecimentos comuns ou qualquer outro motivo. E, nesse caso, eu fui cupido de várias aproximações.

E ele me chamou para trabalhar com ele. Nessa época da minha vida eu já estava divorciado e aposentado, portanto, não tinha responsabilidade econômica alguma, só persistia em mim, aquela ânsia de viver, aquele espírito de aventura, aquela comichão próprio das almas penadas. A possibilidade de explorar novos caminhos foi a principal mola para deixar o certo pelo desconhecido.

Problema de fiscalização e de impostos. Para o nosso declarante, como veremos melhor mais para frente, o conceito de honestidade é bastante elástico. O respeito às leis passa por um crivo pessoal e por uma "interpretação" certamente não ortodoxa.

Clima tropical. Estou me referindo ao Nordeste brasileiro, zona da minha residência.

Uma visão de negócio. Mais uma vez aparece a buscar pelo novo, pela "criação" do *business*.

Não vingou mais do que tanto. Assistindo a uma palestra no SEBRAE, descobri que, estatisticamente falando, um empresário vai à falência pelo menos três vezes antes de alcançar o sucesso.

Montei uma escola de capoeira. Nos primeiros dois anos de vida no Brasil, me envolvi em três atividades diferentes: arte, escola de capoeira e anexo academia de musculação, e casa de shows.

Então, quatro lojas alugadas e uma de propriedade. No início desse depoimento, falei que fiquei 25 anos sem voltar para a Itália. Pode parecer absurdo para quem nos primeiros 15 anos enxergava esta terra como uma árvore cheia de frutos maduros, só esperando alguém para colhê-los, mas foi justamente o resultado positivo das minhas investidas no mundo dos negócios que não me permitiu me afastar por um tempo maior das "minhas criações". Como sempre, depois do período das vacas gordas, vem aquele das vacas magras, e ali, a motivação da falta de tempo virou falta de recursos.

E acho que, bem ou mal, me dei bem. Apesar de me considerar uma pessoa de cultura média graças às minhas leituras e ao meu interesse pelos mais variados assuntos, percebi que me faltava aquele carimbo oficial de pessoa esclarecida que pudesse participar de conversas sobre qualquer assunto sem passar vergonha. E este foi o incentivo principal que me impulsionou a voltar a estudar. Estou muito agradecido com este País que me deu esta oportunidade e me abriu as portas para o mundo acadêmico, me permitindo entre outras coisas, o convívio com pessoas que admiro muito e que contribuíram enormemente

com o meu crescimento intelectual, além de fazer novas amizades e estabelecer relações com mentes brilhantes e espíritos iluminados.

Neste trecho do depoimento faço uma análise completa de um momento singelo da minha vida. Conteí os fatos com riqueza de detalhes para que seja possível, a quem interessar, verificar a autenticidade da narrativa. Início fazendo uma introspecção pessoal sobre o conceito de "honestidade". Obviamente não espero unanimidade nem consenso com as minhas teorias, simplesmente coloco em evidência os fatores que me permitiram encarar essa minha confissão sem morrer de vergonha. Assumo plenamente a responsabilidade moral dos acontecimentos narrados, mas, dentro do contexto da análise da minha vida, me sinto confortável para encarar o juízo além. Não serei o primeiro nem o último homem que frente a uma oportunidade decidiu colocar a consciência do lado e aproveitar o momento. É notório que, em determinados momentos históricos, como guerras, por exemplo, alguns indivíduos enriquecem enquanto outros caem em ruínas. Se, para conseguir os próprios objetivos, precisa se equilibrar sobre o fio da navalha, eu decidi aprender a arte do malabarismo. Contudo, analisando friamente os fatos, não me sinto merecedor da reprovação geral. Não matei, não fui responsável direto da desgraça de ninguém, não coloquei em risco nenhuma instituição que pudesse, mesmo de forma reflexiva, prejudicar a sociedade como um todo. Como já disse, os parceiros dessa empreitada não pertenciam ao mundo do crime, nenhum fato que pudesse fugir ao controle seria causa de desgraça para ninguém a não ser eu mesmo. Dito isso, não quero aqui me justificar pedindo, mesmo o perdão moral da sociedade, até porque, no mínimo, para pedir o indulto precisaria se arrepender do delito cometido, e, não é o meu caso!! Acredito simplesmente que os fatos narrados sirvam para corroborar quanto afirmado em relação à minha personalidade: busca de adrenalina, faro para oportunidades, capacidade de avaliação de riscos, busca da inovação. Não me considero a pessoa mais honesta do mundo, mas também não aceito o estigma de "delinquente". Demorei bastante até me decidir contar esse episódio por receio do julgamento moral, mas cheguei à conclusão que, se omitisse esse fato, deixaria incompleto e menos verdadeiro esse meu testemunho. Não estou incentivando ninguém a seguir meu exemplo, até porque como afirmei, em relação à comportamentos heroicos ou de vilania, tudo se reduz à "momentos", na maioria dos casos, irrepetíveis. Aqui, por exemplo, precisa-se considerar o "momento" político da França, a legislação de gente na Itália e na França, a relativa proximidade da minha cidade com a divisa, e não último, a minha disponibilidade de correr riscos mesmo que calculados. Quando, na parte final da minha fala, uso a expressão "cereja em cima do bolo", não quero enaltecer esse meu feito

como uma coisa de que eu possa me orgulhar, mas simplesmente queria evidenciar que, dentro de uma vida "normal", sem episódios dignos de passar a História, alguns momentos fogem à banalidade ou para melhor dizer, à "normalidade".

Pós-escrito

Alguém disse um dia que a vida é como uma viagem de trem. A cada estação sobem novos passageiros que entram a fazer parte da nossa estória, outros descem.

No meu caso, decidi fazer uma parte dessa viagem de avião, assim, de repente, deixei para trás um grande número de pessoas que aqui elenco como um simples exercício de memória.

Cada um deles seria merecedor de um capítulo dessa biografia e com certeza seria enriquecedor, mas faltaria espaço nesse trabalho. Por contra, a partir do desembarque outras pessoas começaram a interagir comigo. A maioria dessas pessoas pertence à atualidade e não são exclusivamente conhecidos meus, eles podem muito bem pertencer à esfera de amigos comuns. Por isso, considerando que não gosto de falar da vida alheia, me limito a lembrar os nomes dos "passageiros" italianos: Cerisola Aldo, Sergio Trinchieri, Giuseppe Parodi, meus primos Elvio, Mauro e Roberto, (esse último foi, para mim, como um pai). Oreste Gagliardi, Vittorio Bovolo, Ranieri Giancarlo, Paolo Seccafen, Piccone Lorenzo, Ermanno Chiavacci, Frizzi Sergio, Fiorenzo Fernandez, Angelo Bertolotti, Bruno Broggi, Ettore Peirano, Bruno Maggiolo, Domenico Trevisan, Mauro Mora, Cornelio Silvio, Minetti Carlo, Aonzo Niccoló, Gaetano, Enrico, Maurizio Bovero, Mauro Povigna, Marcello Bonvicini, Roberto Cailani, Pollero Giuseppe, Egidio, Rossello Alberto, Daniele Tiscione. Entre as amigas: Fernanda Perotti, Frida Pantano, Grazia Baiguini, Marisa Mora.

PS: os nomes sublinhados desceram do trem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à última parte da dissertação, é necessário sistematizar as proposições e reflexões apresentadas ao longo do texto. Não me proponho a apresentar conclusões, tendo vista que, por fim, a atividade de pesquisa oferta muito mais possibilidades de questionamentos e de caminhos a serem percorridos.

Sendo assim, buscarei sistematizar as discussões tomando como “fio condutor” um elemento relativamente novo à discussão. Novo no sentido de que apesar de já se encontrar no texto, não foi observado ainda sob o enfoque agora proposto.

A hipótese defendida por mim nesta dissertação é a de que Riccardo Canesi seja um sujeito que seu Eu se identificou com a imagem do humano neoliberal, o humano líquido-moderno, e que seu comportamento, suas perspectivas, suas escolhas, seus relacionamentos com o mundo e com as pessoas estão fundamentados nessa imagem.

Defendo ainda que sua imigração para o Brasil tenha sido influenciada determinante por sua identificação com esse perfil neoliberal. E aponto como o “meio caminho da vida” de Canesi, ou seja, o episódio que o levou a decidir pela imigração, como o falecimento de sua ex-esposa. E atribuo ao trabalho do luto a função de transferir à imagem da Cocanha, materializada no Brasil, suas pulsões.

O elemento novo a esta discussão é trazido por Dosse (2001), quando afirma que, para além dos aspectos que já mencionei, o luto também exerce a função de cura para a memória. Mas, de que maneira essa “cura” pode ser observada, no caso de Canesi?

Dialogando com a discussão que envolve os lugares da memória, é possível ir para além da noção desses lugares como receptáculos da memória oficial, como museus, e entendê-los como espaços que, mediante a experiência vivenciada pelo sujeito, tomam uma significação própria a essas experiências. Sendo assim, posso atribuir à Itália, seja enquanto lugar físico, espaço geográfico, seja enquanto imagem, esse lugar de memória que o lembra sua primeira vida, à época a única.

A Itália e a Europa como um todo, especialmente sua parte ocidental, é o lugar que a narrativa chama de lugar de tecnologia, que é o lugar de civilização. A memória coletiva que envolve aquele lugar o representa dessa forma. Como membro desses grupos, Canesi entende esse lugar de acordo com a maneira que seus grupos o compreendem. Portanto, estar na Itália é compartilhar, atualizar e perpetuar a memória desse indivíduo com os grupos sociais que nele habitam.

Ao se encontrar diante da morte, diante da enfermidade da vida humana, foi necessário Canesi dar novos significados à sua própria vida. E, para Hollowachs (2003), a forma de se desvincular da memória coletiva é o distanciamento dos grupos que a produzem e perpetuam.

O desejo do narrador de experimentar, mesmo que temporariamente, outros lugares e eventualmente compartilhar valores e costumes que não os de seu lugar de origem pode ser observado em suas viagens e na importância que em suas memórias são atribuídos seus episódios na África. Pois, sobretudo, a África é uma das grandes oposições à Europa, alocada nesse *status* pelo próprio imaginário europeu, que Canesi carrega consigo em suas raízes.

De maneira que entendo suas viagens pelo mundo como ensaios à sua viagem derradeira. Mas não apenas suas viagens são exemplos desse desejo por um distanciamento da vida cotidiana, das práticas da vida do trabalho, do domínio do animus.

Os jogos também são meios de fuga do animus, especialmente por se tratar de jogos de azar. O jogo em sua realização produz um espaço próprio à sua prática, com regras e leis que só se aplicam a si, com uma temporalidade apenas sua, com mecanismos de relações entre jogadores que só existem enquanto da realização daquele jogo, inscrito em suas regras e delimitado pelas fronteiras de sua temporalidade e de seu espaço. Por isto Huinzinga (1980) afirma que o jogo e o ritual de cunho místico partem do mesmo princípio. Na realidade, chega a afirmar que o jogo e o ritual se confundem.

Posto nesses termos, os jogos de roleta tão apreciados por Canesi podem ser entendidos como uma busca pela alma, por uma experiência de episódios que se afastem das práticas da vida da civilização, do racional. Pois o propósito do jogo não é o enriquecimento, o acúmulo de riquezas que ele pode proporcionar. O propósito do jogo é jogar, é a busca pela vitória, estar tomado por aquela atividade que suspende, temporariamente, a ordem das coisas ordinárias, uma suspensão temporária da própria ordem. Inserindo, assim, o jogo no domínio da Cocanha.

A multiplicidade de experiências episódicas buscada por Canesi, ainda em sua “primeira vida”, só é realizável através do distanciamento dos seus grupos de origem. Mesmo quando esses episódios são vivenciados na companhia de pessoas próximas, pois nas viagens e nos jogos, normalmente, estava acompanhado de amigos, o próprio episódio tem também a função de reconfigurar as relações estabelecidas entre essas pessoas. De tal maneira que o comportamento individual e, conseqüentemente, o comportamento do grupo é outro.

A mudança de comportamento atribuo à natureza do episódio, vivenciados, normalmente, distante de seus lugares, na Itália, coloca aqueles indivíduos em outra posição. Já não são pessoas daquele lugar, estão em outro lugar. Estar diante do outro é um processo de afirmação de si. Mas essas vivências são experimentadas a partir da imagem que o Eu de Canesi tem sobre si, que é a imagem do homem neoliberal. E é por meio dessa perspectiva líquida que os episódios possuem seu propósito e fim sobre si.

Portanto, como ir à África não faria, sob circunstância alguma, de Canesi um africano, é possível pensar que esse europeu esteja como que num espaço “intermediário”, o que lhe possibilita determinados comportamentos. De que outra forma Canesi tiraria toda roupa se o episódio não estivesse sendo vivenciado em praias do norte da África? Mesmo sua cidade sendo uma cidade balneária, ele jamais ficou completamente despido lá.

Com isto não digo que a África convide ou desperte nos humanos que ali estão determinados comportamentos, tais como o da “incivilidade” da nudez pública. Assim cairia na argumentação de Montesquieu (1979), de que os lugares com temperaturas mais elevadas produzem sociedades menos formais, mais preguiçosas, mais propensas ao sexo do que às coisas que elevam o espírito. Como toda proposição racista, não tem fundamentação para essa conclusão senão o próprio senso de superioridade de quem a propôs.

O que quero observar é como aquele espaço, a África, é significado por Canesi pelo prisma de suas raízes de homem-europeu-branco-ocidental-neoliberal. Dito de outra forma, nem a África nem o Brasil são a Cocanha. Mas Canesi representa esses espaços dessa forma e entre as implicações dessa representação se encontra a prática de ficar nu na praia.

Em longo prazo, a intensa dinâmica de movimentação da vida líquida-moderna é responsável pelo desenraizamento do indivíduo (BAUMAN, 2001). Não que Canesi tenha perdido suas raízes, que são inclusive uma categoria trabalhada nesta dissertação, mas esse movimento, tanto no sentido de deslocamento no espaço quanto de deslocamento de práticas sociais, produz um estranhamento do seu Eu em relação ao seu lugar de origem. E também em relação ao mundo de modo geral. A vida do “turista” (BAUMAN, 1998) é baseada na consumação de seguidos episódios que acabam por desassociar o sujeito de uma noção de permanência, pertencimento, de fixação.

Freud (2019) estabeleceu o conceito de “infamiliar” ao nomear o que para ele é um sentimento de estranheza do Eu em relação ao mundo. O infamiliar é aquilo que se conhece, que se entende, que faz parte de sua vida, que é familiar, mas que mediante a percepção inconsciente da estranheza de tudo que o envolve a cultura, o Eu se entende

infamiliar em relação a tudo aquilo. Sendo que a estranheza da cultura é precisamente o que faz dela ser cultura, ou seja, ser uma produção das relações humanas e não um dado de natureza.

A aceleração da vida na modernidade líquida produz um sentimento de infamiliaridade nos seres humanos, tal é o exemplo de Canesi. Em sua narrativa isso se evidencia especialmente em seu retorno à Itália, no ano de 2016, 25 anos após sua partida, o episódio de seu retorno é marcado por um sentimento de alheamento à sua terra natal, não apenas pelo tempo e pela distância, mas por uma não identificação do seu Eu com aquele espaço e com os grupos que ele deixou lá, mas que agora lhes parecem tão estranhos, tão infamiliar.

Então retorno a Dosse e à cura da memória. Se encontrar diante da morte possibilitou a Canesi sua imigração e o distanciamento dos grupos com os quais ele compartilhava suas memórias e que por meio desse envolvimento condicionava seu Eu. O desligamento por um quarto de século destes, distanciou Canesi daquilo que na prática fazia dele um ser italiano, que é viver entre indivíduos que se identificam como italianos e, principalmente, na Itália. Ainda mais porque, contrariamente ao comportamento habitual do imigrante “clássico”, Canesi evitou estabelecer laços mais profundos com outros italianos em Alagoas.

Desse modo, há uma infamiliaridade de Canesi em relação à Itália por sua desvinculação aos grupos que ali vivem e que significam aquele lugar.

Por outro lado, ele também não é nem poderia ser um brasileiro, alagoano, maceioense. O que faz com que o Brasil seja também para ele um espaço infamiliar. A cura da sua memória veio mediante a um desenraizamento extremado tanto em relação à Itália, palco de sua primeira vida, o lugar de tecnologia, quanto em relação ao Brasil, palco de sua segunda vida, o lugar de natureza.

Tornando-o, assim, efetivamente um sujeito neoliberal voltado para sua individualidade e para os episódios vivenciados por ela. Tal qual o marinheiro que não pertence ao porto do qual partiu nem ao porto o qual será seu destino – pertence, de fato, ao mar que não é propriamente um lugar, mas sim o caminho, o movimento, a possibilidade mil.

E a imagem que me parece mais apropriada para essa vida baseada na busca pela não solidificação de uma identidade por meio da constante mudança é oferecida por outro italiano, Italo Calvino, em *As cidades invisíveis*:

No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolherá um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos, amizades, impropérios. Assim, suas vidas se renovam de mudança em mudança através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si (CAVLVINO, 1990, p. 62).

A mídia, o mercado, a educação estão na base de uma sociedade que busca a definição muito específica de sua individualidade, paradoxalmente, essa individualidade é atestada através da multiplicidade dos episódios que o indivíduo consegue alcançar, pois ter uma só vida não é mais o suficiente, pois a vida após a morte em sua eternidade foi incorporada às práticas culturais, em um processo de estabelecimento do neoliberalismo na Europa Ocidental.

É como se a internacionalização dos povos defendida pela esquerda, tivesse se transformado em uma internacionalização das identidades possíveis, um comércio no qual as identidades se tornam a principal mercadoria e a ascensão nessa sociedade é proporcional às suas condições de consumir essa mercadoria

Assim como os habitantes de Eutrópia, que ao cansar de sua vida cotidiana assumem outra vida, outra família, outro trabalho, outras dívidas e, principalmente, vão para outro lugar – é o ideal da vida neoliberal. Visto assim, a própria ideia de Cocanha é uma mercadoria no imaginário de Canesi. Foi possível para ele ter uma nova vida aqui em Maceió. A cidade sendo, para ele, um dos muitos territórios possíveis de Eutrópia, pois aqui ele constituiu uma nova família, novas moradias, novos amigos, novos trabalhos, uma nova identidade diferente da que ele tinha e das que a Europa poderia ofertar para ele.

E é assim que posso pensar no *giorno* e na *notte*, que dão título à minha dissertação, não como espaços que se dão naturalmente, nem que são fixos em suas representações. Quando aponto, por exemplo, os jogos em cassinos como um espaço de suspensão da ordem da vida cotidiana, aponto também para o entendimento que aqueles espaços são, quando da atividade do jogo, experiências com a *notte*, com a alma, embora muitos dos relatos de Canesi tenham ocorridos em países da Europa. Entretanto, nenhum dos relatos por ele elencados para serem narrados foi de jogos em cassinos italianos, mesmo ele tendo visitado muitos.

Na realidade, não consigo identificar na narrativa dos episódios vivenciados por Canesi relatos na Itália algum que possa inserir nos domínios da *notte*. A Itália aparece

sempre como fundamentação racional, moral, nacional, aparece sempre como suas raízes e um espaço no qual ele experimentou o *animus*, pois os episódios ocorridos na Itália e que são relatados pelo narrador envolvem família, economia, educação, trabalho, aposentadoria, luto. E mesmo o episódio que escapa da ordem do *animus*, que seria o do crime, é efetuado também na França, não só na Itália, pois o *animus* e a *anima* não são estados permanentes, são condições que podem ser experimentadas.

Assim, ao longo dos galhos desta dissertação procurei demonstrar de quais formas pude interpretar a narrativa de Canesi e como essas formas buscam evidenciar a multiplicidade de processos históricos, humanos, que posso encontrar nas memórias narradas por Canesi.

Procurei demonstrar também como que a perspectiva trabalhada nesta dissertação é uma perspectiva apontada pelo método que apliquei, o da Cápsula Narrativa. O que possibilitou uma abertura da narrativa de Canesi a partir de uma perspectiva da cultura, dos processos sociais de significação do mundo e da vida que podem ser observadas também na obra de Joseph Conrad, por exemplo, e como a imagem do marinheiro no mundo dele e materializada em sua obra por Charles Marlow foi produzida e produtora de representações que afetam profundamente a vida de um sujeito muito distante no tempo.

Busquei, por fim, contribuir com o estudo da sociedade alagoana e das muitas formas que ela é vivenciada e produzida, pois pela minha vivência da minha vida inteira em Maceió, a cidade nunca me pareceu ser adequada ao posto de utopia e ainda mais ao posto de utopia da Cocanha.

Mas, para Riccardo Canesi, formado por outras vivências sociais, viver em Maceió se mostrou como sendo o lugar ideal para se viver outra vida, para manter-se em um constante estado de movimento – entendendo a imigração como um permanente estado de movimento, pois não se é nem *daqui* nem se é mais de fato *de lá*, nem se é do Brasil nem se é mais efetivamente italiano, nem se é da *barbárie* nem se é mais de fato da *civilização*. Afinal, uma das principais características do país da Cocanha é estar fora do espaço, um não lugar, uma verdadeira utopia.

REFERÊNCIAS

- ABRAÃO, Janete. **Pesquisa e história**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.
- ALBERTI, Verena; FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- ARIÈS, Philippe. A História das mentalidades. *In*: LE GOFF, Jacques (Org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 154-179.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BARROS, José D'Assunção. Imaginário, mentalidades e psico-história: uma discussão historiográfica. **Revista Labirinto**, Porto Velho, Ano 4, n. 7, p. 1-29, 2005.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história: os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo**. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: 34, 2013.

- BIANINI, Thais Curi. **A memória**: medida ontológica do cosmos. São Paulo: Palas Athena, 1989.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1996.
- BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru: Edusc, 2001.
- BONIN, Luiz Fernando Rolim. Indivíduo, cultura e sociedade. *In*: STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOTTON, Alain de. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. *In*: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério (Orgs.). **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: Cosacnaify, 2011, p. 86-121.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **A escola dos annales**: A revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALDAS, Alberto Lins. Seis ensaios de história oral. **Caderno de Criação**, Porto Velho: UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, ano V, n. 15, p. 37-57, 1998.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins. **Calama**: uma comunidade no Rio Madeira. Tese, Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2000.
- CALDAS, Alberto Lins. **Nas águas do texto**: palavras, experiência e leitura em história oral. Porto Velho: Edufro, 2001.
- CALDAS, Alberto Lins. Pontuação em história oral. **Revista Zona de Impacto**, Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/pontu.htm>, 2008a.
- CALDAS, Alberto Lins. Pontuação. **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. Ano 2, n. 4, p. 163-167. São Paulo: NEHO, 2008b.
- CALDAS, Alberto Lins. Cápsula narrativa em história oral. **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. Ano 3, n. 6, p. 130-147. São Paulo: NEHO, 2009.

- CALDAS, Alberto Lins. **Experiência e narrativa**: uma introdução à história oral. Maceió: Edufal, 2013.
- CALDAS, Alberto Lins. **Espaço e oralidade**. Curitiba: Prisma, 2015.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à historiografia**. Bauru: EDUSC, 2003.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de dímbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- CIRIOT, Juar-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martín Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DODEBEI, Objetos e memória. **Objetos e memória**. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, Ano 9, n. 6, p. 227-243, 2016.
- DOSSE, François. **A história**. Bauru: EdUSC, 2003.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1993.
- ELIAS, Nibert. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- ESCOBARI, Daniela Marielles. **Quem da pátria sai a si mesmo escapa?: um estudo psicanalítico sobre migração**. São Paulo: Escuta, 2009.
- FALCON, Francisco. História e poder. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 61-89.
- FALCON, Francisco. **História cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Miniaurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 6, p. 314-332, 2002.

FOGEL, Gilvan. **Conhecer é criar**: um ensaio a partir de Friedrich Nietzsche. São Paulo: Discurso; Ijuí: Unijuí, 2005.

FINLEY, I. M. **História antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FLAUBERT, Gustave. **Novembro**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

FOGEL, Gilvan. **Conhecer é criar**: um ensaio a partir de Friedrich Nietzsche. São Paulo: Discurso; Ijuí: Unijuí, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O pensamento do exterior**. São Paulo: Princípio, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx**. São Paulo: Princípio, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha**: várias faces de uma utopia. Cotia: Ateliê, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dante Alighieri**: o poeta do absoluto. Cotia: Ateliê, 2000.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo: Educ; Escuta, 1996.

FREUD, Sigmund. **O ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011b.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose e perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de psicanálise**. Porto Alegre: L&PM, 2018b.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

- GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOETHE, J. W. **Escritos sobre literatura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HAMMURABI, Rei da Babilônia. **O Código de Hammurabi**. Petrópolis, Vozes, 1976.
- HALEY, Alex. **Raízes negras**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1979.
- HARTOG, François. **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Fabíola. **Experiência e memória**. Tese, Universidade de São Paulo-USP, Departamento de História, Doutorado em História Social, 2006.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOMERO. **Ilíada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. São Paulo: Scipione, 1996.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, Verena; FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Seminário da Prainha: limites e possibilidades da “ego-história”, como opção metodológica. **Clio Revista de Pesquisa Histórica**, n. 25, n. 2, p. 293-321, 2007.
- KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- LE GOFF, Jacques; Nora, Pierre (Org.). **História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, 3v.
- LEIRIS, Michel. **A idade viril**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MANDROU, Robert. A história das mentalidades. *In*: HIGOUNET, C. **História e historicidade**. Lisboa: Gradiva, 1988, p. 67-76.
- MAROTTA, Cláudia Otoni de Almeida. **O que é história das mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MARX, Karl. **Teses contra Feuerbach**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista**. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Loyola, 1991.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MAZZOLENI, Gilberto. **O planeta cultural: para uma antropologia histórica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.
- MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. **Do espírito das leis**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria, n. 34, p. 101-122, jul./dez. 2000.
- MOURA, Gerson. **História de uma história**. São Paulo: Edusp, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- NORA, Pierre. **Ensaio de ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. **Revista Projeto História**, 29/40, n. 10, São Paulo, 1993.
- PENNA, Antonio Gomes. Psicologia e história. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 6, p. 89-95, 1982.
- PLUTARCO. **Vidas paralelas**: volume quarto. São Paulo: Paumape, 1992a.
- PLUTARCO. **Vidas paralelas**: volume quinto. São Paulo: Paumape, 1992b.
- PRIORE, Mari Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, Ano 10, n. 19, p. 7-16, 2009.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- REICH, Wilhelm. **Materialismo dialético e psicanálise**. Lisboa: Presença, 1970.
- REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994.
- REIS, José Carlos. **Escola dos annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RENAULT, Emmanuel. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Devaneios do caminhante solitário**. Brasília: UnB, 1995.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia**: sobreviventes da fatura. Curitiba: Appris, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens**. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.
- STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- VOLTAIRE. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Escala, 2008.
- ABRAÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- Z Aidan Filho, Michel. **A crise da razão histórica**. Campinas: Papirus, 1989.